

IFN
322

FFC

CLASS.: 796.1 C 268m
TOMBO: 878-tese

SIMONE ROSSI CARDOSO

**MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS INFANTIS:
LEMBRAR E BRINCAR É SÓ COMEÇAR**



UNESP

Marília, maio

796.1
C268m
(tese) 878

1998

Termo de Aprovação

SIMONE ROSSI CARDOSO

MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS INFANTIS: lembrar e brincar é só começar

Orientanda: Simone Rossi Cardoso

Orientador: Dr. Raul Aragão Martins - Orientador

MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS INFANTIS:

LEMBRAR E BRINCAR É SÓ COMEÇAR

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP - Universidade Estadual Paulista, como exigência para obtenção do Título de Mestre.

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP - Universidade Estadual Paulista, como exigência para obtenção do Título de Mestre.

Prof. Dr. Raul Aragão Martins
Orientador

Área de concentração: Ensino na Educação Brasileira

Prof. Dr. Luiz Mario Belli

Orientador: **Prof. Dr. Raul Aragão Martins**

Prof. Dr. Maria Ap. T. Zamberlan

UNESP

Marília, maio de 1998



MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS INFANTIS: lembrar e brincar é só começar

Orientanda: Simone Rossi Cardoso

Orientador: Dr. Raul Aragão Martins - Orientador

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP - Universidade Estadual Paulista, como exigência para obtenção do Título de Mestre.

Prof^o. Dr^o. Raul Aragão Martins
Orientador

Prof^a. Dr^a. Luzia Marta Bellini

Prof^a. Dr^a. Maria Ap. T. Zamberlan

UNESP

Marília, maio de 1998



AGRADECIMENTOS

A uma dupla que nunca mediu esforços para me ver e fazer feliz. Aos meus pais, eles são os meus maiores acalentadores de sonhos. Ao Ri e a Carolina que a cada dia que passa me ensinam formas diferentes de enxergar a vida. Enfim, vocês formam um quarteto e tanto!

Ao trio Carolina que me faz sorrir, Júlia que de uma simples carta colorida me fez lembrar de por cores na vida e Ana Júlia, uma grande apreciadora de brincadeiras e de minhas histórias infantis. Desejo à vocês que brinquem bastante!

Aos amigos que conviveram ao meu lado no processo de construção do trabalho. Ufa, foi graças as muitas gargalhadas e cervejas!

A um amigo e professor especial que com sua simplicidade e respeito me faz crescer. À você Adriano, com muito orgulho e carinho!

A você, Marta que sempre é solidária nos momentos mais inesperados da vida. Seu apoio é tão imprescindível que nunca sei onde começa e onde termina!

Ao órgão financiador de pesquisa e formação, CNPq.

E finalmente, a uma pessoa que sem seu apoio este trabalho jamais poderia ter se construído, ao Raul, uma pessoa aberta ao novo, ao diálogo e a vida! É muito bom tê-lo como amigo! Valeu!!



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. MEMÓRIAS	12
1.1. Em busca de bolinhas perdidas	15
II. MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS	33
2.1. Jogos tradicionais infantis: um passeio pela memória	51
III. A METODOLOGIA QUE NORTEIA NOSSA PROPOSTA: do lazer à academia, da prática à teoria	69
IV. NOSSOS DADOS: os jogos na rua do bairro	76
4.1. O contato da pesquisadora	76
4.2. A seleção do grupo	80
4.3. O bairro	91
4.3.1. Quem é o grupo	96
4.3.2. A vizinhança	99
4.3.3. A rua	104
4.4. Relatos de rua: o cotidiano, o grupo e os jogos e brincadeiras tradicionais infantis	110
4.4.1. Brincando na rua: a transmissão e difusão dos jogos tradicionais infantis	126
4.4.2. Brincar e lembrar é só começar: existe influência do adulto e o brincar no grupo infantil?	147
V. MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS: o começo	174
5.1. Avós, pais e filhos: diferentes gerações	174
5.2. Crianças, jogos e brincadeiras	174
BIBLIOGRAFIA	174

"Deixe que a sua raiz vá ao fundo de sua alma. Sogue a seiva da fonte infinita de seu inconsciente e permaneça sempre verde." (Winnicott, 1994, p.13)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
I. MEMÓRIAS	12
1.1. Em busca de bolinhas perdidas.....	15
II. MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS	33
2.1. Jogos tradicionais infantis: um passeio pela memória.....	51
III. A METODOLOGIA QUE NORTEIA NOSSA PROPOSTA: do lazer à academia...da prática à teoria	69
IV. NOSSOS DADOS: os jogos na rua do bairro.....	76
4.1. O contato da pesquisadora.....	76
4.2. A seleção do grupo.....	80
4.3. O bairro.....	91
4.3.1. Quem é o grupo	96
4.3.2. A vizinhança.....	99
4.3.3. A rua.....	104
4.4. Relatos de rua: o cotidiano, o grupo e os jogos e brincadeiras tradicionais infantis.....	110
4.4.1. Brincando na rua: a transmissão e difusão dos jogos tradicionais infantis	126
4.4.2. Brincar e lembrar é só começar: existe influência do adulto e o brincar no grupo infantil?	147
V. MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS INFANTIS: lembrar e brincar é só começar	154
5.1. Avós, pais e filhos: diferentes gerações e a arte de jogar	154
5.2. Crianças, jogos e brincadeiras: um tesouro que ecoa no tempo.....	165
BIBLIOGRAFIA.....	174

CARDOSO, S. R. **Memória e jogos tradicionais infantis: lembrar e brincar é só começar.** Marília, 1998. 180p. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília.

RESUMO

Memórias e brincadeiras grandes preciosidades revividas desde tempos remotos até nossos dias. Lembranças e evocações, adultos em busca de tesouros bem guardados que renascem no brincar de gerações infantis e seus jogos. E você, onde mora as suas reminiscências infantis? Lembrar e brincar é só começar... Este estudo resgata os jogos tradicionais infantis praticados por grupos de crianças que brincam na rua. Como e quais são as brincadeiras mais jogadas pelas crianças? Que influência os adultos exercem na transmissão e difusão do repertório destes jogos infantis? Como se formam os grupos de crianças no ambiente da rua? O jogo tradicional infantil é caracterizado como coletivo, anônimo, que sofre transformações e transmitido de geração para geração constituindo portanto a memória da cultura de uma sociedade. Por meio do estudo de caso etnográfico, observamos, entrevistamos e convivemos no período de seis meses com algumas das inúmeras situações vividas pelo grupo de crianças que praticam e tem em seu repertório de brincadeiras, jogos caracterizados como tradicionais infantis. Inúmeros pesquisadores tem apontado o enfraquecimento da prática destes jogos na rua devido a grande transformação das cidades e espaços urbanos se tornarem cada vez mais movimentados e violentos. E então, nossas crianças estão deixando de praticá-los? Num primeiro momento, o sentimento de perda e a busca incessante do resgate da memória. Logo em seguida, um olhar com múltiplas possibilidades, em que novos ambientes estes jogos estão ressurgindo? Nos clubes, escolas e grupo de condomínios, brincadeiras e jogos tradicionais compartilham os mesmos espaços que os brinquedos eletrônicos de última geração. O brincar coletivamente, um elo necessário as relações e interações infantis. Portanto, nada mais sério do que criança brincando!

Palavras-chave: memória; jogos tradicionais; crianças.

CARDOSO, S. R. **Memory, and children's traditional games: to remember and to play you only have to begin.** Marília, 1998. 180p. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília.

ABSTRACT

Memories and games represent a great preciousness, which are re-enacted since ancient days: remembrances and evocations, adults in search of treasures well kept which are reborn in games of childhood generation. Several researches have pointed the debilitation of "plays of streets" due the great transformation happened in the urban spaces which are more and more busy and violent. And then, are our children leaving them aside? We found as more common expression related to these transformation, the feeling of loss and the redemption memory versus the multiple possibilities of changing. In which new environments are these games appearing again? Clubs, schools and groups of condominium children's games and traditional games share the same spaces with the electronic games. This study redeems the traditional children's games practiced for groups who play in the street. How and what are these more practised children's play? What are the influences the adults exercise on the transmission and diffusion of these children's plays repertory? How do these children's groups formed themselves in the street environment? The traditional children's games is characterized as collective, anonymous, passed down from generation to generation and with possible transformation, therefore, it constitutes the culture memory of one society. Through the ethnographic case, we observed, interviewed and lived together with some several situations lived by the children's group which played or had in their repertory of plays and games characterized as children's traditional during six months. The research reports: a child acts as the transmitter of the practice of their plays, but the adults have no influence on the transmission of the repertory in the street environment; the necessity to dominate new abilities in the games which were simpler before, and today are played on computers.

Keywords: memory; traditional; children.

INTRODUÇÃO

Naquele dia eu perguntava ao homem do circo: - De onde vocês são? E ele com um sorriso de menino e estrela nos olhos me respondeu: - Nós somos do mundo!

Perplexa pela leveza de sua resposta questionei como seriam as memórias das pessoas do circo. Saltimbancos, itinerantes e viajantes que caminham no chão de estrelas e me fazem sonhar. Onde andam estas lembranças do palhaço atrapalhado, do mágico sorridente e dos risos estridentes? Onde estão as brincadeiras, o pular fogueiras e plantar bananeiras?

Nossas memórias de quem são? É na conversa de meio-fio, no cheiro de bolo da vizinha... Comer batata quente, mexer com muita gente e de repente... um, dois, três meu, cala a boca já morreu. Mamãe dizia: - Parem de tanta

farra! Mas, o bom mesmo é algazarra. Ora, a infância é barulhenta. Olhe, olhe lá! Lá vem o “homê” da lambreta. Sai da rua! Olha o carro! Oba! Jogar bola no barro?

Você sabia que quem pula amarelinha não pode pisar na linha? Que joaninha dá sorte e se bater na bolinha de sabão explode? Que as nuvens são feitas de algodão doce e as bruxas passeiam com suas vassouras todas as sextas - feiras à noite? Quem vê uma estrela colorida pode fazer um pedido especial e que existe Papai Noel no Natal? Quem aponta o dedo para a estrela nasce uma verruga bem na ponta do nariz? Então você sabia?

Atentar o cachorro, brincar de zorro... Estrela-nova-cela... puxa o rabo da cadela quem saiu foi ela.

É bom acordar pela manhã e observar pela janela a rua. Com um olhar de jogador de figurinhas, amarelinhas e burquinhas é possível enxergar mais do que meros traços desenhados na rua. É confortante, pois a rua passa a ter características peculiares, seus riscos feitos de pó de tijolo e as marcas traçadas passam a ser referenciais de que crianças brincaram ali.

Através destes desenhos é possível lembrar dos gritos de um, dois, três meu, dois ou um, gool, lá vou eu... gritos que expressam emoções, desafios, traquinagens, manhas e artimanhas dos jogadores e suas brincadeiras. Esconderijos secretos, a imaginação de ser o homem invisível, de ser bom goleiro e companheiro¹.

¹ Ver o filme *O menino maluquinho*.



É como conto de fadas, tem sempre uma bruxa prá apavorar. O dragão comendo gente, a bela adormecida sem acordar. Tudo que o mestre mandar e a cabra cega sem enxergar. E você aprendeu e você esqueceu. Pique palcos tem distância, pé pisando em ovos vejam vocês. Um tal de pula fogueira, pistolas morteiras, vejam vocês. Pega a malhação de Judas e quebra-cabeças, vejam vocês. E você se escondeu e você não quis ver. Olha o bobo na berlinda, olha o pau no gato, polícia e ladrão. Tem carniça e palmatória, bem no teu porão. Você vive o faz de conta, diz que é de mentira, brinca até cair. Chicotinho tá queimando, mamãe posso ir? Pique palcos tem distância, pés pisando em ovos, bruxas e dragão. Um tal de pula fogueira e a cabra cega vai de roldão. Pega a malhação de Judas e um passarinho morto no chão. E você conheceu e você aprendeu. (Jardins de Infância, disco "Falso Brilhante" Elis Regina, Polygram)

Naquele dia, tudo era silêncio... A rua estava intacta, nenhum barulho era familiar, aconchegante ou ao menos interessante. As vozes cessaram e o grupo não apareceu. Aonde ele se escondeu? Não era um dia chuvoso e ninguém ficou em casa assistindo televisão. Será que alguém morreu? Acabou aquela farra? Vamos chamem todos para a algazarra... Empinar papagaio, cada macaco no seu galho... Assobiar até fazer bico, ei, cadê o Tônico? É naquele dia ficou a companhia do silêncio...

E então ela poderia se ver naquela velha cadeira de balanço, recordando o pique-esconde, suas peripécias quando brincava de berlinda ou seus pulos jogo da amarelinha... Quem sabe quando pequena fazendo fogueira com seus amigos para fazer o balão voar? Ah! Que lindo balão sob o grande céu que ninguém sabe onde vai dar.

Quem nunca se perguntou sobre o seu "eu", ou de onde veio e qual a essência da existência do universo? Quem nunca voou? Quem nunca brincou de



mágica? Quem nunca quis ser o grande mago Merlim²? Porque algumas histórias de fadas, príncipes e dragões nunca morrem? Porque gostamos de “Era uma vez...” ou talvez, balança caixão?

Como nos diz Benjamin (1984), muitos de nossos terrores e prazeres podem nascer da nossa velha e antiga caixa de brinquedos. E entre caracol, bolinhas de gude e Peter Pan³, uns vivem lembrando e outros tentando esquecer, as experiências da memória⁴.

O importante é sabermos que todos nós necessitamos ser lúdicos... Ou melhor, todos nós somos regados de ludicidade, fantasia e imaginação... Ser lúdico é um processo criativo daquilo que somos.

Segundo Fentress & Wickham (1992), estudarmos o modo que somos nos remete a própria memória. Isto é, somos além de tudo narradores, contadores de histórias como Forrest Gump⁵... Seja fictícia ou real, o modo que somos⁶ nos remete a nossa identidade de grupo e até o mais profundo âmago da vida: o seu subjetivo, seus tesouros bem guardados, seus medos, prazeres e desencantos.

Como já dito, porque um estudo daquilo ou da maneira pela qual somos? Porque um estudo da memória? Que relações existem entre memória,

² Ver o filme *A espada era a lei*.

³ Ver o filme *Hook: a volta do capitão gancho*.

⁴ Ver Fentress & Wickham (1992, p.36).

⁵ Ver o filme *Forrest Gump: o contador de histórias*.

⁶ “Somos aquilo de que nos lembramos.” (Fentress & Wickham, 1992, p.20).

homoludens e as brincadeiras infantis? De onde vem toda esta magia impregnada do real?

Foi buscando entender e conhecer as relações travadas entre o brincar e a vida cotidiana das crianças é que nos voltamos a um estudo do mundo infantil. Um mundo de fantasia e imaginação que com um olhar carinhoso deve ser respeitado e valorizado. Não pelo seu “tamanhico” como uns dizem, mas sim, por acreditar que estes pensam e possuem forma um tanto própria para explicar o mundo que os cerca. Seja um mundo mítico ou mágico, racional ou muitas vezes considerados ilógicos por alguns adultos, mas o que importa é que eles estão aí, descobrindo, fazendo relações e participando. Acredito, respeito a criança na qual ela é e está se constituindo e não na criança que alguns adultos se referem: “- *O que você quer ser quando crescer?*”

Poderíamos nos perguntar então, se um dia fomos crianças não conhecemos este mundo também? É muito difícil de respondermos pois, temos agora lembranças ou recordações de momentos que vivemos, mas não a explicação daquele mundo menor que expandiu-se... Não que este mundo seja menos que nosso quintal, mas sim refiro-me aos muitos adultos que representam a fonte que secou... E para outros, Papai Noel existe, dragões e gnomos também e, ainda hoje, estes são capazes de conhecer as coisas e admirarem-se com novas descobertas como crianças. Bom, mas estes são especiais...

Há certo tipo de pessoas que têm algo que distingue dos outros seres humanos. Pessoas assim possuem um instinto geralmente

encontrado apenas nas crianças pequenas: o instinto de estabelecer imediatamente o contato vital entre elas e todas as coisas do mundo. (MC-Cullers, 1987, p.31)

A proposta deste estudo com certeza envolverá aqueles que já brincaram na rua. Ei, você que está lendo, já brincou na rua? Ou talvez teve seu grupo para brincar, contar histórias ou fazer molecagens? É, molecagens como tocar a campainha e sair correndo, mexer com o cachorro da vizinha ou, quem sabia, fazer guerra de mamona...⁷

Por favor, pare um instante e tente trabalhar suas lembranças. Por curiosidade, suas recordações tem imagens, cores e cheiros? Que bom! Quem sabe neste momento você se deliciou como uma criança comendo um grande algodão doce!

“Mas aonde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora”⁸? Aonde se encontram os grupos de crianças que sentados em roda contavam histórias de terror, piadas e feitos heróicos como: mexer com o cachorro da vizinha, empinar papagaio, correr de bicicleta e as risadas debochadas que atormentavam os vizinhos no horário dos seus programas favoritos? Parece que as crianças adivinham a hora do programa e bombaaaaa! A hora do barulho!

⁷ Ver o filme *O menino maluquinho* e também a música de Milton Nascimento e Fernando Brant. *“Vida de moleque é vida boa, vida de menino é maluquina, Biant altas, rouba bandeira, tudo que é bom é brincadeira...”*

⁸ Ver Bósi (1987, p.40-1).

Vizinhos, pobres vizinhos! Que escutam da sua sala os risos e assobios, palavrões e brigas⁹. É mas, tudo não é tão tranquilo assim. Toda a rua tem sempre um vizinho rabugento que manda acabar com a algazarra. Esse, coitado! com certeza é “pego para cristo” será motivo de zombarias, gracejos mímicas. As crianças postuladas como donas da rua, no momento em que brincam sempre ridicularizam este senhor pelo tamanho do seu nariz, pela sua cara e caretas.

O interesse por um estudo sobre as brincadeiras infantis e os grupos de crianças que brincam na rua, surgiu de observações diárias voltadas à percepção de um certo enfraquecimento e até mesmo do desaparecimento destes grupos e suas práticas.

Influenciada pelas obras de Bósi (1987), Gonçalves (1988), Silva, Garcia e Ferrari (1989), relatos de memórias que expressam com grande emoção e um acentuado sentimento de perda, angústia e solidão devido à transformação de práticas, costumes, valores e o processo da industrialização na cidade de São Paulo. Transformações que afetaram, não só os espaços físicos, como também as imagens da memória, lembranças bem guardadas da rua pacata, das brincadeiras coletivas e os grupos que brincavam no ambiente da rua.

Seria, então, o fim da transmissão e difusão dos jogos tradicionais infantis? Ou melhor, esse aparente desaparecimento dessas brincadeiras estariam tomando nossos espaços em diferentes ambientes? Isto é, onde e do que as crianças

⁹ Ver Azevedo (1993).



brincam hoje? É o vídeo-game, controles mil, jogos computacionais de última geração?

É um fator determinante o desaparecimento de antigas práticas do brincar para dar lugar às novas e mais aperfeiçoadas tecnologias dos brinquedos? Seria possível a convivência dos jogos tradicionais infantis, o grupo, a construção artesanal de alguns brinquedos e o mais alto grau de sofisticação dos brinquedos e o domínio de novas formas e jeitos de jogar?

Com base nestes questionamentos propomos discutir a problemática do nosso estudo. Desejamos, *compreender como se dá a passagem pelo trabalho da memória de adultos para as crianças em termos de brincadeiras. Em outras palavras, como o 'tempo do lembrar' se vincula ao 'tempo do agora' pelo que chamamos de 'nós mágicos.'*¹⁰

O referencial teórico percorrido parte da pioneira obra *Memória coletiva* de Maurice Halbwachs (1990). Neste estudo, o autor retrata da vida cotidiana e a construção dos quadros sociais dos grupos relacionados a história e a memória coletiva. Utilizaremos também alguns autores que partiram deste mesmo estudo para explicar a construção da memória coletiva e a vida cotidiana.

Fentress & Wickham (1992), na obra *Memória Social*, inicia retratando Halbwachs como um pioneiro do estudo sobre a memória coletiva onde vão apoiar muitos de seus pensamentos sob o ponto de vista desta teoria. Neste

¹⁰ O termo "nós mágicos", será utilizado como o ato de recordar nossas memórias pessoais. (Chamoiseau, 1993).

estudo os autores estão voltados para como os indivíduos de um determinado grupo falam do seu passado, qual o significado destas vivências coletivas para quem fala, evoca e recorda. Ao invés de utilizarem o termo memória coletiva, os autores preferem utilizar *memória social* entendendo como *um estudo daquilo que somos*.

Estudo como o de Bósi (1987), resgata lembranças de velhos na cidade de S. Paulo: mostra-nos a função social da memória, constatando a situação e o espaço em que os velhos são colocados na sociedade através dos depoimentos das histórias de vida. Sua preocupação central está em resgatar a substância da memória, ou seja, “no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar as histórias de vida” (p.01). Isto é, pontes que ligam memórias individuais e coletivas à vida cotidiana.

Entre recortes do cotidiano, memórias e jogos tradicionais infantis, Kishimoto (1993; 1994; 1995), Friedmann (1992; 1996), auxiliaram-nos com seus estudos sobre a importância do brincar para as crianças nos dados referentes a: origem, conceituações e transmissões dos jogos tradicionais infantis.

Silva et al. (1989), apresenta um estudo sobre memórias e brincadeiras infantis, resgatando o olhar de quem um dia foi um grande jogador de rua. Fernandes (1981), Chateau (1987), tecem referenciais que retratam os jogos tradicionais e a formação de grupos infantis. Para melhor ilustrar a discussão de nossa pesquisa, adotamos o Estudo de Caso Etnográfico, como proposta metodológica. Nossa pesquisa de campo limitou-se a uma rua do bairro Jardim Universo, na cidade de Maringá-Pr.



O grupo selecionado constituiu-se de participantes adultos na faixa etária de 31 à 65 anos, sendo a quantidade de nove mães com idade de 31 à 47 anos, e três avós na faixa etária de 62 à 65 anos. Quanto ao grupo infantil a faixa etária varia de 05 à 13 anos, de característica mista composto de oito meninos e sete meninas.

Através de observações e práticas de brincadeiras infantis com o grupo escolhido, entrevistas individuais com crianças, pais e avós constituímos a coleta de dados e resultados deste estudo: uma reconstrução do grupo infantil e o brincar no ambiente da rua.

Crianças e a rua, crianças brincando com crianças, crianças aprendendo através de experiências de avós e pais, que um dia foram grandes jogadores de brincadeiras de rua.

Brincar e lembrar é só começar. Aos adultos ficam as evocações e recordações de brincadeiras de infância e às crianças o viver, criar, brincar e aprender, relações imprescindíveis para a formação da personalidade infantil.

*"O que poderia ligar
a companhia das coisas
que envelhecem com o tempo?"
(Bibi, 1989, p.300)*

I. MEMÓRIAS

Então Idoménée dizia: Mas o que é a memória? É a cola, é o espírito, é a seiva e fica. Sem memórias, nada de Cidade, nada de Bairros, nada de casa-grande. Quantas memórias? perguntava ela. Todas as memórias, respondia ele. Mesmo as que transportam o vento e os silêncios da noite. É preciso falar, contar, contar as histórias e viver as lendas. É por isso. Você também constrói a Cidade porque ali você põe as memórias, esclarecia meu Externos; (Chamoiseau, 1993, p.161)

O que você pensaria se no meio de um canteiro central entre duas avenidas movimentadas encontrasse uma bolinha de gude? O que pensar senão a certeza de que uma criança passou por ali! Quem seria esse anônimo jogador? Será que ele também sabe bater figurinhas? Quem seriam seus amigos de brincadeira? Afinal, estes jogos pedem a presença dos companheiros. Ele talvez não desconhecido amigo voltava da escola e no meio da multidão das coisas que envelhecem conosco?" (Bósi, 1987, p.360)

Isto nos faz lembrar da história de Peter Pan, o garoto que não queria crescer. No filme *Hook a volta do capitão Gancho*¹¹, o Tootle foi um garotinho, que com o passar do tempo tornou-se um senhor de idade que passa o dia inteiro à procura do seu tesouro perdido, um saquinho de bolinhas de gude. Saquinho este que era dele quando ainda vivia na Terra do Nunca.

A procura permanente deste seu saquinho tinha um significado muito especial. As bolinhas que ele encontrava despertava nele o impeto de quem ele realmente foi. Esta procura pela criança interior que não aceitamos perder.

I. MEMÓRIAS

Esta criança que nos faz sonhar, imaginar e desejar caramelos e picolés ao entardecer. Isto é a procura da criança que nele vivia, a criança que mora

Então Idoménée dizia: Mas o que é a memória? É a cola, é o espírito, é a seiva e fica. Sem memórias, nada de Cidade, nada de Bairros nada de casa-grande. Quantas memórias? perguntava ela. Todas as memórias, respondia ele. Mesmo as que transportam o vento e os silêncios da noite. É preciso falar, contar, contar as histórias e viver as lendas. É por isso. Você também constrói a Cidade porque ali você põe as memórias, esclarecia meu Esternome. (Chamoiseau, 1993, p.161)

O que você pensaria se no meio de um canteiro central entre duas avenidas movimentadas encontrasse uma bolinha de gude? O que pensar senão a certeza de que uma criança passou por ali! Quem seria esse anônimo jogador? Será que ele também sabe bater figurinhas? Quem seriam seus amigos de brincadeira? Afinal, estes jogos pedem a presença de companheiros. Bem, talvez nosso desconhecido amigo voltava da escola e no caminho de volta a sua bolinha caiu do bolso. É sua bolinha ficou bem ali, perdida na grama...

¹¹ Ver o filme *Hook, a volta do capitão Gancho*.

Isto nos faz lembrar da história de Peter Pan, o garoto que não queria crescer. No filme *Hook a volta do capitão Gancho*¹¹, tio Tootle foi um garotinho, que com o passar do tempo tornou-se um senhor de idade que passa o dia inteiro à procura de seu tesouro perdido, um saquinho de bolinhas de gude. Saquinho este que era dele quando ainda vivia na Terra do Nunca.

A procura permanente deste seu saquinho tinha um significado muito especial. As bolinhas que tanto Tootle procurava despertava nele o ímpeto de quem ele realmente foi. Esta procura pela criança interior que não aceitamos perder.

Esta criança que nos faz sonhar, imaginar e desejar caramelos e picolés ao entardecer. Isto é, a procura da criança que nele vivia, a criança que mora em cada um de nós revivida nas memórias de infância.

Suas recordações o incomodavam muito, pois nele vivia um urso que nunca adormecia, algo que nunca havia perdido: seu olhar infantil para fazer descobertas sobre o mundo, sobre a sua existência e sobre seus tesouros bem guardados. Tesouros que contam um pouco daquilo que ele já viveu, daquilo pelo qual ele se construiu, daquilo que o acompanha, e as memórias de quando fazia peripécias com os garotos perdidos.

Como um contador de histórias, tece suas memórias com as memórias do mundo. Halbwachs (1990, p.51) afirma que:

¹¹ Ver o filme *Hook, a volta do capitão gancho*.



... cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva que neste ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Tecer, como a arte da aranha que arquiteta fios construindo emaranhados sem começo nem fim, exprimindo fragilidade e beleza impelido pelo alento, na ligação do sopro da vida e as memórias do mundo.

Percorreremos, num primeiro momento, o caminho do sopro da vida entendido como vivências individuais simbioticamente ligadas com as memórias do mundo, limitando-as no sentido da formação e construção da memória de grupo.

Estabelecer esta relação se faz necessária devido ao fato de estarmos Tateando um conceito que abrange muitas áreas e diversas conceitualizações, pois, referir-mo-nos à memória implica caminhar desde a mais inconsciente lembrança e estruturação psíquica, cognitiva, afetiva, até as memórias coletivas e celebrativas em sociedade¹². Portanto, enfocaremos a relação existente no processo de construção da memória coletiva e sua ligação entre o grupo de pessoas que contribuem para esta formação através de suas experiências cotidianas.

¹² Fentress & Wickham (1992, p.08). É importante ressaltar que os autores tem como um dos referenciais teóricos Halbwachs (1990).

1.1. Em busca de bolinhas perdidas...

*...há um passado no meu presente, um sol bem quente lá no meu quintal, toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão...*¹³

Tio Tootle engatinhava pela sala de jantar gritando: “Perdi! Perdi!”

Como uma criança que procura por seu estimado brinquedo por todos os cantos da casa. Este homem idoso buscava o seu objeto para voltar a recordar suas memórias de infância.

Mas como recordamos nossas lembranças? Por que vivemos em busca de algumas lembranças e temos a sensação de perda, angústia ou em outras ocasiões prazer, emoção e êxtase? Por que nos transformamos em piratas ao invés de Peter Pan? É, algumas vezes saqueamos nós mesmos e de tesouro encantados transformamos em tesouro perdidos? Aonde se encontra aquela criança que mora em você? Por acaso ela está adormecida? Vamos, bata palmas, espreguice e acorde! É hora de despertar! E então, que tal brincarmos de recordar? Isto é, evocar experiências na roda da vida¹⁴.

¹³ Música de Milton Nascimento e Fernando Brant. *Bola de meia, bola de gude*.

¹⁴ Entende-se por recordar o ato de evocar e reconhecer as vivências contidas na memória. Vide *Dicionário de Filosofia* (1958, p.888-9), e memória também vista sob várias funções como: “*persistance du passé, la fixation des souvenirs, conservation, la reconnaissance...*” (*Dictionnaire de Philosophie Larrousse*, 1964, p.180).

Halbwacks (1990), faz um estudo sociológico da vida cotidiana, tendo como ponto central a construção da memória e seus quadros sociais, a relação entre memória e história pública. Apoiado na idéia de que a memória é uma faculdade individual expressa e construída a partir de evocações relacionadas com o grupo do qual o indivíduo faz parte, é através da memória coletiva que recompomos o passado, ou seja, a capacidade de *“reconstituir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo”*. (p.25)

Por mais sozinhos que nos encontremos quando estamos a lembrar, isto é, o ato individual de recordar, nossas lembranças são sempre coletivas, pois, parte de um grupo ou pessoas que também compartilharam de nossas experiências.

Quantas vezes necessitamos do outro para testemunhar e reestabelecer parte de nossa frágil memória? E então, cada indivíduo deixaria de ser um para se tornar o outro? Entendemos que partilharam momentos em que cada um era um e este de acordo com as diversas situações cotidianas funde-se no pensamento em comum com o outro. Cada um vive no outro a identidade do seu um. É... este tipo de memória não guardamos em disquete! *“A memória coletiva, por outro lado, envolve as memórias individuais mas não se confunde com elas”*. (Halbwacks, 1990, p.53).

É importante considerar a distinção existente entre as memórias individuais ou autobiográficas e parte da memória coletiva, ainda que a mesmas se completem. Segundo o autor a memória pessoal se apoia na memória coletiva, isto



é: “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história de nossa vida faz parte da história em geral”. (Halbwacks, 1990, p.55)

Como memória individual entende-se algo ligado ao ponto de vista das vivências mais significativas para determinada pessoa, ou seja, significativas recordações de momentos em grupo restrito, mesmo que busquemos apoiarmo-nos em pontos referenciais da sociedade. É a forma sentida e expressa pelo indivíduo que viveu. Halbwacks (1990), explica que as lembranças de um indivíduo estão atreladas a vivência com seu grupo, seu tempo, espaço e duração dessa comunidade.

Já a memória coletiva vai abranger os acontecimentos públicos do qual todos os membros de um grupo compartilham. Lembrar nossas experiências com os outros necessita não somente acatar idéias ditas como folhas de papel ao vento, mas algo muito mais sólido, aquela seiva a que se refere Esternome quando fala a Idoménée; algo que liga você aos outros, isto é, a ponte de lembranças em comum que identifica você e seu grupo, possibilitando, portanto, o resgate de lembranças e episódios passados.¹⁵

Para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças deste grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado. (Halbwacks, 1990, p.78)

¹⁵ Para Halbwacks (1990), a linguagem é vista como uma das vias para expressarmos nossas lembranças.



Neste sentido, a memória coletiva é entendida como:

... uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.
(Halbwachs, 1990, p.81)

É importante ressaltar que existe uma certa diferenciação entre memória coletiva e memória histórica apesar das duas se completarem como ressaltamos em páginas anteriores. A memória histórica se encarrega de resgatar o passado, resgatar correntes de pensamentos que não mais sobrevivem, suas divisões no tempo para conservar as imagens do passado no qual se apoia a memória. Assim, a memória histórica busca a continuidade dos acontecimentos no tempo, a religação entre passado e presente, reforçando a confortável ilusão do sentimento da imortalidade versus a perda, as ruínas, o desgaste, a mudança. Enquanto a memória coletiva ultrapassa a fronteira cristalizada do passado para reviver no movimento vivo das tradições e costumes dos grupos sociais.

... uma outra memória que chamáramos histórica, onde não pudemos conhecer, então, tão bem que por uma penetraríamos num meio na qual nossa vida já desenrolava sem disso nos percebermos, enquanto a outra nos colocaria em contato com nós mesmos ou com um eu alargado... Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória.
(Halbwachs, 1990, p.60)

Submerso na memória coletiva o grupo revive, conserva práticas e correntes de pensamento; apenas aquilo com o que se identifica e solidifica o coletivo. O grupo e sólidas relações existentes em comum, o melado que liga atos, práticas e memórias que ficam, que significam e que de acordo com que no momento é importante - guardar.

Halbwacks (1990), abrange algumas explicações sobre o que os grupos selecionam e quando é que se excluem algumas práticas e correntes de pensamento. Quanto à seletividade do que lembrar em grupo, a perda, o desapego e o esquecimento da memória coletiva também ocorre devido à dissolução do grupo que antes fazia o papel de guardião destes tesouros ou quando ocorre modificações de pensamento no centro de interesse deste grupo¹⁶.

Em certas ocasiões os indivíduos deixam de conviver no seu antigo grupo, para participar de outros, como afirma Halbwacks (1990), no momento em que fala dos quadros sociais da memória. A família, os vizinhos, o grupo no local que trabalha, o clube, dentre vários com os quais que interagimos no decorrer de nossa vida.

Tanto quanto existem diversos grupos existem também diversos tempos. *“Cada grupo definido localmente tem sua própria memória e uma representação de tempo que é somente dele”*. (Halbwacks, 1990, p.106)

¹⁶ Sobre os guardiões da memória de grupo na sociedade africana. (Halbwacks, 1990, p.84) e (Fentress & Wickham, 1992).



O tempo coletivo é visto como um agente que nos permite ter um ponto referencial das coisas que podemos conservar e lembrar sobre os acontecimentos vividos. Ele nos garante reviver, de forma consciente, determinadas lembranças, pois outras ficam submersas e borbulham como vulcões. Têm a força da água avassaladora que não nos deixa aquietar, estas sim nos incomodam e não nos deixam dormir. Estas estão sempre nos acordando para mergulharmos a fundo na descoberta do nosso próprio ser.

O que diferencia um grupo do outro, apesar de viverem numa mesma esfera social, é a forma com que cada grupo interpreta e dá significações aos fatos cotidianos. Sempre que puxamos pelo fio da memória nossas lembranças, nos situamos no presente e nos remetemos ao passado, ou seja, o indivíduo desloca seu pensamento referente ao grupo com o qual vive para se colocar no ponto de vista de um outro grupo com o qual conviveu.

Este narrador com os olhos no presente tece, reconstitui, recria e reconstrói suas experiências, dando-lhes um novo sentido. A lembrança, para ser trazida ao presente, necessita de pontos mnemônicos no tempo e no espaço. A infância e a rua, o trabalho e a fábrica, a casa nova, os vizinhos, aquele retrato, aquele sapato, um poema e aquela vez... uma única e inesquecível vez!

O gosto doce de goiaba na boca, o olhar que desponta, os desejos e frustrações em nossas lembranças têm um tempo e um espaço. O pirlim pim-pim que reconstrói nossas vivências quer mais uma vez aparecer ou desaparecer, ficar intacto ou dissolver, virar bolha de sabão e explodir... Permanecer apenas por algum

tempo ou imortalizar... Então, qual o mito em que você e seu grupo se encontram, participam e compartilham?

Para que exista memória de grupo deve existir um pensamento em comum. O grupo apoia suas memórias na história vivida. O espaço no qual faz parte e constrói, destrói e modifica. A mínima transformação deste ambiente ressoa ao grupo o início da perda de seus referenciais. Perder referenciais é ativar imediatamente a preservação, a garantia da sobrevivência, a resistência e, conseqüentemente, a reafirmação da busca pela estabilidade. Isto é, a negação do rompimento.

O estudo de Bósi (1987) resgata lembranças de velhos na cidade de São Paulo, mostrando-nos a função social da memória, constatando a situação e o espaço em que os velhos são colocados na sociedade através dos depoimentos das histórias de vida¹⁷. A preocupação central da autora está em resgatar a substância da memória, ou seja, *“no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar as histórias de vida”*. (p.01)

Transformações que afetaram, não só os espaços físicos, como também as imagens da memória, lembranças bem guardadas da rua pacata, das brincadeiras coletivas e dos grupos que brincavam no ambiente da rua. Isto é,

¹⁷ Na apresentação desta obra Chauí refere-se ao uso das histórias de vida como uma forma de valorizar as vivências dos grupos marginalizados. (p.XIX).



partindo do referencial apoiado em Halbwachs (1990, p.51) “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”¹⁸.

Bósi (1987), refere-se à construção da memória e sua socialização, retratando a função social da memória relacionada à sua transmissão e difusão ligada a histórias de vida e sua diferença com relação a memória histórica¹⁹.

A criança recebe do passado não só dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida das pessoas de idade que tornaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência para lidar com os dados do passado, mas não com a memória. (p.31)

Portanto, o objeto da história passa a ser a reconstrução do passado no sentido de dar continuidade na idéia de reatar uma certa linearidade, isto é, “... o passado para ela é aquilo que não está mais compreendido no domínio onde se estende, ainda, o pensamento de grupos atuais”. (Bósi, 1987, p.108) Enquanto que a memória coletiva guarda somente o que é significativo aos membros dos grupos sociais.

Focalizaremos na obra de Bósi, as idéias expressas pelos seus entrevistados com relação aos sentimentos e reconstruções de lembranças que em todas as falas é comum a idéia de perda e desconforto perante o mundo presente.

¹⁸ Bósi (1987, p.335).

¹⁹ A criança também está em contato com seus avós e através deles é até um passado ainda mais remoto que ela recria. (Halbwachs, 1990, p.65). Vide também Oliveira (1993).

A memória se constrói pelo tecer imagens cuidadosamente, por evocar significado afetivo daquilo que não queremos esquecer. É ligar com a seiva os cacos entre passado - presente a um determinado contexto. Este trabalho de construção e de enraizamento da memória é um ato permanente que os indivíduos exercem em grupo. *“Memória é um diamante bruto que precisa ser lapidado”*. (Bósi, 1987, p.XXIV)

A memória é olhar pela janela e inquietar-se, é o quebra cabeça sem peças determinadas, é o caminho que nunca sabemos aonde queremos chegar. Desejamos ficar ao alento, andando por itinerários distantes e com uma preocupação relevante: nos confortar. É o reviver pelo prazer, pelo refazer, pelo desprazer que nos traz o aprendizado. Portanto, deixar de lembrar é esquecer, e segundo Bósi (1987), *esquecer é morrer*.

Se, aos poucos, vamos nos esquecendo de algumas recordações é porque nosso vínculo com este determinado grupo se enfraqueceu. *“Esquecer um período de sua vida é perder o contato com aqueles que o rodeavam”*. (Bósi, 1987, p.32). Pensemos então na autora quando refere-se ao esquecimento como forma simbólica da morte: *“Esquecer é morrer”*. (p. XXIX)

Esta sensação de perda, de morte, de aflição e, portanto, o enfraquecimento de algumas lembranças é explicada devido às transformações sociais no interior dos grupos; é como se houvesse uma modificação de pensamento ou interesses por parte destes membros, ou seja, ao invés de continuidade encontramos a ruptura.

Quando evocamos recordações, temos que nos transportar sob o ponto de vista de determinado grupo do passado. De certa forma, este é o primeiro momento que nos damos conta de que nos afastamos daquele grupo para estabelecer novas relações em novos grupos.

Entramos em conflito entre a ilusão da imortalidade de nossas lembranças e a fragilidade de nossa memória. Descobrimos que não somos Mnemosyme²⁰, e que nossa imortalidade se desfaz na primeira sensação de perda, no momento em que tentamos puxar lembranças pelo fio da memória²¹ que se desfaz.

Na realidade, lembrar significa pensarmos na busca do sentido da vida, isto é, nos depararmos com aquilo que somos para nos identificarmos como membros de um grupo, pois ninguém gosta de ficar sozinho. A solidão é dor, portanto, gostamos de nos sentir protegidos, acalentados e acompanhados. Então, em alguns momentos não buscamos nossas recordações para nos acompanharem neles? Recriamos situações, canções, recordações para (como nos diz Bósi 1987, p.42), *“não perdermos o tônus vital...”*, assim como, *“o que poderia igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco?”* (p. 360)

Aquele porta-retrato, o velho baú do porão, a caixa com tampa de estrelas, o saquinho de bolinhas de gude, um saquinho com pedras, uma roupa,

²⁰ Vide Bósi (1987, p.XXIX).

²¹ O termo fio da memória é utilizado no sentido de mostrar a frágil ilusão que possuímos com relação a acreditar muitas vezes que temos organizada cronologicamente todos os episódios de nossas recordações.



naquela rua... como canta Caetano²²: “alguma coisa acontece no meu coração, é só quando cruza a Ipiranga com a Avenida S.João”. Porque trazemos conosco certos objetos que, de consumo, passam a ser afetivos?

Recorremos a eles quando lembramos, porque buscamos dar sentido à vida no momento em que sentimos a perda. Buscamos uma explicação daquilo que vivemos, buscamos “retornar tudo o que deixou à luz do sol” (p. 48), buscamos a companhia ao invés de relatos de solidão. Alguém precisa ouvir, mesmo que esse alguém seja eu mesmo, existe a necessidade de reconstruir sentidos, de re-ligar os tempos onde posso ainda identificar o meu eu com aquilo que hoje sou. É preciso afugentar, na verdade, o tremor angustiante do abandono²³.

E, então, nos vem o sentimento angustiante e indiscutível do que significam as perdas e a carência dessa outra socialização quando nos falta ou quando nos vier a faltar. (p. 354)

Necessitamos da ilusão da continuidade para nos confortar, refazemos caminhos, recriamos situações, vibramos com nossas conquistas e nos emocionamos ao olhar para trás e confrontar com sabedorias de vida.

Buscamos dar sentido a nossas recordações para nos lembrarmos daquilo que somos. Estamos, na verdade, buscando explicar nós mesmos e nossas

²² Música de Caetano Veloso, “Sampa”.

²³ Resgatando a terminologia francesa sobre a palavra lembrar, Bósi (1987, p.09), retrata:... em francês ‘se souvenir’, significaria um movimento de vir de baixo: Sous-venir, vir à tona o que está submerso.

relações vividas com os outros. Prolongamos o tempo, revivemos histórias, reciclamos tradições. Esses são tesouros que ecoam com e no tempo. Mas, o que é importante recordar socialmente? O que guardamos no nosso baú coletivo? Porque conservamos algumas coisas e jogamos fora outras?

Fentress & Wickham (1992) tem como referencial Halbwachs (1990), retratando-o como um pioneiro do estudo sobre a memória coletiva.

Seguir Halbwachs neste campo é elaborar uma concepção de memória que sem deixar de prestar plena justiça ao lado coletivo da vida consciente de cada um, não faça do indivíduo uma espécie de autômato, passivamente obediente à vontade coletiva interiorizada. (p.07)

Neste estudo, os autores estão voltados para como os indivíduos de um determinado grupo falam do seu passado, qual o significado destas vivências coletivas para quem fala, evoca e recorda. Ao invés de utilizarem o termo memória coletiva, os autores preferem utilizar memória social, entendendo como um estudo daquilo que somos.

Porque um estudo daquilo que somos? Quando o objeto de pesquisa é o significado do tempo passado e os seus narradores, como podemos afirmar ou distinguir os fatos reais dos fictícios e imaginários? Para os autores, neste caso, o que importa não é questionar a veracidade dos episódios mas sim, entender como ocorre o processo de estruturação e transmissão do que é recuperado pelo grupo via memória social. Isto é, o que e como emprestam do passado antigas

práticas e contribuições, revivendo-as e recriando-as no interior do grupo do qual participa.

De acordo com Halbwachs (1990), memória social e memória individual constituem uma via de mão dupla e é através da articulação de nossas lembranças que colocamos um pouco de nós e conhecemos um pouco do outro. É importante ressaltar que memória social e individual não se confundem, mas se completam²⁴.

Somos aquilo que lembramos, e se nossas recordações sobrevivem ao tempo é devido à forma que, tanto nós quanto nosso grupo utiliza-se via linguagem para propagá-la. Isto é, graças ao modo como determinado grupo transmite e difunde idéias, seus costumes e tradições no seu interior²⁵.

A memória objetiva é simplesmente o melhor veículo para transportar informação; é o aspecto de nossa memória mais facilmente acessível aos outros. Esta distinção não tem nada a ver com a estrutura da memória, é antes um fato social. (Frentress & Wickham, 1992, p.19)

Na obra “Memória Social” diversos estudos de diferentes autores relatam a dicotomia entre memória oral e memória escrita. Segundo estes estudos, os autores enfatizam a idéia que inúmeras sociedades não mais utilizam a memória

²⁴ Buscando a obra *Memória coletiva* como referência principal lembremos duas passagens que nos ajudaria a esclarecer, a primeira como memória individual como parte da memória coletiva e a segunda a distinção entre memória individual e coletiva citada.

²⁵ Fentress & Wickham (1992, p.79) referem-se a transmissão como a veiculação de informações e a difusão como a incorporação de idéias e valores assumidas pelo grupo.

oral para apreender e transmitir conhecimentos. Relatam que, após o uso da memória escrita, houve o abandono da oralidade.

Já Fentress & Wickham (1992) discordam, apontando que continuamos a utilizar tanto a memória oral quanto a escrita. O que vai diferenciar é que algumas sociedades dão mais ênfase a uma linguagem do que a outra, assim influenciando, de certo modo, a construção da memória coletiva.

Acreditando na propagação de nossas lembranças coletivas ligadas à linguagem, o processo apresentado pela exteriorização das mesmas passa por uma série de construções.

Fentress & Wickham (1992) ressaltam que a memória social ... o que tem de valor na memória não é a sua capacidade de providenciar um fundamento inabalável ao conhecimento, mas, simplesmente, a sua capacidade de nos manter à tona da água. (Fentress & Wickham, 1990, p.40)

Quando buscamos “puxar o fio da memória”²⁶, tentamos reconhecer ou identificar algo vindo de experiências já vividas, evocamos, ou seja, agimos de forma ativa para recordar e, finalmente, articulamos na forma de linguagem. Neste caso incluímos também a linguagem não-verbal, como nossa expressão corporal, gestual, para expressarmos nossas reminiscências, nossas histórias e aventuras.

²⁶ Os autores trabalham aqui a distinção da memória passiva quando conservamos e estocamos informações e a memória ativa, a evocação se recordações ou como nos diz Bósi (1987, p.09) *...trazer à tona o que está submerso.*

Tanto Halbwacks (1990), Bósi (1987) e Frentress & Wickham (1992), afirmam a necessidade que todos nós, temos de buscar auxílio nos objetos, nos espaços e no contexto que nos cerca. Sem nos transportarmos a estes referenciais, parte de nossas evocações se tornaria incompleta. Buscamos nos objetos, no contexto, aparentemente na materialidade, um apoio para a reconstrução²⁷ de nossas lembranças passadas.

Na verdade, guardamos, construímos e reconstruímos no espírito estas imagens como “aide-memoire” para nos lembrarmos do significado de nossas lembranças. Estes nos servem como referenciais, pontos de apoio àquilo que queremos expressar²⁸.

Fentress & Wickham (1992), ressaltam que a memória social fixa-se naquilo que ainda é vivido, portanto, lembrar ou reviver práticas remete diretamente a um contexto próprio. Partindo, então, de uma especificidade de valores no tempo e no espaço de um grupo, o foco que irá conservar ou eliminar determinada tradição, será de acordo com a intensidade dada à articulação, ou seja, depende da estruturação e organização da transmissão e difusão destas práticas no cotidiano.

²⁷ Kenski (1995, p.147), no texto sobre o conceito de memória, retrata as idéias de Halbwacks sendo este: “... a reconstrução alterada do passado de acordo com os valores e referências culturais do grupo social ao qual o sujeito da memória pertence a atualidade.”

²⁸ Vide Bósi (1987) e Silva et al. (1989) os depoimentos e os seus narradores.

A seletividade das práticas das tradições refere-se à relevância da memória relacionada ao grupo que recorda; é conservado aquilo que faz parte da identidade do grupo. Segundo os autores, a perda da tradição se dá à medida em que o grupo não mantém o seu significado no interior de suas vivências, incorporando novos valores no contexto, buscando novos significados à prática cotidiana.

Há que nunca se esquecer que a memória é uma busca ativa do significado. Por vezes, a memória social não perde informação específica, ignora-se intencionalmente (Fentress & Wickham, 1992, p.94)

Halbwachs (1990), afirma que a perda das tradições se dá à medida em que os membros de um grupo se dissociam. Bósi (1987), mostra-nos, através do estudo de relatos e seus narradores, os guardiões dos tesouros como função social dos velhos na sociedade contemporânea. Fentress & Wickham (1992), reforçam e retratam o caráter da intencionalidade do que deve-se lembrar socialmente.

Estes últimos autores nos lembram que, muitas vezes, do grande baú coletivo, algo deve se perder para dar espaço às novas coisas a se lembrar²⁹. Existe também um contexto maior que envolve a especificidade dos grupos; este tem, por sua vez, uma interferência no que selecionar para ser lembrado.

²⁹ Vide Fentress & Wickham (1992) retratam estudos da construção da memória social em grupos específicos.

²⁹ Vide Fentress & Wickham (1992, p.244).



O que devemos lembrar em sociedade? Uma das afirmações apresentadas por aqueles autores é a de que as alterações de tradições e práticas acontecem à medida em que é aceito em sociedade. Isto vem a explicar que o processo da transmissão oral passa por uma série de transformações que são reinterpretadas e com novos significados podem sobreviver no tempo³⁰.

³⁰ Vide Frentess & Wickham (1992) retratam estudos da construção da memória social em grupos específicos.



II. MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS

*espiral após espiral pela concha da memória que
ainda nos liga (Frentress & Wickham, 1992, p.241)*

Convido agora Tio Tootle para pegar seu saquinho de bolinhas de gude e, ao invés de gritar: - Perdi! Perdi! nos ajude abrir o grande baú coletivo. Vamos mexer em nossos "souvenirs"²¹. Que coisas encontramos aí nas teias e brechós de nossos entulhos? Alguns papéis possíveis de reciclar? Então, o que reciclamos? O que recriamos ou o que vendemos aos sebos para ser comprado por outras pessoas?

Imaginem que significado tem *"Se desejamos que as memórias perdurem que sejam coloridas, refletidas em bolhas de sabão dançando ao alento."* ou vendê-las a um sebo, poderia expressar um compromisso?

²¹ Palavra de origem francesa que significa: "memories: fait de se souvenir, réminiscence, avoir de nouveau présente à l'esprit." (Les dictionnaires Robsonnet, Canadá, 1985, s/p).

podem podar-se ser despertados?

Como mágicos de circo e as memórias tecidas em diversos itinerários percorreremos através de nossas experiências, um mundo de surpresas, tristezas, prazeres, descobertas, ludicidade, metamorfose da dor em poesia, da folia, do perder e achar, do querer, omitir e desejar, de fazer dormir e despertar.

II. MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS

Como alguns animais e homens não engrenam a realidade de modo imediato, face a face, por causa dos vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana. (Cassirer in: Teves, 1992, p.168-9)

Vamos, então, *espiral após espiral pela concha da memória que ainda nos liga (Frentress & Wickham, 1992, p.241)*

Pandora³² abra sua caixa e Mnemosyne³³ teça, com o fio de Ariadne³⁴, o labirinto entre o lembrar e as brincadeiras de infância.

Convido agora Tio Tootle para pegar seu saquinho de bolinhas de gude e, ao invés de gritar: - Perdi! Perdi! nos ajude abrir o grande baú coletivo.

Vamos mexer em nossos “souvenirs”³¹. Que coisas encontramos aí nas teias e brechós de nossos entulhos? Alguns papéis possíveis de reciclar? Então, o que reciclamos? O que recriamos ou o que vendemos aos sebos para ser comprado por outras pessoas?

Primeira deusa grega feita por Zeus dotada de todas as qualidades como: beleza, inteligência, amabilidade e que representava uma ameaça aos outros deuses por desejá-la. Pandora recebe de Júpiter uma caixa.

Imagemem que significado teria um objeto que ao nos desfazermos ou vendermos a um sebo, poderia expressar para um comprador anônimo? Que

Deusa grega que representa a memória. Ajuda que a caixa de fazer contos e passos. (Ensayo de un diccionario Mitológico Universal, 1958). (Diccionario Editorias. Ocioário de Mitología Universal, 1953).

Deusa grega que indicou com um fio a saída do difícil labirinto do Minotauro ao herói Teseu. (Ensayo de un diccionario Mitológico Universal, 1958 p.53). (Campbell, 1988). É importante

³¹ Palavra de origem francesa que significa: “memoire: fait de se souvenir, réminiscence, avoir de nouveau présente à l'esprit.” (Les dictionnaire Robsonert: Canadá, 1985, s/p).

sonhos poderiam ser despertados?

Como mágicos de circo e as memórias tecidas em diversos itinerários percorreremos através de nossas experiências, um mundo de surpresas, tristezas, prazeres, descobertas, ludicidade, metamorfose da dor em poesia, da folia, do perder e achar, do querer, omitir e desejar, de fazer dormir e despertar...

Como animal simbólico o homem não enfrenta a realidade de modo imediato, face a face, por causa dos vários fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana. (Cassirer In: Teves, 1992, p.168-9)

Vamos, então, pegar carona na cauda do cometa e neste mundo inventado, vivido, recriado, real, imaginário, fictício e partilhado permitir que Pandora³² abra sua caixa e Mnemosyne³³ teça, com o fio de Ariadne³⁴, o labirinto entre o lembrar e as brincadeiras de infância.

Pandora abre a grande caixa e Mnemosyne mostra-nos a imortalidade, e ao encontro da afirmação da existência humana nos encontramos

³² Primeira deusa grega feita por Zeus dotada de todas as qualidades como: beleza, inteligência, amabilidade e que representava uma ameaça aos outros deuses por desejá-la. Pandora recebe de Júpiter uma caixa, mas seu irmão avisa-a para não abrir. Ela abre a caixa e liberta todas as pragas da humanidade, restando-lhe apenas nesta caixa a esperança. (Ensayo de un diccionario Mitológico Universal, 1958, p.495). É importante ressaltar que a estrela é tida como o símbolo da esperança, a luz, o caminho que nos conduz fora do obscuro. (Chavalier & Gheerbrant, 1994).

³³ Deusa grega que representa a memória. Aquela que é capaz de fazer acordar o passado. (Ensayo de un diccionario Mitológico Universal, 1958). (Dicionário Editoras. Dicionário de latim-português, 1983).

³⁴ Deusa grega que indicou com um fio a saída do difícil labirinto do Minotauro ao herói Teseu. (Ensayo de un diccionario Mitológico Universal, 1958, p.53). (Campbell, 1988). É importante ressaltar que o fio de Ariadne significa: "o agente de ligação do retorno a luz." (Chavalier, e Gheerbrant, 1994).

com os grupos no qual todos participamos, tendo como guia o fio de Ariadne para tecermos referências nestes nebulosos caminhos.

Iremos entrar na pele do animador cultural ou teatralizar nossas histórias, reafirmando e confortando a perda angustiante de referenciais que escorreram pelas nossas mãos. Procuraremos, também, entender os momentos de mudanças, renascimentos de novos grupos.

Reciclamos imagens, reconstruímos, via sensações, nossas lembranças, trazemos a luz do sol, à criança adormecida. Acordamos ursos como nos relatam os xamãs³⁵. Podemos nos referir também à psicologia com o conceito de criança interior, inteligência criativa que quando reprimida definhamos, isto é, precisamos libertar o olhar que brilha para sermos nós mesmos, viver, descobrir e conhecer cada dia como se fosse único.

Imaginar, criar, sonhar é uma das possibilidades que nossa memória nos oferece como forma de tomarmos consciência de coisas que não sabemos como lidar no plano real. Afirmamos nossa existência, confortamos nossas angústias e em questão de segundos damos um passo imaginário à imortalidade.

Kishimoto (1995), aponta alguns motivos porque reconstituímos nossas memórias. O primeiro deles é que expressamos a visão de infância atrelada ao contexto e valores da nossa sociedade relacionados à forma de educar as

³⁵ Qualquer que tenha sido a escuridão interior em que os xamãs daquelas cavernas mergulharam, em seus transe, algo semelhante deve estar adormecido em nós, e nos visita à noite, no sono. (Campbell, 1990, p.73)

crianças. E um outro é devido à mescla das memórias pessoais vividas no tempo da infância.

Quando nos tornamos senhores de nós mesmos, somos nossos próprios super heróis e nossos próprios mitos. Lembrar a infância é passear pela ponte do pirlim pin-pin, onde tudo é possível. É possível viver o que desejamos e que as circunstâncias da vida nos privaram.

A necessidade da ludicidade nasce da capacidade criativa de simbolizar aquilo que conscientemente não conseguimos explicar, pois o dia em que deixarmos de ser lúdicos, com certeza, abandonaremos a função dos mitos em nossa vida. Deixaremos de sonhar e, então, nossos músculos enrijecerão a tal ponto que nos esqueceremos de como é sentir a brisa em nossa face e o alento que sempre o acompanhou.

A intencionalidade e intensidade com que evocamos nossas recordações vem acompanhada de fortes sensações, de olhos que sorriem, de mãos trêmulas e molhadas, de lábios tensos e lágrimas que lavam a alma.

Na obra *Memória e Brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*, Silva et al. (1989), partem da reconstrução de dados históricos para resgatar a importância do significado das brincadeiras e a memória coletiva. Através do estudo etnográfico e relatos de histórias pessoais, retratam também o papel da criança na sociedade.

Neste estudo a atenção está voltada para o significado do brincar no passado. Segundo Silva et al. (1989), as brincadeiras tradicionais infantis inserem a criança na memória coletiva, enriquecendo, assim, as experiências de vida e fortalecendo o elo entre o que é pessoal e a participação social na vida do grupo.



Nos construímos com o outro. Esta via de mão dupla é que nos faz ser “eu” e a intensa necessidade de nos identificarmos e sermos aceitos pelo grupo.

Como orientação metodológica foi utilizado o resgate de narrativas para a reconstrução do brincar nas primeiras décadas do século XX, ressaltando a importância dos relatos dos narradores, como: *“lembrar é muito mais uma atitude... do que um exercício intelectual.”* (Silva et al., 1989, p.33)

Na verdade, a função destes narradores é intercambiar vivências tanto suas quanto as que recebeu de outras gerações. Um passeio com o outro que encontrou com um e que conheceu um outro, que visitava o amigo do amigo que um dia passou pela rua e escutou, falou, contou... *“onde eu aprendi as brincadeiras e coisas que a gente fazia... Ah!... isso é na rua, com os amigos, né?”* (Silva et al., 1989, p.99)

A rua, o grande palco dos acontecimentos. Relatos do cotidiano, o bar da esquina, a praça, os espaços públicos: locais que proporcionam o encontro das crianças, dos vizinhos e das brincadeiras. Traz também, as transformações da cidade grande, as mudanças no espaço e o olhar angustiante da perda de alguns referenciais.

Relatos que expressam a avassaladora perda do próprio tempo de infância, de modificações espaciais entre o passado e o presente, juntamente com o surgimento da necessidade de adaptação, relacionado ao crescimento da pacata cidade.

Para melhor ilustrar o ambiente da rua e o processo de formação dos grupos infantis, Fernandes (In: Silva et al., 1989), ressalta a importância da formação desses grupos e a contribuição à socialização e construção da

personalidade infantil. Via de mão dupla entre os elementos do passado e os grupos no seu contexto, no caso, a vizinhança. Analisando os elementos que contribuem para esta formação estão: o espaço público, as relações travadas pelas crianças no ato do brincar, o repertório selecionado pelo grupo e os valores perpetuados na mentalidade popular.

Festas Juninas, procissões, natais, comícios, S. Pedro, Santo Antônio... mão na mula, casinha, esconde-esconde... peteca, pião e rolimã. Parlendas, contar histórias e adivinhações, jogos que, de boca em boca, quem conta um conto aumenta um ponto. “Se quem tem boca vai a Roma”, foi também à Grécia, à África, ao Alasca, ao Norte e ao Sul, viajou tanto... mais tanto... que nunca mais parou.

Parou ou não parou? Morreu ou renasceu? Nos relatos, as marcas das transformações, a construção de brinquedos versus a “Estrela”, hoje nossa companheira, nossa diversão³⁶. O sentimento nostálgico veio à tona para buscarmos os cacos do nosso passado tão recente e de transformações monstruosas. “*Não tem mais espaço para brincar.*” (Silva et al., 1989, p.118)

“*Mas aonde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora?*”³⁷ onde se encontram os grupos de crianças que, sentados em roda, contavam histórias de terror, piadas e feitos heróicos, como: mexer com o cachorro

³⁶ Música veiculada na propaganda de lançamento de novos brinquedos da Estrela em homenagem ao dia das crianças. “*A Estrela é nossa companheira, nossa brincadeira nossa diversão. A Estrela conhece a gente e a cada presente uma nova emoção. Todo segredo de um brinquedo vive na nossa emoção. Toda a criança tem uma estrela dentro do coração. A Estrela estrelando, o sonho é da gente e a gente brincando feliz...*” Vide, Oliveira, (1986, p.43), sobre o discurso empresarial do gerente da Estrela como fazer as crianças sorrirem e se tornarem um consumidor em potencial.

³⁷ Gonçalves (In: Novaes, 1988, p.100).

da vizinha, empinar papagaio, correr de bicicleta e as risadas debochadas que atormentam os vizinhos no horário dos seus programas favoritos?

Gonçalves (In: Novaes, 1988), toca em pontos frágeis e sensíveis que nos fazem questionar de que coisas somos constituídos, de que capacidade dispomos de simbolizar e valorizar determinadas experiências, conservar práticas sociais para mantermos nossas raízes.

O tremor entre o apego e o desenraizamento, a dor da alma coletiva, o olho e o olhar, o ver e evocar; viajamos em referenciais construídos por um grupo, podendo, assim, expressar as experiências cotidianas.

O espaço nos remete a evocações. A cidade, a rua, a praça são contextos que ilustram o ambiente vivido. É no significado das alterações entre os indivíduos que ali habitam que estão os desafios e acidentes da vida. Relações carregadas de significados que demarcam espaços, cimentam e fomentam grupos, estabelecem marcos territoriais simbólicos com múltiplos sentidos.

Retratando a memória que vive o passado, Gonçalves (In: Novaes, 1988) tem como guia central a obra de Bósi - *Memória e sociedade: lembranças de velhos*; sensível, compreensível, distante, angustiante, desgarrado, emocionado o olhar do velho são lembranças esculpidas. Ligar com seivas os cacos, pontes do ir e vir que fazem fluir sabedorias de vida: reflexões do tempo que se foi ou o reconhecimento de suas vivências no tempo, onde nascer e morrer são formas simbólicas e revigorantes de exalar suspiros carregados de experiências.

Uma experiência possui plasticidade: não fixa saberes, remetendo sempre nossa atenção para os sentidos inesgotáveis de práxis.

Possui perceptibilidade: oferece traços inconfundíveis que a singularizam. Possui realizabilidade: impõe-se como realidade incontestável através das diversas interpretações que pode sustentar. (Gonçalves, In: Novaes, 1988, p.98)

O autor reforça a idéia já trabalhada por Bósi (1987), em que a memória coletiva é inserida e transmitida por que vivemos diariamente, porque socializamos e desta relação as crianças participam. Para elas, um mundo aberto a captar e vivenciar tudo o que lhes oferecem. As crianças, quando em contato com os mais velhos, mergulham um pouco em práticas que as antecedem e por meio deles são iniciadas a aprender um pouco da cultura de seu povo.

Baseados em Weil (In: Novaes, 1988), tanto Bósi (1987), quanto Gonçalves (1988), falam de sofrimentos da alma relacionados entre apego e desapego. O desenraizamento é uma doença da sociedade que leva os homens a uma morte simbólica ou ao mais alto grau de violência. Apegar-se a algo é uma necessidade fundamental humana e, portanto, afirmamos nossa existência, nos identificamos com o outro para termos certeza que ainda não estamos sós.

Existe o tempo mecânico e o tempo corporal. O primeiro é tão rígido e metálico quanto um imenso pêndulo de ferro que balança prá lá e prá cá, prá lá e prá cá, prá lá e prá cá. O segundo se contorce e remexe como uma enchova na baía. O primeiro é determinado; o segundo toma decisões à medida que avança... Onde os dois tempos se encontram, o desespero. Onde os dois tempos se afastam, a satisfação. Cada tempo é verdadeiro, mas as verdades não são as mesmas. (Lightman, 1993, p.24-8)

A memória não é a produção em massa que se embala em caixas homogêneas e muito menos a instalação de um pensamento rígido a respeito disto ou daquilo, segundo uma única forma de produção unilateral de se olhar. Sua sobrevivência, sua eternalização não significa o imutável, o estanque e o sacralizado; ela é muito mais.

Um exemplo é quando as pessoas viajam e entram em lojas de “souvenirs”³⁸. Comprar uma lembrança para alguém especial. O ato de levar uma lembrança significa o não esquecer, o poder refazer o caminho antes percorrido. Transferimos experiências vividas, como um ponto de auxílio na construção de nossos Noutèkas³⁹.

Falamos de nosso souvenirs e objetos que se tornam afetivos, isto é, de nosso apego. E, ao lado e simultaneamente, ao passear pelas ruas de nossa cidade esbarramos com um “outdoor” indicando um fast food “- *Gostoso como a vida deve ser.*” No cardápio, mastigáveis rápidos de quem não tem tempo a perder, mas na verdade de difícil digestão.

Fritas anêmicas, como se refere Gonçalves (In: Novaes, 1988) ao olhar pouco vitaminado e desgarrado do Mc A-M-Nêmico. Como explicamos a convivência de dois mundo que simbioticamente se encontram?

³⁸ Souvenirs é uma palavra de origem francesa que significa lembrar. Neste sentido, trabalha pela articulação e interpretação o vir à tona o que está submerso, nossas lembranças. Souvenirs, nada mais são que experiências da memória em forma de lembranças bem guardadas no interior humano ou em nossos mapas mentais. (Bósi, 1987).

³⁹ Utiliza-se desta expressão africana para ilustrar a necessidade de se trabalhar a história de vida das pessoas. Noutèka, significa “nós mágicos”, é poder ir e vir nas próprias experiências vividas, é reconstruir imagens e representa-las pelo prazer de evocar lembranças. (Chamoiseau, 1993).

No estudo *Folclore de Uma Cidade em Mudança* (Fernandes, 1981), aponta alguns caminhos das transformações de usos e costumes de uma população, que passa por mudanças, na vida cotidiana, devido à urbanização da cidade de São Paulo, em desenvolvimento.

O autor concorda que este tema é bastante amplo quando propõe-se a abordar a origem de mudanças relacionadas aos costumes e valores que se perpetuam no interior de um grupo. A primeira ressalva do autor é a de que os antigos valores podem ou não perdurar; isto vai depender do grupo e do que o contexto propiciará para assegurar antigas práticas. Devido à rápida transformação do ritmo de vida e do contexto espacial, o que é possível sobreviver? Ou melhor, o que devemos adaptar ou anular?

Agarrar referenciais que escorrem pelas mãos significa desencadear a consciência da perda, da resistência ao novo. Segurança e ilusão que, de qualquer forma, os indivíduos em grupo necessitam trabalhar. É por este processo que nos amparamos emocional e moralmente, assim, seguindo o processo do caos à ordem o surgimento da adaptação ao novo.

A partir dessa ressalva, o autor direciona seu estudo para a contribuição do folclore infantil na construção da personalidade através da estruturação de grupos de crianças, ou trocinhas⁴⁰, como também aponta a função

⁴⁰ Fernandes (1981), utiliza o termo "trocinha" para referir-se a grupos infantis.



regulatória que os valores e costumes exercem no grupo social na perpetuação da memória coletiva difundida ao longo do tempo.

Daremos ênfase à estruturação de grupos infantis e às considerações apontadas pelo autor referentes à sua contribuição ao desenvolvimento da personalidade e à socialidade existente nas relações entre crianças na ação lúdica dos jogos tradicionais infantis.

Fernandes (1981), ao abordar sobre a socialidade, preocupa-se em retratar o significado das trocinhas infantis para as crianças, pois suas idéias defendem que é nas relações construídas entre as crianças que ocorrem a formação da regulação e organização de grupos sociais infantis, mediada pela interação.

Quanto à construção sócio-dinâmica das trocinhas infantis, as crianças têm como plano principal da socialidade, o companheirismo. No caso das brincadeiras de rua, o bairro e a vizinhança são os referenciais mais sólidos e estáveis que asseguram a formação dos grupos infantis.

Mas, todas as crianças podem participar do grupo de brincadeiras? Quem faz parte da formação e construção dos diversos elementos em diferentes grupos? Existem algumas regras e ritos para serem aceitos e fazer parte de um grupo?

Fernandes (1981), aponta as relações de rixas de grupos contra grupos, de prestígio social perante os companheiros, do mais forte, do machão, do “marica”, a proteção de todos a um elemento do grupo, a exclusão e violências que permeiam as relações grupais.



O líder, o despotismo, a hostilidade e o companheirismo, a cooperação, a discussão, um bate boca e um tapão; um abraço e um “te regaço” regulam e regem as normas entre as crianças.

É a partir da interação das crianças em grupo que surgem experiências, que exigem organização cooperativa, competitiva, de relações de dominação e subordinação; que estimulam e impelem o grupo à resoluções de situações ligadas aos jogos e brincadeiras. É vivenciando estas experiências que o grupo contribui e proporciona a construção de regras e atuação de diferentes papéis sociais.

Num segundo momento, o autor questiona como o grupo infantil, através do repertório cultural de jogos tradicionais, utiliza-se destes saberes populares, integrando o universo infantil ao adulto.

Com certeza, o repertório selecionado pelas crianças quando brincam foram transmitidos por outros. Mas por quem? Por adultos ou por crianças? Pela escola ou pelos avós? Consideremos todas as vias e mais o próprio ambiente, a rua, espaço público, que contribuem para a ampliação do mundo infantil seguido de nossa casa.

Os folguedos ou empreendimentos relacionados com os interesses das ‘trocinhas’ dão margem à conjugação de esforços na realização de alguns objetivos. (Fernandes, 1991, p.208)

Para o autor, o brincar não é apenas um fim em si mesmo, “*não se aprende exclusivamente a brincar*” e sim, se auto educa e se prepara para a vida, através dele. (p.208)

Na obra *O Jogo e a Criança*, Chateau (1987), resgata o jogo como comportamento lúdico que surge juntamente com a formação da personalidade. O jogo é visto como um meio onde as crianças desenvolvem sua capacidade cognitiva, afetiva, social e moral. O prazer deve estar contido para que exista jogo, ludicidade e espontaneidade.

“*Não se pode imaginar a infância sem risos e brincadeiras*”. O jogo possibilita às crianças o desenvolvimento da personalidade por proporcionar a resolução e criação imaginária de situações do mundo adulto não compreendidas pelas crianças no mundo real. (Chateau, 1987, p.14)

O distanciamento leva a criança a um mundo onde ela tem todo o poder, onde pode criar. Um mundo onde as regras do jogo têm um valor que não tem nos adultos. (Chateau, 1987, p.23)

Apontando a relação entre o jogo e trabalho, para o autor, o jogo é visto como uma preparação da personalidade infantil para enfrentar futuras situações do mundo adulto. Reforça a seriedade que o jogo significa para as crianças enquanto brincam. Partindo deste princípio analisa o desenvolvimento da personalidade e o comportamento infantil através dos jogos e brincadeiras.



Esta análise tem como direcionamento dois pontos centrais: o primeiro é a busca da auto-afirmação da personalidade das crianças mais novas junto ao apelo dos mais velhos e, o segundo, é o surgimento das relações regulatórias do comportamento infantil nos jogos.

Chateau (1987), acredita que é pelo contato com pessoas mais velhas ou crianças mais velhas que se dá o desenvolvimento e a aprendizagem infantil, pois, a sociedade infantil tem sua formação apenas mais tarde, podendo assim, ser ampliada seguida da sociedade adulta.

Partindo da transmissão do conhecimento através do apelo aos mais velhos, justifica argumentando que, nos grupos infantis, são sempre os mais velhos que determinam as ações, as escolhas e as regras. A inserção de uma criança mais nova no grupo de crianças mais velhas está ligada à submissão ao sistema normativo determinado pelas crianças de maior idade.

Assistir ao jogo já é para o pequeno uma fonte de prazer seguro e fácil. Admirar o jogo é já participar um pouco dele, é impregnar-se na atmosfera dos grandes. (Chateau, 1987, p.49)

É estudando a formação dos grupos de crianças e a prática dos jogos tradicionais infantis que o autor analisa a relação de interação entre crianças de idades diferentes e o forte apelo ao mais velho como guia direcionador do surgimento das regras dos jogos na sociedade infantil.

Para Chateau (1987), os jogos tradicionais infantis são transmitidos de geração em geração entre crianças mais velhas, que difundem os jogos quando brincam com os mais novos. É importante ressaltar que existe uma relação entre a herança dos jogos difundidos pelos mais velhos que está intimamente ligada ao respeito às regras representada na figura das crianças de maior idade. *“Ademais, a sociedade adulta não tem mais lugar no jogo. As regras tradicionais vem da sociedade infantil”* (p.65)

Qual é a origem dos jogos infantis? Na verdade, muitos destes jogos são antigas práticas abandonadas dos adultos, outros são resquícios de poemas e grandes romances literários que se transformaram em quadrinhas, ditos populares e que são cantados pelas crianças, e também alguns destes jogos têm origem religiosa ou mágica⁴¹.

Chateau (1987), acredita que estas transformações de jogos de adultos, abandonados hoje, fazendo parte especificamente do mundo infantil, se dão devido à degradação dos ritos em nossa sociedade.

Quando se pergunta às crianças sobre a origem dos jogos tradicionais infantis, sempre é referido à figura do mais velho, geralmente os

⁴¹ Chateau (1987), cita o pião como um objeto que tinha a função de auxiliar os antigos adivinhos, mas que na sociedade ocidental passou a ser utilizado nas casas lotéricas. Benjamim, (1984) cita a boneca utilizada no início da industrialização como um modelo que auxiliava na criação de roupas. Kischimoto (1993) cita o chocalho utilizado hoje por nossos bebês, como um instrumento da tribo indígena para espantar maus espíritos. Um chocalho é o primeiro presente de um bebê indígena.

próprios amigos ou adultos que convivem com elas onde regem as regras adultas como lei máxima. Apenas por volta dos treze anos é que se começa a perceber que as regras nada mais são que convenções ou tradições sociais.

A estruturação existente no interior do grupo é bem próxima à organização como um ritual; uma liturgia, desde a hora em que se inicia a decisão de qual brincadeira escolher, até os mais altos códigos secretos que o grupo possui.

As brincadeiras tradicionais infantis apresentam um sério ritual ou uma liturgia hierarquizada bem estruturada ainda que flexível. Flexível no sentido de estar aberta a novos jogos que possam surgir, transmitidos por um novo elemento do grupo, sem alterar a ordem seguida no ritual de fórmulas de escolhas para o início dos jogos⁴². *“Se a atividade lúdica é um ritual, isso deve ser ao fato de que o jogo deixa transparecer sempre a figura do mais velho.”* (Chateau, 1987, p.41)

O mais velho geralmente é visto como a figura do mais forte, o chefe, o maioral, que sabe e tem resposta para tudo e que tem poder para decidir quem pode ou não brincar no grupo. Um cacique que, geralmente, consegue aliados facilmente, pois o líder é vinculado ao personagem ideal que comanda e é sempre o bem sucedido. Resta saber como ele governa seu grupo? Pode ser um mini-tirano, quem sabe? *“O mentor intervém constantemente no jogo. É ele, geralmente quem decide de que se vai brincar”.* (Chateau, 1987, p.52)

⁴² Friedmann (1995, p.22-3) traz catalogado algumas brincadeiras utilizadas pelas crianças para selecionar os participantes e dar início ao jogo, sobre fórmulas de escolha.



Respeitado ou temido pelas outras crianças do grupo, ou talvez, o camarada companheiro e bom goleiro que divide e coopera com todos. É importante observar até aonde vai o respeito leal das crianças pelo seu mentor de grupo, um respeito coercitivo, cooperativo ou um temor ao grande rei? Afinal, ganhar a confiança do mais forte gera uma certa admiração perante os outros colegas do grupo.

Se a organização da sociedade infantil tem como ponto principal a construção e perpetuação de regras de caráter moral entre as crianças de diferentes idades, cabe ressaltar que, o respeito é um dos primeiros sentimentos que surgem nas interações entre as crianças.

É importante ainda destacar que a relação apontada pelo autor sobre o elo que une o grupo infantil é principalmente o companheirismo, mas também é comum encontrar dentre a hierarquia de crianças, relações sádicas na qual é visível a defesa do território ou função de cada elemento em grupo. Jogos violentos, como: carniça, puxões de orelha pelo aniversário, tirar a calça de alguém na frente dos outros amigos, lutas que garantem um certo “status” ou poder perante o outro.

Se a sociedade infantil se perpetua pela relação e o respeito pelas crianças mais velhas, o amor às regras tem o seu papel. É na construção e aceitação das regras sociais pela criança que se contribui à formação da personalidade infantil. *“Se o apelo aos mais velhos determina o alvo, o amor à ordem, por sua vez, estabelece o meio de empregar”*. (Chateau, 1987, p.61)

Fazendo a relação entre o apelo ao mais velho e o amor e respeito às regras, ao se estudar as relações existentes nos jogos tradicionais infantis se faz necessário questionar: *“por que é preciso tanto tempo para que a criança se submeta as regras tradicionais da sociedade infantil?”* (Chateau, 1987, p.66)

Para explicar tal questionamento, o autor percorre um longo caminho, determinando as diferentes etapas de jogos pelas quais as crianças brincam até chegar à participação efetiva de um grupo infantil. A interação entre as crianças é fator determinante para fluir a sociabilidade e a hierarquia das regras sociais.

De regras individuais, implícitas e arbitrárias às regras coletivas e exteriores que regulam as ações em grupo, há todo um caminho rico em transformações, construções e mediações na formação da personalidade e do pensamento infantil.

É importante ressaltar que se é na interação com o grupo que se constróem as regras infantis, é, inicialmente, na ação e só mais tarde que ocorre a tomada de consciência do valor moral e social das mesmas⁴³. *“Há no jogo uma moralidade encoberta. E a progressão dos mais velhos manifesta os avatores dessa moralidade infantil espontânea”*. (Chateau, 1987, p.42)

⁴³ Piaget (1994).

O repertório de jogos e brincadeiras, conhecidos e praticados pelas crianças, está diretamente ligado ao grau de dificuldade das regras de determinados jogos. Isto explica o fato de determinadas faixas etárias utilizarem alguns jogos diferentes do grupo de crianças mais velhas, salvo os jogos de épocas, como pipa, pula fogueira, soltar balões, que abrangem o grupo em sua totalidade.

Não é a seriedade, mas a brincadeira, a curiosidade e a exploração gratuita - fatores de criação e invenção - que constituem o fundamento dos ritos, dos ritos da vida em sociedade e da própria ciência. (Bousquet, 1991, p.05)

2.1. Jogos tradicionais infantis: um passeio pela memória

Observem como as crianças exploram seu espaço. O prazer da descoberta faz os olhos brilharem. Intensos momentos vividos como se fossem

As lembranças mais vivas da exaltação lúdica nem sempre se referem a algum jogo propriamente dito, mas a momentos de vida intensa. (Bousquet, 1991, p.08)

maos. Isto é, vive-se também o lúdico em intensos momentos de vida.

Por que necessitamos ser lúdicos? Por que desejamos, criamos, sonhamos e fantasiamos? Por que é gostoso sentirmo-nos livres? Inventamos e vivemos sonhos, mesmo sabendo que rompemos com a realidade que nos cerca. Fuga? Não, apenas utilizamos mecanismos e metáforas que resolvem, de forma criativa e doce, situações que são duras e pontiagudas de serem entendidas.

Como poetas, brincamos com a dor, com a tristeza, damos cor e sabor, inventamos o riso e a alegria. Despertamos em nós o impulso criativo ou impulso de exploração, o qual nos fortifica e nos prepara para novos desafios.

(Bousquet, 1991)



Gostamos de ser livres. Quando livres somos espontâneos; quando espontâneos, brincamos com prazer, manifestando então, nossos desejos e vontades. Uma manifestação interna que nos conduz a novas descobertas num mundo tão vasto.

Não é a seriedade, mas a brincadeira, a curiosidade e a exploração gratuita - fatores de criação e invenção - que constituem o fundamento dos mitos, dos ritos da vida em sociedade e da própria ciência. (Bousquet, 1991, p.05)

Observem como as crianças exploram seu espaço. O prazer da descoberta faz os olhos brilharem. Intensos momentos vividos como se fossem únicos, momentos que as crianças mais do que nunca não deixam escorrer pelas mãos. Isto é, vive-se também o lúdico em intensos momentos de vida.

Vamos brincar? Um convite de poucas palavras mas de múltiplos significados. Significados que pelas crianças não são explicados, mas sim vivenciados, criados, representados e imaginados.

Kishimoto (1996) aponta a dificuldade de conceituar a palavra “jogo” pois ela pode ser entendida a partir de várias significações, dependendo do contexto. *“O jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui”.* (p.17) Portanto, o que para nossa sociedade pode ser considerado “jogo”, para outra, pode ser entendido como “ritual”, como “mera convivência cotidiana”, como “sagrado”.

Brougère (In: Kishimoto, 1996) caracteriza três diferenciações de como o jogo pode ser visto: jogo lingüístico, jogo como sistema de regras e como objeto. Abordaremos neste estudo especificamente as duas últimas caracterizações sobre o jogo.

Entende-se por jogo como um conjunto de prescrições determinadas seguidas pelos jogadores enquanto mergulhados na ação lúdica. É a partir das regras que é possível a estruturação de um jogo e sua diferenciação dos demais tipos existentes. É importante ressaltar que o jogo é entendido como uma atividade lúdica que deve ser livre e espontânea.

Quando um jogador submete-se às regras podemos ainda considerar o jogo com as características citadas? Scheines (1991), afirma que, para que ocorra jogo devem existir regras e a submissão do jogador às regras é vista como um ato voluntário. Portanto, o prazer e a liberdade de escolha preservam a ludicidade implícita no ato de jogar.

Já o brinquedo é considerado como um objeto com o qual a criança estabelece relações íntimas e inúmeros significados para sua utilização, não existindo um sistema de regras fixas que regule e estruture a ação lúdica. Portanto, a ação lúdica é a concretização da relação entre a criança e o objeto, resultando na brincadeira, não podendo, assim, ser considerada como jogo. (Kishimoto, 1996)

Abordaremos a seguir um dos inúmeros tipos de jogos existentes: os jogos tradicionais infantis. Na obra *Jogos tradicionais infantis*, Kishimoto (1993), analisa pelo fio da história a imagem da criança e os jogos

tradicionais no Brasil.

Remetendo-se às origens da colonização, entre portugueses e indígenas e depois ao período dos engenhos de açúcar e aos escravos, constrói-se a imagem de criança e o brincar no contexto social da época.

Segundo a autora, o significado dado ao brincar varia de cultura para cultura, dependendo do lugar em que a criança está posta na sociedade, influenciando diretamente o espaço e tempo reservados à infância e ao brincar. (Kishimoto, 1993)

Partindo desta concepção, o estudo vai analisar tanto as origens étnicas das brincadeiras infantis quanto o entendimento do significado dos jogos tradicionais infantis no período da escravidão.

Quem eram as crianças que brincavam? O tempo e espaço eram permitidos para todas as crianças igualmente? Do que brincavam estas crianças? Versos, prendas e canções, quais as origens das brincadeiras e jogos tradicionais no Brasil?

Os jogo tradicional guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida sobretudo pela oralidade não fica cristalizada. Está sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo. (Kishimoto, 1993, p.15)

Oralidade, transformações, espontaneidade, anonimato, conservação, características que expressam modos de pensar, agir e sentir de uma

sociedade. Como estes jogos perpetuaram e se difundiram entre várias culturas? Quem são os agentes que impulsionam este processo? Aos adultos, memórias de infância e às crianças, o brincar.

É comum se escutar dos adultos: “- *Quando eu jogava, não era assim!*” “*O meu jeito de jogar é um pouco diferente!*” “*As coisas mudaram bastante!*” “*As crianças de hoje brincam diferente!*” Nos relatos, o confronto de transformações seguido de: “*No meu tempo as coisas eram melhores!*” Lembranças de quem brincou versus o novo revestido do antigo, práticas fragmentadas de tempos remotos.

É muito difícil afirmar com precisão a origem dos jogos tradicionais. Resquícios de ritos, de festas, romances, antigas práticas adultas e o personagem do contador de histórias permeiam as trovinhas e canções das brincadeiras de roda e jogos infantis.

Indígenas, portugueses, africanos: três raças e culturas diferentes que perduram e revivem nos conteúdos dos jogos de crianças brasileiras. Dos romances cavalherescos e poesias populares, encontramos vocábulos e versos de influência portuguesa. Kishimoto (1993), aponta personagens, como o bicho papão, a cuca, que desde muito cedo são transmitidos às crianças como algo aterrorizante e mau, cujo poder do personagem existe para obter a obediência das crianças.

Este personagem também é encontrado como um vocábulo que rege a regra do jogo de bolinha de gude. A autora relata ser encontrado no jogo do

papão⁴⁴, em Vitória, no Espírito Santo. Dentre os vários tipos de jogos de bolinhas de gude, a figura do papão também é chamada de o matador, encontrado no jogo da roda⁴⁵.

Tanto o jogo de bolinhas de gude como a pipa e o pião foram transmitidos pelos portugueses quando vieram para o Brasil. Já, a influência negra, segundo Cascudo, (In: Kishimoto, 1993), está presente nas danças de roda, as superstições, a simulação de caçadas, corridas e imitações que fazem parte de sua cultura.

A transmissão e difusão destes costumes e brincadeiras são postulados como o contato entre crianças de diferentes culturas que brincaram juntas no período da colonização.

No período dos engenhos de açúcar, contato de amas, crianças brancas e filhos de escravos contribuíram para a transmissão e difusão de costumes, via educação destas crianças. O filho do branco, “o sinhozinho” que era educado para a dominação hereditária do império do engenho. O negrinho, menino endiabrado desde cedo, estava na lida como um escravo em potencial. No brincar, registram-se retratos de dominação e expropriação do mais frágil.

Entre os personagens africanos, o antigo ancestral que transmitia através de contos, a cultura de sua tribo, canções etc, o menino negro servia de cavalo para o menino branco, na falta de um animal de verdade, fazendo-se

⁴⁴ Kishimoto (1993, p.22).

⁴⁵ Cardoso (1994, p.113-23).

a transferência para o outro que, desde cedo, era tratado como um deles. (Kishimoto, 1993)

No seu terreno, isto é, nos arredores da casa e sob vigia das amas, os meninos do engenho exploravam, utilizavam com violência os meninos negros para satisfazerem-se nas brincadeiras. Cavalos⁴⁶, beliscões e brutalidades marcavam as brincadeiras destas crianças. Já as meninas destacavam-se por jogos de representações da vida do engenho, onde as negrinhas eram tratadas como servas da pequena senhora.

Kishimoto (1993) afirma que alguns jogos, como: chicotinho queimado, peia quente, preservados pela cultura infantil são de origem do engenho. Práticas violentas, como: lascar o pião, guerra de papagaio com linha de cerol e matar passarinhos também eram praticados nesta época.

É importante ressaltar que jogos violentos ou ascéticos são praticados em todas as épocas, podendo estar ligados com antigos jogos de guerra.

E, finalmente, a contribuição dos indígenas que, no seu modo de vida coletivo, representam em cultos, magias e rituais elementos próximos a que a sociedade branca considera como brincadeiras. Imitar bichos, contos e lendas, estatuetas que são símbolos de religiosidade.

⁴⁶ "Além de montar cavalo no moleque, o jogo da peia queimada... consiste em imitar bater com chicote nas costas do negro punido." (Kishimoto, 1993, p.39)



O lúdico e o sagrado emanam da concepção da divindade, mas a relação que os mantém é unicamente de exclusão. Onde surge o sagrado, desaparece o lúdico e vice-versa. (Comoe-Krou, 1991, p.25)

Comoe-Krou (1991), aponta a origem dos jogos ligados aos ritos e magias de tribos africanas, onde o chocalho e a boneca tem significados sagrados. É interessante destacar que as crianças não os confundem com brinquedos. Kishimoto (1993), também relata o chocalho como um objeto utilizado pelos indígenas para espantar os maus espíritos, sendo este o primeiro presente do bebê.

Neste sentido, o que pode ser considerado jogos e brincadeiras para uma cultura, pode não ser considerado para outra. Especificamente falando dos indígenas, o contato diário com adultos torna-se um aprendizado de vida e, ao mesmo tempo, momentos em que todos tomam banho juntos, a luta e a guerra de água tornam-se uma diversão. Pode-se dizer de intensos momentos de vida.

Alguns jogos populares conhecidos no mundo e também praticados coletivamente pelo indígenas são: o pião, a peteca, o jogo do fio, imitações de animais, jogos de competição⁴⁷.

Não só no período da escravidão quanto no início do século na cidade de São Paulo, Kishimoto (1993), analisando obras de pintura de artistas

⁴⁷ Kishimoto (1993) registra seis jogos de origem indígena jogado pelas crianças hoje. É importante ressaltar que a maioria dos jogos citados tem como estrutura espacial a roda. (p.68-9).



brasileiros, encontra vários ícones de crianças que praticavam os jogos tradicionais infantis. Matar passarinho, a boneca, crianças brincando com animais, futebol de várzea, cabra-cega, bolinhas de gude, carrossel, retrato da infância e o brincar.

É importante ressaltar que em todas as épocas são encontrados traços de crianças na companhia de animais, significando que *“tais objetos vivos têm a propriedade de fazer fluir relações de afetividade e colaborar para a estabilidade emocional da criança.”* (Kishimoto, 1993, p.78)

Silva et al. (1989), Kishimoto (1994) e Friedmann (1996) apontam que as brincadeiras tradicionais infantis eram encontradas mais facilmente nos tempos passados. O principal ponto de mudança do hábito de se brincar na rua é a rápida transformação de pequenas cidades em grandes espaços urbanos.

Ritmo mais rápido de vida, ruas povoadas de carro, o perigo à espreita, retratos que forçam uma readaptação aos jogos que antes utilizavam o espaço coletivo público. Mas será que todas as crianças de ambos os sexos antigamente eram liberadas para brincar na rua? Qual a imagem vinculada à rua e aos meninos ou à rua e às meninas? Quem eram as crianças que brincavam na rua?

Moleques endiabrados ou meninas boazinhas? Meninas de família e suas primas do quintal para dentro! Molecada nem pensar! Um corte na imagem da criança rica versus a criança pobre. Kishimoto (1993) retrata a imagem da criança pobre: aquela que brinca na rua, sendo o olhar das autoridades vinculados aos jogos de rua como especificamente de meninos de rua.

As crianças de classe social elevada eram proibidas de sair à rua, seu espaço era o quintal e clube. Já às crianças pobres o único ambiente que lhe

restava era encontrar seus amigos de rua, onde sua imagem era vinculada a maltrapilhos, promíscuos e miseráveis.

Os jogos tradicionais de rua não tinham melhor sorte. Repudiados pela classe dominante e associados a criminalidade e promiscuidade, permaneciam redutos de crianças pobres, acusadas de criminosas. (Kishimoto, 1993, p.86)

Esta autora ainda complementa a idéia da criança rica e da criança pobre vistas como: as crianças ricas ligadas à aquisição de brinquedos industrializados ou artesanais e as pobres ligadas a construir seus próprios brinquedos com materiais de fácil acesso. Portanto, a quem em nossa sociedade, hoje, é dado o direito de brincar?

Em um ligeiro resgate sobre suas memórias de infância, Friedmann (1996), relata algumas brincadeiras praticadas ainda quando criança. O grupo, a casa, espaços de jogos e brincadeiras que proporcionam a transmissão, difusão e prática das atividades infantis. Ambiente este onde as regras adultas não têm vez. Tratos e combinados são travados pela sociedade infantil, pactos e segredos que fortificam as relações de cooperação e competição entre as crianças do grupo.

É importante ressaltar que os jogos coletivos dispõem de poucos recursos para que aconteçam. Geralmente, basta um tijolo e dois pares de chinelo dos próprios jogadores para que exista o clima de uma “pelada” e os riscos de uma quadra de futebol. Isto é, comportam o imprevisto, a imaginação e desprendimento

para resolver ricas situações com facilidade e simplicidade criativa.

Num segundo momento, questiona sua infância da década de quarenta, relacionando o repertório vivido por ela e a infância vivida por gerações mais novas, gerações que têm como objetos Barbies, Legos e Playmobil, apontando, assim a grande transformação das formas e conteúdos das brincadeiras, do espaço hoje habitado pelas crianças: a casa, a rua, a escola, o clube, o “playground” do condomínio.

Os jogos e brincadeiras, evidentemente, mudaram muito desde o começo do século até os dias de hoje nos diferentes países e contextos sociais. Mas o prazer de brincar não mudou. (Friedmann, 1996, p.11)

Friedmann (1996), compartilha com a definição de Kishimoto (1996), relacionada aos conceitos de brincadeiras, brinquedos e jogos. Quanto a brincadeiras entendem-se como o ato de brincar, exercendo um comportamento espontâneo e sem regras fixas. Isto não significa a inexistência de regras, mas sim de uma regularidade interna determinada pelo desejo, imaginação e criação da criança.

O brinquedo é entendido como o objeto de brincar e o jogo é conceituado como a brincadeira, que exige regras estruturadas, transmitidas coletivamente.

Na brincadeira vivemos situações que segundo a autora é possível crescermos, aprendermos e criarmos. É brincando que formamos nossa



personalidade. Para os adultos ela é uma ponte para conhecerem um pouco mais desse universo vasto de possibilidades que acontecem ou estão por acontecer, isto é, a possibilidade de entender a formação da personalidade infantil.

O jogo e a brincadeira nesta óptica são vistos não com a função de prepararem as crianças para o mundo, mas uma atividade real, que acontece no agora. Quem vive, vive intensamente este momento, está crescendo, aprendendo, criando e se transformando a cada experiência e a cada descoberta: o *brincar transforma*. (Friedmann, 1992)

Ao analisar a estrutura e características dos jogos, Friedmann (1996) adotou alguns critérios, como: o tempo e o espaço; os parceiros; os objetos; as ações dos sujeitos e a relação do brincar entre os seus meios e fins, critérios estes relevantes para a observação e análise das crianças em ação.

O tempo e o espaço são pontos primordiais para o entendimento do repertório de brincadeiras existente até os dias de hoje e suas transformações no seu conteúdo e na sua forma. Qual o tempo destinado às crianças para brincar?

Cada dia mais assistimos à escassez de tempo para o lúdico em favor de afazeres diários e instrutivos, sendo o brincar visto como algo não sério e leviano, enquanto, primeiro, faz-se o que é sério; depois, um espaço para brincar.

Perguntemos às crianças qual o período que elas gostam mais da escola, e veremos que a hora do recreio é a mais gostosa. A escola é vista como coisa séria, de deveres e lições, de planejamentos e conteúdos; ali, ainda, o brincar é dar-se ao luxo.



A criança não estuda para saber e se aperfeiçoar, mas para ter o direito de brincar, de fazer algo que lhe interessa mais. (Amonachvili, 1991, p.14)

Friedmann (1996), e Amonachvili (1991), alertam sobre a importância de estimular e reservar um espaço de tempo diário para brincar, cabendo ao adulto a função de respeitar e propiciar este resgate lúdico.

Quanto ao espaço das brincadeiras e suas transformações no tempo, ele é visto como algo flexível, pois as crianças adaptam as brincadeiras de acordo com suas necessidades. Um exemplo são os jogos que eram antigamente brincados na rua e que sofreram transformações e adaptações para outros ambientes que hoje propiciam o brincar.

Os clubes, os hotéis e os animadores culturais são um meio de lazer que não encontramos na forma de sociedade infantil sem a interferência do adulto, mas que incentivam os jogos e brincadeiras. Os grupos de condomínios, brinquedotecas e escolas, espaços um pouco mais livres contribuem para a formação das trocinhas infantis.

“O tempo e o espaço definem, pois, as características de cada brincadeira”. (Friedmann, 1996, p.16). Os tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras estão relacionados aos recursos sócios econômicos das crianças, do espaço que elas possuem para brincar e da idade em que cada grupo se encontra.

(Isto explica porque as crianças, em algumas fases, brincam com determinados tipos de jogos que apresentam estruturas mais flexíveis quanto às

regras e outra com jogos bem estruturados e com regras fixas.

Arelado à transformação do espaço, ocorre também o aperfeiçoamento e modificação na forma dos jogos. Um exemplo é o futebol de três tampinhas jogado na rua, passando pelo “estrelão”⁴⁸ e os jogos de botão, chegando aos vídeos games de última geração, proporcionando uma grande partida de futebol não mais com a galera da rua, mas sim, com gritos artificiais⁴⁹.

O que mudou e o que se perdeu? O que mudou foi a necessidade de dominar um novo instrumento. Por exemplo: Do “Teco”⁵⁰ dado nas tampinhas, à paleta do jogo de botão, aos controles de vídeo game. A necessidade de desenvolver novas habilidades se fez para poder jogar. Perde-se a arte manual e trejeitos na qual se propiciava o surgimento de vocábulos enquanto discutiam as jogadas com o grupo.

O futebol, que tem como característica ser coletivo, joga-se, hoje também sozinho. Basta o vídeo game e um jogador para que a simulação ocorra. Ou, em outra ocasião, muito comum é convidar seus amigos para jogar em casa, mas, apesar do grupo estar junto apenas dois jogam por vez.

⁴⁸ Campo de futebol em miniatura para jogo de botão produzido pela indústria de brinquedos Estrela.

⁴⁹ Um outro exemplo sobre o aperfeiçoamento dos jogos, está no jogo dos ossinhos, originário da Grécia. Hoje seu material foi substituído por pedrinhas ou saquinhos e também industrializado com o nome de Cinco Marias pela indústria de brinquedos Grow.

⁵⁰ Termo utilizado ao toque dado com o dedo polegar nas jogadas com tampinhas.

Friedmann (1996), aborda o conceito de jogos tradicionais infantis resgatando e convidando os seus leitores a recordar de seus tesouros de infância. Na obra *A arte de Brincar* (1995), a autora inicia construindo uma imagem do passado entre pais, vizinhos, o grupo da rua e as brincadeiras como forma de inserir o leitor não só no texto, mas em um contexto no qual pelo menos muitos adultos já experimentaram, podendo assim rememorar suas brincadeiras praticadas enquanto lêem.

Incentiva o resgate destas brincadeiras, explicando que: “*Transmitir estas brincadeiras às nossas crianças é uma forma de descobrir o novo no antigo*” (s/p). Neste estudo podemos encontrar brincadeiras resgatadas e documentadas na cidade de S. Paulo no período de 1900 até 1990. São jogos, brincadeiras, rimas, regras e inúmeras instruções e variações de brincadeiras praticadas, transmitidas e difundidas pelos grupos de crianças.

Os jogos tradicionais se constituem como parte integrante do folclore infantil aprendido na rua, com grande ligação às crenças culturais adultas. São transmitidos oralmente, difundidos por serem praticados e sua origem é anônima, pois, devido ao fato de ser transmitida ao longo de gerações é muito difícil afirmar-se com segurança, a sua gênese.

Transmitidos e praticados por diversos grupos e civilizações, os jogos tradicionais infantis sofrem inúmeras mudanças de contextos e formas, sendo adaptados às necessidades de cada grupo, sociedade e ao seu tempo.



O jogo tradicional infantil é produção espiritual do povo, acumulada através de um longo período de tempo. Esses jogos mudam no processo do esforço criativo coletivo e anônimo. (Friedmann, 1996, p.42)

Friedmann (1996), ressalta, a todo momento, o processo de transformação dos jogos tradicionais infantis, apontando a plasticidade existente neste tipo de jogo pois, por fazer parte de ambientes não institucionais, como: ruas e praças sua difusão e transmissão passa a ser aceita espontaneamente, possibilitando, assim, novas criações de jeitos, regras e formas de se brincar.

Quanto à transformação na forma de se jogar vai variar de grupo para grupo, tanto no próprio nome dos jogos, quanto nas suas regras, combinados, número de participantes e materiais utilizados. Já, em relação ao conteúdo, está sempre relacionado aos interesses lúdicos do jogador ou do grupo.

Vale ressaltar ainda que, as mudanças ocorridas nos jogos tradicionais estão intimamente ligadas às transformações de caráter econômico e social, onde jogos que eram especificamente praticados na rua hoje foram transportados para outros ambientes; como também o próprio espaço dos jogos, hoje, em nossa sociedade.

Na Idade Média as atividades lúdicas eram partilhadas por todo o grupo, isto é, adultos e crianças compartilhavam os mesmos espaços, nas festas, jogos e brincadeiras. Com o início da modernização e da indústria muda-se o conceito que se tem da infância e a forma de educá-la, sendo o brincar visto como o não sério e não produtivo, portanto o oposto ao trabalho.

Chegamos num ponto crucial ligado às memórias e brincadeiras de infância, a perda versus o novo; o que devemos guardar, o que reciclamos e o que não mais utilizamos. É na sociedade e na resistência de cada grupo que está a resposta, pois a perda de referências é algo sofrido e doloroso.

Os jogos tradicionais infantis são tesouros bem guardados. A estrela da caixa de Pandora, o néctar de Mnemosyne e o fio de luz de Ariadne, que, juntos, fazem acordar sonhos, reviver nossa criança interior e reminiscências.

No fundo, tanto o indivíduo quanto o grupo têm necessidade de preservar, de perpetuar e de impulsionar aquilo que vive e em que acredita. No fundo, desejamos deixar aos outros experiências de nossa infância.

Friedmann (1996), valoriza a importância de resgatar tesouros como estes, os jogos e brincadeiras de gerações. Com grande clareza, a autora esclarece que, por mais que resgatemos alguns jogos infantis muitos deles devem se perder devido a algumas práticas destes jogos não serem mais aceitas, socialmente. Um exemplo disto são os estilingues ou bodoques⁵¹ e a violência aos animais. *“alguns diminuíram, mas não desapareceram”*. (p.50)

Risco de desaparecer, perda, desgaste, não prática, são palavras que instigam e remetem à memória, lembrança, salvaguardar e resgatar; práticas e

⁵¹ O bodoque é um objeto utilizado geralmente por meninos nas brincadeiras de guerras ou caçadas de passarinhos. Este instrumento é feito com uma forquilha de madeira, duas tiras de borracha unidas por uma malha ou couro, onde se coloca as pedras ou bolas de barro. (Cascudo, 1965).

costumes que identificam e caracterizam grupos, sociedades e civilizações.

Na busca de resgatar os jogos tradicionais infantis é importante ressaltar que existem alguns critérios sugeridos para as observações e análises, como: nome do jogo, número de participantes, local, regras e variações das mesmas e o nível da brincadeiras selecionado pelo professor. (Friedmann, 1996)

Além desses critérios, os jogos tradicionais infantis são classificados em diversos tipos de jogos, abrangendo: do mais calmo ao mais ágil, do seletivo para a escolha de parceiros à cooperação, de adivinhações à representações⁵².

Fórmulas de escolha, jogos de perseguir, procurar e pegar, jogos de correr e pular, jogos de atirar, brincadeiras de roda, jogos de adivinhar e pegas, prendas, jogos de representação, jogos de faz-de-conta, jogos com brinquedos construídos e jogos de salão.
(Friedmann, 1996, p.79)

Revivê-los. É esta a função do resgate; descobrir o novo no antigo (Friedmann, 1996), uma proposta de valorização do patrimônio lúdico infantil. A autora propõe, como meio de resgate dos jogos tradicionais infantis, o trabalho com crianças na escola, sugerindo aos professores que estimulem seus alunos a reviver, registrar e praticar os jogos brincados por eles.

⁵² Vide Friedmann (1995).

Fundamentado em André (1993, p.50), "É pesquisa teórica, porém é pesquisa que parte da prática, de prática que é também teórica e que precisa ser revisitada".

Com relação à parte teórica, o primeiro passo foi o de resgatar os referenciais que pudessem nos auxiliar ao encontro do nosso objeto de estudo. Num segundo momento, partimos para leituras e questionamentos referentes à problemática, buscando bases na pesquisa de campo que acontecia em simultâneo.

III. A METODOLOGIA QUE NORTEIA NOSSA

PROPOSTA: Do lazer à academia...da prática à teoria

Como parte prática, interessou-nos buscar uma metodologia que melhor se adequasse ao estudo da vida cotidiana para podermos fazer aproximações

Sobre um estudo daquilo que somos, o que nortearia nossa proposta de trabalho? Memória, como abarcá-la no tempo e no espaço? Neste sentido, buscamos resgatar as brincadeiras tradicionais infantis através da memória coletiva. Se a cada momento construímos, recordamos episódios mnemônicos, propomos, nesta pesquisa, conhecer estes segredos bem guardados, vividos e desenhados pelo itinerário do tempo.

A proposta metodológica adotada constitui-se de dois momentos que se entrecruzam: o teórico e o prático. Este enlace entre teoria e prática tem a função de assegurar e direcionar nossas hipóteses, objetivos e questionamentos relacionados com a coleta de dados e o referencial teórico, auxiliando no aperfeiçoamento das observações e vivências com o grupo selecionado.

Fundamentado em André (1995, p.50), *“É pesquisa teórica, porém é pesquisa que parte da prática, de prática que é também teórica e que precisa ser revisitada”*.

Com relação à parte teórica, o primeiro passo foi o de resgatar os referenciais que pudessem nos auxiliar ao encontro do nosso objeto de estudo. Num segundo momento, partimos para leituras e questionamentos referentes à problemática, buscando bases na pesquisa de campo que acontecia em simultaneidade com o resgate destas revisões bibliográficas. E, finalmente, a análise da coleta de dados, discussão e conclusão a que chegamos, relacionadas ao estudo proposto.

Como parte prática, interessou-nos buscar uma metodologia que melhor se adequasse ao estudo da vida cotidiana para podermos fazer aproximações de alguns recortes da realidade que optamos em compreender.

Buscar subsídios práticos para a constituição, reconstrução e a evocação de nossas lembranças exige uma interação intensa entre pesquisador e estes contadores de histórias que não narram meramente fatos, mas colocam, ali, sabedorias, emoções e afetividade. Significados de momentos vividos que estendem a cada pulsar do tempo, uns tornando imortais e outros imagens que se fundem com outras experiências, algumas memórias de infância e outras um tempo do futuro que se constrói a cada dia.

Passeando por estudos antropológicos, como o de Malinowski (1984) e Langness (1973), sociológicos, com Queiroz (1991), relatos de pesquisas científicas, com Fazenda (1989, 1992, 1994, 1995), André & Lüdke (1986) e André

(1995), foi possível construirmos um panorama para direcionar nosso trabalho com base nos estudos etnográficos.

Em Malinowski (1984), o clássico *Os Argonautas do Pacífico*, traça as raízes do estudo etnográfico e nos permite compreender a estruturação da cultura dos nativos da Melanésia, Nova Guiné, através de uma coleta de dados e as relações vividas entre pesquisador e pesquisados.

Langness (1973), nos mostra o interesse em estabelecer uma relação entre a cultura e a personalidade dos indivíduos em sociedade, assim sendo possível um melhor conhecimento dos homens e sua vida. Segundo o autor, fazem-se necessários trilhar dois caminhos, sendo este o estudo da mudança cultural e a dimensão da cultura e da personalidade.

O primeiro, tem base somente histórica, onde jamais serviria de hipótese para os estados psicológicos da mente. E o segundo, uma análise dos efeitos da cultura sobre a personalidade e vice-versa, sua intervenção nas variáveis culturais e na identidade destes grupos e o indivíduo em si.

Retratando os estudos sobre pesquisa qualitativa temos André (1995), ressaltando a importância da etnometodologia, que tem por objetivo levar o pesquisador a perceber e compreender diversas formas de interpretações da vida, de estruturas de pensamento e múltiplas experiências do e com o grupo pesquisado.

... a principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou grupos estudados. Alguns desses significados são diretamente expressos pela

linguagem; outros são transmitidos indiretamente por meio das ações. (André, 1995, p.19)

André (1995), justifica o uso de caso de estudos etnográficos como um ponto de apoio, que leva o pesquisador a enfrentar o desconhecido, a um grupo de pessoas particulares, a formulações de hipóteses e conceitos de um determinado estudo.

Sob esta perspectiva, o estudo de caso nos possibilita uma visão mais profunda e complexa da pesquisa a ser desenvolvida, de reconstruir situações cotidianas vividas pelos indivíduos, a descoberta de novos significados e relações. É importante ressaltar que, apesar destas vantagens, o estudo de caso não pode ser generalizado, tendo um caráter restrito e variável.

Com a delimitação de um grupo, segue a reflexão sobre a postura e ação do pesquisador frente a coleta de dados, pois este é o agente pesquisador e, consequentemente, pesquisado no ambiente natural e espontâneo, onde ocorre o fenômeno.

No caso, o pesquisador deve dar o retrato mais próximo da realidade pesquisada, podendo, assim, assegurar a validade e fidedignidade do estudo. Relacionado ao estudo de caso etnográfico, este deve conter uma descrição densa e profunda, relacionando o fenômeno cultura e os aspectos psíquicos dos sujeitos. Na verdade, este tipo de estudo propicia as reconstruções do real não como forma única e inflexível, mas sim, com diversas leituras para se chegar a uma afirmação ou construção de uma teoria.



Lüdke & André (1986), retratam a importância do estudo etnográfico como um referencial que proporciona ao pesquisador entrar em contato com o ambiente cotidiano dos sujeitos ou grupos selecionados, isto é, para ampliar o entendimento no contexto em que ocorrem as ações e comportamentos do grupo vinculado; a visão pela qual cada indivíduo expressa via pensamentos, condutas e as relações cotidianas.

Fazenda & Soares (1994), ressaltam a participação e a forma de interação entre pesquisadores e pesquisados, uma via dupla na qual ocorre a produção do conhecimento.

... na pesquisa de natureza etnográfica até se atribui também aos pesquisadores o papel de locutores: quem fala, quem revela, somos 'eu' e 'você', não propriamente nós, mas o 'eu' pesquisador, junto com 'vocês', pesquisados, produzindo juntos conhecimento. (p.125)

Utilizamos o referencial de Queiroz (1991), Ferrarotti (1988), Conway (1991), Thompson (1992), Ferreira & Amado (1996), que relatam e discutem os procedimentos para um estudo pautado na História de Vida ou estudo biográfico. Este primeiro autor conceitua História de Vida como dados expressidos ao longo do tempo sobre a vida de uma pessoa, sendo relatado pela mesma ou por outras de seu convívio. Este tipo de material tem os seguintes propósitos: retratar a cultura, comunicar o não comunicado, propósito literário, etc. Queiroz (1991), cita, também,

o caso de estudos genealógicos onde este procedimento permite ao pesquisador um contato mais intenso e rico com seu narrador.

Este mesmo autor sustenta a idéia de que as Histórias de Vida constituem uma técnica que propicia a inteira relação entre a vida individual e social.

O que se busca é o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e também agora. (Queiroz, 1991, p.19)

Conway (1991), faz uma discussão, esclarecendo o termo História de Vida, onde também muitos pesquisadores utilizam o mesmo significado como memória episódica ou autobiografia da memória.

No seu ponto de vista o termo originário vem de um pesquisador cujo o nome é Tulving, que conceitua a memória autobiográfica, como: um evento distinto e separado ainda que parte de uma longa história. Apesar destes dois termos teoricamente serem sinônimos, no uso prático diferem quanto ao procedimento.

No primeiro caso, as pesquisas práticas valorizam o significado que os eventos têm na ocorrência da vida das pessoas, sua cultura e personalidade. Já o segundo, enfoca o uso exclusivamente como testes em laboratórios onde o que se privilegia não são as sabedorias e a afetividade do sujeito pesquisado, mas sim, o número de evocações e respostas favoráveis.

Memórias e suas diferentes formas de interpretações de vida, de grupos e suas identidades. Como estudar este ambiente caracterizado pela pluralidade de significações e experiências do cotidiano? Quem serão os participantes dentro desta história sem fim... como nos mostra o filme *História sem fim III*⁵³. Os narradores somos nós, os dublês, mocinhos e bandidos, isto é, quem conta um conto aumenta um ponto, muitas histórias e uma única história, a diversidade na unidade, nosso individual ao social.

É pensando nestes narradores com experiências de poucos ou muitos anos, no palco da rua, que daremos início a uma grande e longa história, as histórias de vida.

4.1. O contato da pesquisadora

O primeiro contato com o grupo começou em 1993, quando foi inaugurada a única escola do bairro. Meu contato com as crianças era na escola como professora e na hora do recreio onde brincadeiras aconteciam.

Andava pelo pátio e observava do que as crianças gostavam de brincar. Uma correria e algumas pessoas para vigiá-las. No recreio não se pode correr, gritar e pular; mesmo assim elas correm, suam e gritam. Pega-pega, elástico, polícia e ladrão, menino pega menina, atividades praticadas pelas crianças no curto

⁵³ Ver o filme *História sem fim III*.

Uma indiana: “- Silêncio e se o fila não estiver com ninguém entra!”

Fim da aula, fecham-se os portões e a quadra da escola não pode mais ser usada. E daí? Todos vão para casa e no lusco-fusco do entardecer a “galera” pula o muro! O time de futebol já está armado e a “pelada” vai começar. Na imagem do bom goleiro, no time de futebol predileto, no melhor que sabiam fazer... goooool! E como grandes jogadores que sonham em ser, os solidários se abraçam.

IV. NOSSOS DADOS: os jogos na rua do bairro

Grandes discussões na escola não para descobrir a melhor maneira de acolher as crianças, mas sim, para expulsá-las: “- As crianças estão invadindo o espaço e não tem ninguém para detê-las”, lá embora e quando descia de carro a rua

4.1. O contato da pesquisadora

Encontrados brincando, correndo, sorrindo. Cena que sempre tive comigo, cena inapagável, cena que não pode deixar de querer entender. Porque não acompanhar, descobrir e viver com aquele grupo?

O primeiro contato com o grupo começou em 1993, quando foi inaugurada a única escola do bairro. Meu contato com as crianças era na escola como professora e na hora do recreio onde brincadeiras aconteciam.

Andava pelo pátio e observava do que as crianças gostavam de brincar. Uma correria e algumas pessoas para vigiá-las. No recreio não se pode correr, gritar e pular; mesmo assim elas correm, suam e gritam. Pega-pega, elástico, polícia e ladrão, menino pega menina, atividades praticadas pelas crianças no curto espaço de liberdade. Crianças que só tinham a rua como o único espaço de lazer e

Passarinhos presos em gaiola. Intensos momentos de liberdade, mesmo que sejam poucos minutos. O sinal toca e é hora de se tornarem elefantes em

fila indiana: “- *Silêncio e se a fila não estiver reta ninguém entra!*”

Fim da aula, fecham-se os portões e a quadra da escola não pode mais ser usada. E daí? Todos vão para casa e no lusco-fusco do entardecer a “galera” pula o muro! O time de futebol já está armado e a “pelada” vai começar. Na imagem do bom goleiro, no time de futebol predileto, no melhor que sabiam fazer... goooool! E como grandes jogadores que sonham em ser, os solidários se abraçam.

Grandes discussões na escola não para descobrir a melhor maneira de acolher as crianças, mas sim, para expulsá-las: “- *As crianças estão invadindo o espaço e não tem ninguém para detê-las*”. Ia embora e quando descia de carro a rua da escola, grupos de crianças eram encontrados brincando, correndo, sorrindo. Cena que sempre tive comigo, cena inapagável, cena que não pude deixar de querer entender. Porque não acompanhar, descobrir e viver com aquele grupo?

Em 1993, o primeiro contato com um grupo da rua Mário Morangoni⁵⁴, no bairro Jardim Universo⁵⁵. Meu primeiro contato fora do ambiente escolar, longe daquele pequeno espaço de tempo controlado, vigiado e, muitas vezes, coercitivo.

Quando me propus a conviver com este grupo, tinha em mente poder respirar como eles, participar e observar. Qual o significado das brincadeiras para aquelas crianças? Crianças que só tinham a rua como o único espaço de lazer e

⁵⁴ Utilizaremos nas próximas citações a sigla M.M. para designar a rua Mário Morangoni.

⁵⁵ Utilizaremos nas próximas citações a sigla J.U. para denominar o bairro Jardim Universo.

os amigos da rua. Não um centro esportivo, não um clube e nem um guia de lazer para suas tardes de domingo.

Às vezes um comício em ano de eleição, camisetas e show de palhaços, tudo em prol de votos. Ah! Neste dia era a festa! Caso contrário, tinham que inventar, criar, construir. Nada melhor do que fazer coisas com alguém!

Quem seria este alguém? Afinal não é legal fazer coisas sozinho! Os filhos das amigas da mãe, os primos, a molecada, a renca, a galera. Ali, cabeças pensando juntas; com certeza, alguma traquinagem brotaria!

O brincar, o pegar, o esconder, o desafiar, a desenvoltura, o experimentar. Quis compreender melhor como todos os mecanismos de transmissão e difusão de brincadeiras funcionavam. E foi ali que escolhi aportar.

No ano de 1993-94, mesmo concluindo a pesquisa⁵⁶, coisas pendentes ficaram. Quanto mais queremos abordar um problema de pesquisa, mais ele borbulha, mais ele cresce, mais ele nos instiga e mais outros problemas aparecem. Intrigante, o nascer do conhecimento! Ele borbulha, ele descansa, ele adormece e quando menos esperamos as coisas estão na sua frente lhe incomodando.

A curiosidade, o instigante e a decisão de retomar interrogações que, por algum tempo, dormiram na gaveta. Prestem atenção! Elas dormiram só na

⁵⁶ Estudo referente a transmissão dos jogos tradicionais infantis em 1993-94. Pesquisa financiada pelo CNPq, Universidade Estadual de Maringá-Pr.



gaveta, mas nos sonhos e atos da pesquisadora, não! Ela olhava pela janela e não via mais o grupo de crianças. Ela se inquietava!

Toda vez que ela via crianças jogando “Bets” na rua, tinha o prazer de freiar seu carro para esperar que alguma criança retirasse a casinha do jogo para o carro passar. E quando estava passando ela era capaz de escutar “licença para dois!”⁵⁷

As crianças percebem no seus atos quando são bem vindas. Um dia não pude deixar de escutar de uma criança que andava comigo no carro: “- *Você sempre pára o carro quando vê uma criança com a bola na rua.*” E ela mesma completa: “- *Também, você só poderia fazer isso! Você trabalha com crianças!*” Crianças têm como sonar a empatia para suas relações. É por isso que, às vezes, mordem professores, porque não gostam deles!

E então, no dia a dia, inúmeras questões surgiram na convivência com as crianças. Elas sempre estão brincando, criando e representando. Na verdade, como pesquisadora sempre quis tê-las como companheiras e, em 1995, tive a oportunidade de retomar e concretizar questões que ao anoitecer me visitavam em sonhos.

⁵⁷ Termo utilizado como regra no jogo de bets que significa a paralização por um tempo determinado da ação em jogo.



4.2. A seleção do grupo

Como optamos por dar continuidade a questões nascentes da pesquisa anterior, a seleção do grupo passou a ser o reencontro com as crianças com as quais antes tínhamos convivido. Será que todas as crianças seriam encontradas? Será que algumas deixaram de brincar na rua? Quem encontraríamos na rua? Teríamos novos parceiros?

Então, reencontrá-los era uma questão primordial para podermos delimitar quem participaria do estudo. E se eles não quisessem mais minha presença no grupo? Como princípio estabelecido nenhuma criança seria excluída do estudo; todos que pertenciam ao grupo e que desejassem participar estariam incluídos. Apenas se algum dos pais não permitissem, aí o que se poderia fazer era tentar convencê-lo!

Um desafio a mais! Ampliar a antiga relação com as crianças e incluir os seus pais. Construir um elo entre o brincar, as crianças e a visão dos adultos frente às brincadeiras infantis. Teriam eles uma participação especial no ambiente da rua e na propagação dos jogos tradicionais infantis?

Os procedimentos estabelecidos para o levantamento dos dados foram: com as crianças a observação do grupo, suas brincadeiras e a rua; participação do repertório coletivo de jogos quando convidada pelo grupo e entrevista individual. Com os adultos, uma entrevista individual para: 1) coletarmos e garantirmos uma seguridade sobre os relatos das crianças; 2) podermos entender

como os pais estavam percebendo a questão das brincadeiras entre seus filhos;
3) qual o grau de participação na transmissão e difusão do repertório de jogos tradicionais infantis entre pais e filhos.

Nossa pesquisa de campo começou no dia 20 de maio de 1996 quando fui à procura das crianças na rua M.M. Pedi informação para duas crianças, perguntando se eles conheciam o Adaelson. Em seguida, descia Adaelson de bicicleta. Perguntei se ele ainda se lembrava de mim. Perguntei pela Bia e sua mãe. Imediatamente, fomos até a sua casa e Bia estava no portão. Junto com ela, sua prima Lenice e Letícia; pedi por D. Vil.. Adaelson foi chamar, dizendo que eu estava lá e então pudemo-nos reencontrar.

Primeiramente, nos abraçamos e lembramos quanto tempo fazia que não aparecia por lá. Comentou que as crianças estes dias perguntavam por onde eu andava. Conversamos no portão.

Nesta conversa, perguntei se eles gostariam de participar de novo da pesquisa e acrescentei que precisaria de algumas conversas com os pais, convidando D. Vil. Ela se mostrou prestativa e agora que está grávida, terá mais tempo para conversarmos (segundo seu comentário). Combinei com as crianças que voltaria no outro dia, para começarmos.

Bia e Adaelson perguntaram: “- *Você vai brincar com a gente?*”
Respondi que sim, e que no outro dia às 18h voltaria. Pedi para Bia convidar todos com quem ela costumava brincar.

Quando cheguei no portão da casa do Adaelson, ele brincou comigo dizendo: “- *Você não veio roubar a gente não, né?*”⁵⁸

No outro dia (21 de maio de 1996), a recepção foi uma gritaria só. É, esta espera foi ansiosa e alegre! Quando desci do carro para conversar, as crianças já estavam todas em volta, elas me perguntaram se hoje eu iria brincar. Respondi que sim. Fomos nos apresentando e conhecendo algumas crianças novas que não haviam participado do estudo anterior.

Conforme elas iam conversando Adaelson e Bia iam contando quem eram os seus amigos, dizendo seus apelidos, histórias e aventuras de rua. Como conhecidos temos Bia (Beatriz - 11 anos), Adaelson (09 anos), Lenice (06 anos), Rosiane (11 anos), Anderson (10 anos). As crianças que eu não conhecia eram: Hugo (09 anos), Mônica (11 anos), Everton (08 anos), Simone (06 anos), Robson Carlos (06 anos), Ricardo Vinícius (11 anos), Anderson (conhecido como Polaco) e Leandro (10 anos).⁵⁹

O interessante que, à medida que se apresentavam tinham uma história para contar, como: “*Adaelson é namorado do Everton porque eles vivem dançando valsa na rua...*”

⁵⁸ Esta pergunta surgiu, penso, devido a novela transmitida pela Rede Globo que divulgava uma campanha relacionada à crianças desaparecidas.

⁵⁹ É importante esclarecer que nem todas as crianças do grupo pesquisado participaram deste primeiro encontro. Conforme o desenvolver da pesquisa novas crianças apareceram, são elas: Danilo (07), Josiane (13 anos), Juninho (09 anos) e Adailton (09 anos).

Convidei-os para participar do estudo, pedindo a permissão para poder ficar no grupo com eles. Todos me perguntaram se eu iria brincar. Enquanto fazia o convite, foi muito engraçado! Comecei dizendo: “- *Quero convidar...*” e imediatamente, Anderson perguntou se era para dar uma volta de carro. Demos muitas gargalhadas! Disse que às vezes eu apenas iria observar e acharam que eu teria que brincar de uma vez.

Começamos com o pega-pega; depois decidimos brincar de esconde-esconde. Uma das crianças começou contando e os outros foram se esconder nos esconderijos mais diversos possíveis, como: atrás da árvore, data vazia, atrás de muros em cima da árvore, casa do vizinho...

Quando fui pega e Adaelson me avisou: “- *Ó, vou me esconder no escuro, se você tem medo....*” Numa outra rodada me escondi com Bia e Lenice numa data⁶⁰ vazia, na espera para “nos salvarmos”, contávamos com ajuda da Simone, que ainda não estava no jogo. Ao invés de ajudar, ela ficava falando alto e acabou nos entregando ao pegador. Pedíamos para que ela saísse da frente do esconderijo e ela respondia: “- *Eu não estou brincando!*”⁶¹

Enquanto acontecia o jogo, conversei com Sr. Els, que observava o jogo, aproveitando a oportunidade convidei-o para uma conversa. Sua reação foi meio retraída no momento, mas conversando um pouco mais, ele disse que, às

⁶⁰ Data, neste caso, é considerado um lote de terra.

⁶¹ Entendemos a atitude de Simone como uma manifestação de desejo em participar da brincadeira.

vezes, brincava com as crianças. Então, combinamos de marcar um dia para conversarmos.

Minha presença no bairro chamou a atenção de alguns moradores com a qual tive a oportunidade de conhecer a mãe da Rosiane, D. Ros. Ela observava o jogo do portão, na frente da sua casa. Conversei e convidei-a para participar do estudo: sua reação foi positiva.

Enquanto conversava no portão, Anderson quis me levar até a sua casa e lá pude conhecer D. Li sua mãe, D. Mar, mãe da Mônica. Elas conversavam na varanda quando Anderson, chamou: “- Mãe, esta é a Simone aquela que te falei...”

Me apresentei e expliquei o que fazia no bairro. Convidei-as para participar. Sua reação foi: “*Vai ser separado ou pode ser todo mundo junto?*”

Disse que elas poderiam escolher, então, sugeriram, de juntar toda as avós, mães participantes do estudo num domingo à tarde, para conversarmos. Alegaram que assim seria mais gostoso. Perguntei se poderia filmar e elas deram risada, dizendo então que teriam que se arrumar no dia. Pedi para elas se comunicarem e voltáramos a conversar. Depois disso Hugo, Robson e Anderson (Polaco) queriam me levar até a sua casa, mas disse que iria outro dia pois estava interrompendo o ritmo das brincadeiras.

O empenho das crianças na participação do estudo foi de muita receptividade. Devo considerá-los grandes anfitriões e companheiros. Começamos a



visitar algumas casa no dia 27 de maio de 1996. A cada dia visitávamos uma casa que, para mim, nova e para eles o cotidiano da vizinhança. O apoio das crianças, um elo que consolidou o início da minha relação com o grupo, o bairro, os vizinhos, o bar e a escola: uma relação hospitaleira e de amizade.

Hoje foi a experiência mais interessante, sobre molecagens. Enquanto íamos para casa do Hugo, a farra acontecia na rua, gritaria, agarra-agarra, corridas, pega-pega e os insultos com os cachorros.

Hugo foi correndo chamar sua mãe, D. Lur que se mostrou simpática e receptiva. Expliquei o que faria, fiz o convite para sua colaboração no trabalho. Conteí da idéia que D. Li. e D. Mar. tiveram de reunir a mulherada para uma conversa; conteí que seria num domingo a combinar. Me interrompendo, disse: “- *Era justamente o que eu estava pensando, num domingo.*”⁶²

Enquanto a conversa acontecia a platéia estava atenta e apesar das brincadeiras, as crianças já determinavam qual era o nossa próxima visita. O bar do pai do Danilo. Chegamos lá e fui apresentada ao Sr. Ju. Quando convidei-o para participar ele respondeu: “- *Peraí, você fala com a minha mulher.*”

Enquanto o Danilo foi chamá-la eu o provoqueei dando risada, afirmando a importância de sua colaboração. D. Cin chegou, a convidei para participar da reunião com a mulherada e de entrevistas individuais. Ela me

⁶² É importante ressaltar que a reunião que para mim tinha o objetivo de organizar e conhecer o grupo a ser estudado, para os participantes um momento de lazer com direito a uma mini-festa; já que neste dia ninguém trabalhava.

perguntou se eu viria no local entrevistar, devido à questão de horários.

Fomos para a casa do Leandro. Primeiramente, sua mãe pediu para a irmã mais velha Daniela (14 anos), atender. Comecei a perguntar se ela brincava na rua, e disse: “- *Acho que você não deve mais brincar, não é?*” Falei baseada na idade, e para minha surpresa ela respondeu: “- *Brinco sim, jogo futebol na rua com as meninas.*” Perguntei se tinha meninos e ela disse que era um grupo exclusivamente de meninas.

A mãe do Leandro não foi tão receptiva assim, pedindo que fosse lá na janela. Meio que escondida, só pude ver seus olhos e a testa. Uma voz intimidada e a aceitação do convite para o dia da mulherada, a combinar.

A molecada queria continuar, mas decidi combinar outro dia, conhecendo um pouco de cada vez. Perguntaram se eu iria voltar amanhã e disse que sim. Comentei que estava com as fotos da pesquisa anterior e veríamos na hora que estivesse o grupo de meninas e meninos.

O contato direto com os adultos se deu à medida em que as brincadeiras com o grupo eram praticadas. Algumas crianças do grupo não moravam na rua onde a maioria dos componentes moravam. Estes companheiros vinham de mais duas ruas diferentes.

Como a maioria do grupo se fixou na rua M.M., o meu contato se limitou mais com as mães, avós e conversas de portão ao entardecer, daquela rua. Devido a fato de ter mais contato com a família de Bia e encontrar a mãe do

Anderson e da Josiane, optei em pedir apoio para elas na decisão dos convidados para uma reunião e organização da lista dos participantes.

No dia treze de agosto de 1996 nossa primeira questão foi a de decidirmos o local de nosso encontro. D. Li pergunta: “- *Onde vai ser?*” “*Na rua assim, na casa de alguém?*” Sugerir a escola como espaço. Fariamos nossa conversa no pátio utilizando as cadeiras das salas de aula. Levantei um único problema, se a diretora alegasse que iria sujar a escola? D. Vil propôs que levássemos vassouras, no final todos ajudariam varrer e deixaríamos tudo limpo.

Nosso segundo passo foi o de fazer a lista pelo nome das crianças que brincavam na rua. Logo, surgiram nomes de pessoas que eram suas amigas citadas como “uma pessoa tão boa” e que deveriam ser convidadas. Deixei em aberto para que elas decidissem.

Enquanto fazíamos a lista, combinamos em dividir alguns nomes para cada uma avisar. Combinamos, também, o que iríamos levar para o lanche, resolvemos que eu ficaria encarregada de pedir a escola e a bebida. Cada uma das convidadas levaria um pratinho de doce ou salgado. D. Li precisou ir embora e fiquei de passar lá no final da noite para avisá-la do resto que ficou decidido.

No dia treze de junho de 1996, ficamos na rua brincando até 19h 45 minutos, quando recebi o recado que D. Vil queria falar comigo. Chegando lá, era para tomar um refrigerante. Em pé, na cozinha, eu e meu amigo Juninho a quem

⁹³ D. Neu argumenta: “- A gente escolhe falar tanto!” Na conversa comigo ela se baseia em informações a meu respeito com as outras mães.

daria uma carona ao término de nossas brincadeiras. Quando levei Juninho até a sua casa, encontrei sua avó D. Div. que já estava a sua espera.

Neste dia enquanto brincávamos na rua, foi anoitecendo e dois pais foram buscar as crianças. A avó de Robson veio querer saber aonde ele estava e aproveitei para conhecê-la. Ficamos ali na rua e ela me contou que já tinha ouvido falar de mim, pois antes de me conhecer ela pensou na hipótese de roubo de crianças.⁶³

No dia catorze de agosto de 1996, fui conversar com a diretora da escola e ela não estava, mas encontrei Adaelson e Adailton que saiam da escola e acabei dando carona. Perguntei o que eles iam fazer e disseram que iam jogar futebol na escola. Eles sempre saem da escola e vão para casa levar o material para voltar para brincar de futebol.

Fui também até a casa de D. Vil para levar a lista que havia prometido. Junto estava D. Luz, que chamada pela Vil, ficou sabendo da organização do encontro das mães e também poderia ajudar a avisar também as outras pessoas. D. Vil estava lavando roupa e parou para me atender. Perguntei se sabia ler a lista e respondeu que era com muita dificuldade. Diante de sua resposta, fui lendo a lista e ela foi escolhendo as pessoas que poderia avisar. Agradei e fui embora.

⁶³ D. Neu argumenta: “- A gente escuta falar tanto!” Na conversa comigo alega ter buscado informações a meu respeito com as outras mães.

Quando saía, Bia, Letícia e Lenice perguntaram se ia brincar hoje e eu respondi que não. Perguntei se quando eu não estou lá elas não brincavam e disseram que não. Imediatamente D. Vil, entrou na conversa e disse: “- *Elas brincam todo dia e quando você vem ficam com frescura, dizendo que não brincam.*”

Fui até a casa de D. Li e na frente da casa chamei e lá de dentro a voz: “- *Entra!*” D. Li disse que estava assistindo uma tranqueira⁶⁴. Me convidou para sentar e assistir o programa com ela, mas, apenas deixei a lista de convidados para a nossa reunião.

Tanto na casa de D. Vil como na de D. Li, a única mãe não conhecida era a do Leandro. Então fui até D. Mar. para ver se ela conhecia, mas só a mãe do Adailton ela conhecia. Tentei comentar onde o Leandro morava, D. Mar se lembrou, mas mesmo assim não a conhecia. Ela resolveu o problema com a Josiane, que escutava a conversa com sua sobrinha no colo, ficando ela, segundo a ordem de sua mãe, responsável para convidar.

Na saída, encontro Bia e Letícia brincando de bandeirinha; uma em cada lado, tentando se pegar.

No dia da nossa reunião (Vinte quatro de agosto de 1996) cheguei cedo para recepcioná-las, D. Mar. a mãe da Josiane estava lá, acompanhada de

⁶³ Rayane (33 anos), é sobrinha de Josiane. E sempre está na rua no meio da brincadeira.

⁶⁴ O combinado era que nesta reunião apenas visitas os adultos, pois para eles já tinha sido o primeiro dia porque tinham ido.

⁶⁴ Programa exibido todas as tardes pela rede de televisão Bandeirantes.

Josiane, Rayane⁶⁵ e Rosiane. Foram as primeiras a chegar. As meninas estavam arrumadas como se fossem participar da reunião.

Ficamos ali esperando as outras mães, mas para nossa surpresa chegaram: Hugo, Robson, Anderson e Danilo arrumados para participar também⁶⁶. Mais tarde, chegou a mãe da Rosiane, D. Vil, uma amiga e a mãe do Gabriel⁶⁷, a vizinha que sempre convida as crianças para brincar no seu quintal.

O roteiro preparado, foi estruturado na forma de entrevista individual, aplicada coletivamente, abrangendo as principais questões que estão desenvolvidas neste estudo. São elas: 1) explicar o que fazia no bairro; 2) sobre a pesquisa com as crianças; 3) a importância na participação delas na educação de seus filhos; como e em que hora elas acompanhavam os filhos; 4) algumas preocupações delas com os filhos que brincam na rua; 5) o que elas falam a eles antes de ir para a rua; se eles ensinavam alguma coisa para elas, trazidas das brincadeiras de rua; 6) as brincadeiras infantis de vocês são as mesmas que hoje vocês vêem as crianças brincando; 7) você já ensinou alguma brincadeira para seu filho?

No decorrer do nosso encontro, estas questões foram fluindo como troca de experiências, identificações e reminiscências. Surgiram lembranças de coisas que faziam, quando crianças: varadas de marmelo, antigas amizades. Tempo

⁶⁵ Rayane (03 anos), é sobrinha de Josiane. E sempre está na rua no meio da criançada.

⁶⁶ O combinado era que nesta reunião apenas viriam os adultos, pois para eles já tinha sido o passeio no parque de diversão.

⁶⁷ Gabriel (3 anos), assiste o grupo de crianças brincando na rua dentro do quintal, pela fresta do portão.

bom, carregado de saudade, tempo do relógio que rodou e na memória ficou. Como diz Alves (1995, p.66): *“O que a memória amou, fica eterno”*.

Nota-se o prazer de lembrar, de contar as mais variadas peripécias, artimanhas e molecagens. Risos e lembranças dos pais... lembranças bem guardadas para sempre que o desejo nos impele a resgatar.

Nem todos os convidados puderam comparecer, entretanto, a ausência de algumas mães foram justificadas. D. Li foi trabalhar, D. Cin. que teve um campeonato de truco e sinuca no bar e D. Div, teve que sair.

Após o encontro, as entrevistas foram realizadas no período de 26/08 à 11/10/96.

4.3. O bairro

O bairro escolhido está situado numa região aos arredores do centro da cidade; Região de vasto território que, durante anos, foi tida como propriedade particular de um dos pioneiros de Maringá-Pr.

Hoje, grande parte do terreno foi loteado, restando apenas algumas áreas privadas onde cultiva-se: algodão, trigo, soja e milho. Estes terrenos fazem fundo com as casas da maioria das pessoas participantes do estudo.



De um lado, pequenos lotes de terra; do outro, a rua selecionada: Rua M.M. Um bairro com aproximadamente de oito a dez anos de existência, com ruas asfaltadas, tendo apenas água encanada e energia elétrica, faltando rede de esgoto e asfalto nas ruas mais afastadas.

A maioria dos moradores compraram as datas em inúmeras prestações e estão construindo suas casas aos poucos, onde tem-se a impressão de um enorme canteiro de obras inacabadas mas, já habitadas. Quintais nos quais são plantados mandioca, hortas, pomares, galinheiros, ervas medicinais e, em alguns lugares, cavalos pastando em datas vazias.

Um bairro em crescimento, um bairro onde a igreja e a escola são os principais lugares comunitários. Bar e mesas de sinuca, máquinas caça-níqueis, lanchonetes e bailes noturnos, estas são as opções de lazer de nosso grupo.

Esporadicamente, surge um parque infantil, uma carrocinha de cachorro quente, brinquedos que parecem sucatas. Neste dia é festa! Pudemos vivenciar com nosso grupo de crianças. Brincávamos na rua e já era noite, quando:

Anderson fala que vai embora pois vai pedir um real para comer cachorrão na lanchonete. Sugerir no dia treze de agosto de 1996, que um dia poderíamos comer com todo mundo e que eu pagaria, mas só para o nosso grupo. Mais que depressa a sugestão: “- *Porque você não leva a gente no parque ali embaixo?*” (Um parque de diversão instalado duas quadras para baixo da rua onde brincávamos), e então todos concordaram... perguntei quanto que estava para andar nos brinquedos e logo o espanto: “- *Você vai pagar para todo mundo?*” Expliquei

que sim, mas era só um brinquedo cada um. Expliquei, também, que era porque no domingo das mães as crianças não participariam e então iríamos neste sábado, dia 17, às 18h 30 min. Falei que não era para espalhar senão o dinheiro não ia dar. Resolvemos fazer uma lista e Juninho escreveu: Adaelson, Bia, Letícia, Lenice, Adailton, Rosiane, Josiane, Mônica, Anderson, Danilo, Júlio, Robson, Hugo e eu.

Dia dezessete de agosto de 1996, fomos ao parque. Cheguei na hora marcada e apenas Rosiane estava pronta. Parei o carro na frente da casa de D. Vil, fui conversar com D. Li que estava lá na frente, junto com uma de suas filhas. Enquanto conversávamos foi chegando a dupla: Adaelson e Anderson. Depois chegaram Adailton e Hugo que trouxe sua irmazinha Andressa. Resolveram ir chamar o Juninho e faltava também o Danilo, surgindo o comentário que era seu aniversário. Chegou todo mundo. Josiane não foi porque viajou, no seu lugar foi Jéssica filha da amiga de D. Li e também vizinha.

Combinamos de andar todos juntos, pois estávamos em quinze. Enquanto descíamos a rua, presenciei as meninas puxando a orelha de Danilo até sete. Isto significava a quantidade de anos que ele estava fazendo. Como disse Adaelson: “- Hoje eu puxei a orelha do Danilo um monte de vezes”.

Fomos andando, Robson voltou correndo pegar dinheiro, já que o combinado era apenas um brinquedo. Alguns levaram moedas para comer e brincar mais de uma vez. Bia faz uma consideração: “Sou mais esperta que o Adaelson, eu



fico pela casa inteira caçando as moedinhas do meu pai". Esperamos Robson voltar e fomos.

Chegando lá Ander achou melhor todos esperar na bilheteria. O parque foi montado em uma data vazia, com uma bilheteria, uma roda gigante, uma piscina de bolinhas, uma barraca de argola, um carrossel, um barco Viking, um chapéu mexicano (que as crianças sempre chamam de chapéu africano), um brinquedo de moto, uma carrocinha de cachorro quente, um pipoqueiro e um homem que vendia algodão doce.

Todos fizemos uma fila em frente à bilheteira para comprarmos nossas fichas. Cada um poderia escolher o brinquedo desejado. As duas meninas menores foram no carrossel e a maioria das outras crianças na roda gigante. As crianças que levaram mais dinheiro foram também no barco Viking.

Juninho está se tornando grande companheiro, me convidou para irmos em um no brinquedo, então, resolvemos ir na argola. Jogamos e perdemos tudo. Não faltou platéia, dando palpites. Depois compramos mais três fichas, dividimos as argolas para todo mundo jogar mais um pouco.

A barraca da argola foi o último brinquedo, após brincarmos chegou a hora de comermos alguma coisa. Alguns tinham dinheiro do cachorrão e outros iam ficar olhando. Então, o dinheiro que tínhamos não dava um cachorrão inteiro e eles propuseram de dividir em três partes. Quem tinha dinheiro também ajudou e assim pedimos quatro cachorrões divididos ao meio. Foi a festa, maionese,

* No estacionamento na rua André é sempre o amigo da turma, mas agora percebi que além da amizade, a relação de tratamento, por parte dele com Robson, lembra um tratamento carinhoso e de irmão.

catchup e mostarda que nem se enxergava o pão direito. Enquanto esperávamos os lanches, Mônica diz: “- *É acabou o dinheiro não tem mais graça*”.

Adaelson tem muitas “manhas” para conseguir as coisas de graça. Um exemplo é: para entrar no brinquedo sem pagar ele passa junto com o primeiro que entrega o papel, passando de fininho.

Ander foi na roda gigante com o Robson, e ficou com três moedas de um real no bolso. Durante o brinquedo esta deve ter caído, perdendo, assim, o dinheiro do seu amigo. Foi então que os dois me contaram enquanto estava vendo as crianças no barco Ander começou a falar que não tinha importância pois o dinheiro que ele ganhava de seu pai ele sempre “torrava” com Robson⁶⁸.

Quando nos dirigimos para a carrocinha do cachorrão praticamente tomamos conta, ficamos amigos do dono da carrocinha e no final ele ficou com dó das duas meninas menores e chegou perto de mim perguntando se eu esperava um pouco, pois percebeu que as duas estavam com vontade de comer mais e deu a cada uma um cachorrão. Seu comentário foi: “- *Eu não agüento ver criança passando vontade, acariciando as duas e dizendo que gostava de crianças*”.

Hora de ir embora, fomos subindo a rua e deixando cada um na sua casa, aquela “renca” de crianças mas, meninos pra lá e meninas pra cá. Nos despedimos e na frente de casa Sr. El. estava esperando, dizendo que era cedo e que

⁶⁸ No relacionamento na rua, Ander é sempre o amigão da turma, mas agora percebi que além de amigo, a relação de tratamento, por parte dele com Robson, lembra um tratamento carinhoso e de irmão.

poderíamos entrar. Me despedi e prometi voltar um dia a noite para podermos conversar.

O bairro parece ser dividido pela avenida paralela, que cruza até a escola. Neste trecho, a avenida sem saída espera talvez um próximo crescimento do bairro, pois ela termina frente a um lote de terra que está sendo cultivado.

Se tomarmos como ponto central a divisão entre a rua que passa pela escola, podemos afirmar que o lado acima da escola foi construído antes devido a estar muito próximo a um bairro existente há anos. Do lado de cima da escola, todas as ruas são asfaltadas e o comércio melhor estruturado. Nossa pesquisa limitou-se apenas à única rua já citada, situada abaixo da avenida central da escola.

4.3.1. Quem é o grupo

Nosso grupo participante tem algumas peculiaridades interessantes a serem retratadas, portanto, tomaremos como ponto de partida a organização dos dados, tendo a reconstrução do núcleo família como base. A opção por esta forma se faz necessária para melhor ilustrar a constituição interessante da formação do grupo.

Para reconstruirmos nosso dados percorreremos dois caminhos: o primeiro, será dos adultos para as crianças, para enfatizar questões relacionadas ao



cotidiano e vivências culturais do grupo. O segundo caminho será especificamente o caminho construído pelas crianças versus crianças em interações, como: o grupo, as brincadeiras, a rua, o bairro, a casa e vivências cotidianas.

Partiremos, portanto, do diacrônico ao sincrônico no primeiro momento e no segundo do sincrônico ao diacrônico. É importante ressaltar que procuramos ilustrar nosso texto, recortando dados, não respeitando uma ordem cronológica dos acontecimentos, mas sim, de acordo com critérios que aproximaram-se na resolução direta do problema de pesquisa estabelecido.

Relataremos a seguir, a constituição das famílias entrevistadas, buscando, quando possível, organizá-las de forma hierárquica, ou seja, avós, pais, crianças. No decorrer do texto aparecerão relatos e entrevistas com os adultos sempre relacionados a elementos femininos, devido, a que a maioria dos pais das crianças ora se encontravam no trabalho ora preferiram deixar à cargo de suas esposas ou, ainda, quando na família entrevistada houve ausência da figura masculina.

Temos como participantes, adultos na faixa etária de 31 à 65 anos, sendo a quantidade de nove mães com idade de 31 à 47 anos e três avós, na faixa etária de 62 à 65 anos.

Dos doze adultos entrevistados, apenas dois nunca tiveram passagem pela escola, sendo quatro com primário incompleto, quatro com primário completo, um com primeiro grau completo e um com segundo grau completo.

²⁰ Bia frequentava a Escola Estadual Professor Maria Dalmi Pinheiro pela manhã e o Lar Escola da Criança. Este segundo estabelecimento, atualmente era em regime de internato.

Uma característica bem peculiar entre eles é com relação à profissão dos entrevistados, que já moraram no sítio, trabalharam na roça e quando vieram para a cidade conseguiram emprego como domésticas. Apenas uma entrevistada trabalha como zeladora na Universidade Estadual de Maringá. Algumas mães que não trabalham mais fora de casa, também já exerceram a mesma profissão das outras.

Com relação ao grupo infantil, a faixa etária varia de 05 à 13 anos, de característica mista, composto de: oito meninos e sete meninas. Quanto à faixa etária encontrada temos: uma criança com cinco anos, duas crianças com seis anos, uma com sete anos, quatro com nove anos, quatro com onze anos, uma com doze anos e uma com treze anos.

Todas as crianças deste estudo são moradoras no bairro, convivendo diariamente nos principais espaços institucionais, como: a casa, a igreja e a escola. De quinze crianças entrevistadas apenas uma não estuda na escola do bairro. Esta criança frequenta uma escola de período integral, pela manhã, as crianças vão a uma escola pública perto desta instituição e no período da tarde participam de atividades extra-curriculares⁶⁹.

A escola do bairro é um dos principais espaços de realizações de alguns eventos comemorativos. Algumas das crianças também frequentam o curso de catequese, ministrado na escola.

⁶⁹ Bia frequenta a Escola Estadual Professora Maria Balani Planas pela manhã e o Lar Escola da Criança. Este segundo estabelecimento antigamente era em regime de orfanato.



Quanto à rotina diária das crianças fora do período escolar, encontramos desde a ajuda em afazeres domésticos, tarefas escolares, assistir à televisão e brincar.

Adaelson, Mônica e Rosiane prestam ajuda aos vizinhos como: levar as crianças na creche, arrumar o quintal dos outros e conversas com avós e irmãos mais velhos.

Quando perguntado às crianças sobre seus programas infantis, o centro de interesse está voltado para filmes, programas infantis e desenhos. Já o brincar varia de acordo com período escolar de cada criança, isto é, temos crianças que brincam no período da manhã e da tarde, quando é o horário da maioria das crianças e outros que só brincam no período da tarde ao término do período escolar. O importante é que o espaço para o brincar é tido como diário.

4.3.2. A vizinhança

É na conversa do portão, nos tiriricos⁷⁰ de vizinhas, na receita do bolo, na necessidade da vida, nas festas comunitárias, desavenças e antipatias, neste

⁷⁰ Termo utilizado por D. Mar. para definir o significado de fofocas, falar da vida alheia. Dona Maria, a mãe da Mônica conta em sua entrevista qual a relação que gosta de estabelecer com suas vizinha: "É, uma conversa sadia, gostosa, então, se for prá tá tiriricando por aí a vida dos outros, também não compensa."

universo, que nascem relações de amizade que para uns constituem laços, que dão sentido à vida. Ou, para outros, acontecimentos sofridos, dolorosos e difíceis. O cotidiano impregnado de movimento, de modificações e do que está por vir.

De onde vêm estas pessoas? Porque mudaram para o bairro pesquisado? Quais são as histórias construídas, reconstruídas, vividas e perdidas destas pessoas? Ou melhor: há quanto tempo estas pessoas moram neste bairro?

Das doze pessoas entrevistadas, cinco delas mudaram-se do sítio para a cidade e instalaram-se direto neste bairro⁷¹; as outras seis moraram em vários bairros e estão de cinco à dez anos neste local; apenas uma moradora está há dois anos.

Para melhor ilustrar as relações do bairro e a vizinhança, apresentaremos trechos dos relatos dos participantes do estudo. Nas falas dos participantes se nota o grau de interação de cada pessoa com as outras do bairro. Nestes relatos podemos encontrar, ora laços afetivos e histórias de há muito tempo atrás ora apenas uma pequena convivência diária entre os moradores; ora, um forte apego ao grupo, ora a comunicação formal da campanha da boa vizinhança.

“Oia, o, o, Simone, eu toda a vida a minha amizade é assim uma amizade pura. Cê vê essa D. Div. me conhece de quando eu nasci, de quando eu nasci a D. Div. me conhece. E o tempo que eu fiquei o mais longe dela foi oito anos que ela morou aqui em S.C. que eu tava morando nessa fazenda que eu casei. E

⁷¹ Uma das peculiaridades do grupo estudado é a de que três famílias moravam juntas no sítio e mudaram-se para o mesmo bairro, constituindo no total de onze elementos participantes da pesquisa.

quando eu tava com quinze dias de casado ela mudou de parede e meia comigo⁷²".
 (D. Vilma - 30 anos)

A família de vó Mar, D. Vil, D. Luz e D. Div são ligadas muito antes de se mudarem para o bairro em que foi feita nossas entrevistas. Como em um de seus relatos afirma D. Div.: *"- A família de D. Mar é como se fossem meus parentes"*.

"M... A gente fica tudo..."

D. É todo o dia!

M. Nós moramos muitos anos juntas prá lá.

D. Quando morava no sítio. É nos morava em fazenda. Então, se eu não tivé em casa, pode vir aqui que eu tô. Mas eu gosto de todo meus vizinho ali; inclusive tem a Vên. ali que é minha vizinha, todo o dia ela vai na minha casa. Eu já não vou muito na dela, mais não é por nada, porque eu não gosto dela, eu gosto sabe, porque às vezes quando eu termino o meu serviço, ela já terminô, ela vem. "Vim batê um papo porque eu vou trabalha" pode vim né? Ai quando ela sai agitada, eu tô aqui. E tem vez que eu venho aqui três vez, né D. Mar.? Eu venho cedo, cabo o serviço venho, de noite tem vez que me dá vontade eu venho, é assim. É que eu falei quando eu mudá daqui eu vou senti muito, né.

M. Fica uma coisa muito sem graça.

D. Fica esquisito, né... ah! Pra falá a verdade eu considero que nem meus parentes. Eu acho que eu estimo eles, mais do que um próprio parente meu. É sério mesmo, né! Tem as outras colegas, 'Você não vai na minha casa?' Mas eu não acho jeito. Sinceramente, eu não acho jeito! Tem que vim é aqui. Meu filho que tá lá em baixo fala assim: 'Mãe, mais o que a D. Mar. mas os outros aqui tem de melhor do que eu, que a senhora só vai lá?' 'Ah, Leandro, eu não sei! É que eu gosto deles, eu vou, sou bem recebida, então, é aí.'"

⁷² D. Vil explica o significado de parede e meia: "Como diz, como minha parede é ligada na dela no quarto se fala parede e meia, é assim que fala né, nas fazenda, né, porque aqui não fala parede e meia, né, mais lá na fazenda é assim; faz uma casona bem grande divide tudo os quarto e um põe a porta prá lá e outro a porta prá cá, então lá na fazenda fala parede e meia."

“M. Outro dia ela demorô pra vim aqui e fui lá vê o que ela tava fazendo, cheguei lá, ela tava lavando roupa.

D. É que a gente às vezes fala assim: - Ah, a gente vai na casa de fulano todo o dia, acho que ele tá aborrecido da gente, né?

M. Que nada!

D. Mas aí falei assim: - Não deve te dá aborrecimento, mas se não gosta que manda embora, mas que eu vou, eu vou!

M. Que nada a gente não tem a mínima coisa..”. (Vó Ma. - 65 anos e D. Div - 62 anos)⁷³

Relacionado a questão da amizade de anos atrás temos também o relato de D. Neu, que Juninhoto com seus vizinhos de fazenda muda-se para o bairro com eles:

“E. Ah, tenho! Tenho muita amiga. Ah! De conhecido assim tem a D. Cla, tem a D. Mar, tem a D. Lív, tem a Jov, tem a Mar. ali, tem minha comadre que mora lá embaixo, tem a outra D. An. que mora ali. É a gente tem amizade, só que essas pessoas que mora mais assim lonjinho da gente, que a gente tem amizade com eles já era conhecido velho de sítio, sabe. Então a gente veio prá cá e eles vieram primeiro do que a gente, e daí depois eles vieram e continua a amizade do mesmo jeito. Só mudou o local.” (D. Neu. - 53 anos)

D. Li, nos conta de suas amizades e sua amiga preferida. Amiga esta que compartilhou de momentos de luta, alegria e conquistas. Um laço de amizade que suporta as dificuldades da roda da vida.

⁷³ D. Div fez sua entrevista na casa de Vó Mar. Sendo, então, muitas vezes, uma conversa a três.

“L. Ah! Tenho bastante amizade, bastante mesmo, o Jardim inteiro. (com ênfase). É porque eu participo do grupo de Renovação Carismática, então a gente conhece muita gente. Eu combino com todo o mundo, mas só que com a vizinha mais assim, que é a vizinha que tem dez anos que a gente mora junto e mais amiga mesmo é essa daqui, a D. Mar, a mãe da Josiane.. É, todas elas são mais, mas esta aqui é mais. Nossa, porque a gente mudou e esse bairro era bem ruim mesmo, que só tinha três circular no dia. E a minha casa tá assim feia, mais era mais pior ainda. Nós passamos muita dificuldade até chegar a esse ponto. E a D. Mar. mudou em dois comodinho apertadinho assim, tá vendo esta casona bonita, que ela tá, ela tinha dois cômodos, não tinha piso era de barro, quando ela não agüentava ficar lá dentro ela jogava areia. Ela trabalhava no Borba Gato e o marido dela fazia de domingo esta casa aí. Tinha vez que faltava até pão sabe, e ela chegava do serviço e pedia mandioca para as vizinhas para fazer e nós repartia... É uma história muito longa. Então quando eu sofri com este problema do meu marido, aqui, ela me ajudou muito conversando, me ajudou em tudo, então a gente é mais amiga assim. Todas elas só que ela é mais... a gente tem confiança conta as coisa ela não sai esparramando.” (D. Li. - 45 anos)

Confiança, discrição, apoio, valores que fortificam e impulsionam a continuar a lutar, a conquistar e sonhar. Se por um lado algumas pessoas mostram se identificarem com as outras, dividem e compartilham por outro, existem vizinhos e amizades mais restritas como no seguinte relato:

“R. Eu converso com todo o mundo. Aqui dessa quadra aqui; tanto de um lado quanto do outro. Eu conheço todo o mundo. Mais tiro daqui, às vezes eu converso com as pessoas assim, mas nem o nome eu não sei, sabe. Mas essa turma, dessa... essa turma aqui do bairro todo mundo fala oi, cumprimenta né, num tem assim de dizer que a gente não tem amizade com ninguém né, sempre conversa, sempre... Mas dessa parte aqui, tiro dessa parte, da nossa quadra aqui na esquina pra cá e da outra esquina pra lá de baixo, já não tem.” (D. Rosiley - 33 anos)

4.3.3. A rua

Há melhor maneira de se compreender a realidade profunda de um país do que passear por suas ruas? Do labirinto de ruelas seculares ao fluxo circulatório das megalópolis modernas, são as ruas que conferem a uma cidade seu sentido - sua medida ou desmedida. (Correio da Unesco - Memória das ruas. Outubro, 1989 - nº 10)

Enfocaremos o ambiente da rua como a arte de viver o cotidiano, como um espaço de socialização entre grupos que possuem várias maneiras de expressar e viver a memória coletiva em sociedade.

A rua é um espaço que segue a casa. A casa para a criança é o primeiro espaço no qual explora, encontrando no quintal ou apartamento, portas e portões fechados, adultos falam: “- Na rua não!”

Brincar na rua é muito gostoso, mas também oferece perigos. No bairro J.U., alguns espaços também são delimitados como áreas de risco. Segundo os relatos de mães e avós a maior preocupação relacionada as brincadeiras de rua são os perigos que este espaço público oferece.

Enquanto crianças brincam, os adultos cuidam! É uma olhadela pelo canto da janela, é na ida ao portão e nas recomendações: “- Cuidado com estranhos! - Cuidado, tem gente que rouba criança! – Nunca aceite nada de ninguém! – Olha o carro, olha a rua e nunca brigue e nem xingue ninguém!”

Recomendações que regulam o comportamento infantil.

“Ah! Eu sempre recomendo né, sai recomenda prá tomá cuidado, prá não ficá na rua, não ficá bagunçando. Quando eles sai só por Deus mesmo, sai por lá, nem sabe o que se tá se passando, é longe da gente. Quando elas saem de casa aqui na rua. Elas vai na coleguinha dela é aqui mesmo, ela fica mais na parte dela ali com a coleguinha ali, a gente sai; não se preocupa muito porque ela tá ali com a coleguinha, outra hora aqui com o amiguinho dela. A Letícia também tem uma colega dela lá em cima que ela sempre vai. Mas, sempre avisa.”
(D. Luz. - 32 anos)

“Toda hora tô na reta.”⁷⁴ Quando elas demora chegá, eu tô chamando, né? Aí eu vo lá porque a mãe delas... quando a mãe delas num tá num brinca muito não, mas quando a mãe delas chega é hora de i pá reta brincá. Num gosto também, tá brincando passa um carro né? I chamo num parece depois eu vo lá na reta aí trago eles prá casa.” (Vó Mar - 65 anos)

Para os adultos, a rua é um ambiente de perigo, de ameaça, de não segurança social, o caminho do trabalho para casa ou vice-versa. Para a criança a princípio dos muros e grades, de janelas e lavanderia, ela é um espaço aventureiro, desafiante e um ponto de encontro onde as relações interpessoais podem ser travadas.

O conhecer os amigos do filhos, saber o que fazem e onde andam faz parte da rotina diária destes pais e avós.

“Ele não brinca em todas as ruas, não. A rua que ele brinca é essa aqui; é essa rua aqui nossa e perto da casa da vó dele, lá. Assim que nas outras ruas eu não deixo ele ir longe não. Sei. Os coleguinhas dele né. Conheço todos. É com o Robson, com o Ander, com o Adailton. Os três andam juntos sempre né.”
(D. Cíntia - 32 anos)

⁷⁴ Vó Maria utiliza a palavra reta para denominar o espaço da rua. Podemos entender esta mesma palavra como significado de cuidado, ou seja, as crianças brincam na reta de seu olhar.

“Ele não anda sozinho não. Se ele anda sozinho eu bato nele. Só aqui perto. Ou senão assim, se ele sabe que o pai dele está no bar lá em baixo, ele precisa querer comprar alguma coisa e pedi dinheiro pro pai dele, aí ele fala comigo e eu deixo ele ir lá falá com o pai dele. Fala prá dá dinheiro prá ele. Aí, ele vai lá e volta prá trás. E se ele sair sozinho sem falá comigo, quando ele chega ele apanha, e eu vou atrás dele, se eu ver que ele não tá aqui, aí eu vou, mas sempre ele tá lá no tio sentando, brincando lá. Lá em cima jogá bola, na quadra. É, lá eu não deixo mesmo. Não gosto que ele vai. não gosto nem que os meninos vem aqui na porta chamá prá ir lá. Porque lá tem muito moleque grande. Porque se fosse moleque tudo do tamanhinho dele eu não fazia questão dele ir. Mas agora chega lá tem menino de doze, treze ano, brinca com criança de sete anos. Chega lá começa a brincá. a briga e bate nele. Aí eu não deixo. Aí não vai mesmo.” (D. Euzir - 53 anos)

Pais que se preocupam com a violência do local em que moram, pais que temem vícios, como: jogos eletrônicos e drogas, ou mesmo, a simples ida à lanchonete, bares e bailes na escola podem colocar seus filhos frente a estupros e assassinatos.

“É... eu coloco espaço sim. Eu não gosto que sai brincá o bairro inteiro não. Eu gosto que ela brinca assim, sempre desta esquina até essa esquina, é o lugar que eu deixo ela brincá. Mas só nessa quadra em frente a minha casa que eu deixo brincar. Não gosto que sai brinca longe. E quando ela sai assim com os...que nem vamo supor que ela quer ir no circo, quer ir no parque aqui sempre tenho que ver com quem que ela... e eu não deixo anda sozinha. Tem uma casa aqui que eu não gosto muito que ela vai né. E não gosto muito que ela vai por causa que as meninas fica sozinha não tem mãe, o pai também sai muito, então eu sempre segurei ela nessa parte. Olha se você quise brinca na frente da casa. Aqui sem problema, né. Mais eu não gosto que entra, que trata bem, então eu não gosto. Porque onde não tem o pai e a mãe ensina alguma coisa a gente sempre fica preocupada, né. Então, o lugar é só. Porque ela não sai mesmo. Pra lugar nenhum. Escureceu ela não vai pra lugar nenhum, porque eu não deixo. Nem no mercado sozinha ela não vai de noite. Ah... porque não deixa ir... porque eu tenho medo né... sei lá de algum... de acontece alguma coisa de errado, alguém pega ela, porque você sabe que tem muita coisa disso aí né. Tem muito esses tarado por aí né, esses rapazinho que não tem cabeça, então eu falo pra ela assim: - Oh! Eu não gosto que você anda à noite por aí por causa que eu tenho medo de algum cara pode pega pelo braço, arrasta nesses capim, porque ainda tá bom aqui, mas sempre tem matarêu por aí e eu

sempre falo isso pra ela. Na escola aqui à noite eu não gosto que vai sozinha, de jeito nenhum.... eu tenho medo daí de acontecer alguma coisa de errado pra ela né. É, eu seguro mais.” (D. Maria - 43 anos)

Olhar e vigiar com quem os filhos andam, cuidados com roubos malandragens e a tentativa de educar seus filhos como foram educados. É importante ressaltar que de dozes entrevistas apenas duas afirmam não exercer controle relacionado aos espaços frequentados pelo filho. Tanto D. Vil quanto D. Mar, afirmam a perda do domínio de seus filhos e D. Lur, relata como colocou limite a seu filho que por pouco as rédeas não se perderam⁷⁵.

“Oiá, Simone na verdade a Bia eu sei. Quando ela sai prá brincar, eu sei. Agora o Daelso nem sempre eu sei. Porque às vezes ele fala assim pra mim: ‘Mãe eu tô aqui na casa do Ander, a hora que o cê precisá cê me chama.’ Aí eu chamo só prá realmente vê se ele tá ali, aí num tá. Aí ele sai, ele passa o dia inteiro, sábado eu vim né ele era 6 os da tarde Ele fica pelo bairro ou ele tá por aqui brincando por aí ou se não tá nas corroça. Quando ele tá por aqui ele nem em casa na hora de cumê. Quando passa da hora de cumê que ele não veio eu já sei que ele não tá por perto. Porque quando ele tá por aqui, brincando aqui dentro no jardim, ele vem, chegô na hora di cumê ele vem.” (D. Vil - 30 anos)

“Ele já saiu assim vem os menino catá papel né. De carroça catá papel. Mas sozinho assim ele nunca foi no centro não. Que eu saiba não. Só se... mas sempre que eu saio aqui prá chamá ele, ele tá com os amiguinhos ali. Com o Danilo, com o Robson, né. Desde quando eu mudei aqui esses menino só vive junto. Até quando eu mudei aqui ele era bem novinho. Eu tinha o que, ó. Tá com dez anos. Faz cinco anos que eu tô aqui. quer dizer que ele tinha quase cinco anos. Então ele começo a conhecê primeiro que eu ainda. Esse povo aí que mora no bar.”⁷⁶ (D. Maria - 47 anos)

⁷⁵ Nestas entrevistas surge um problema emergente no bairro, que são as crianças que começam a mando de adultos desconhecidos pelos pais, catarem papel na rua.

⁷⁶ D. Mar., faz referência aos pais do Danilo.

“Ah, eu não gosto que ele vai longe, né. Assim, ao redor que eu conheço, na casa da Vi, na casa do... da Gis, né. E tem um coleguinha que eu não conheço direito, né, diz que ele é daqui de perto, eu deixo ele ir, sabe. Mais muito longe daqui eu não gosto que ele vai não. E, tem muitas vezes acontece as coisa e a gente não fica sabendo... Que nem o Hugo também tava indo na carroça⁷⁷, lá sabe.” (D. Lurdes - 31 anos)

Neste ambiente aventureiro, veiculam valores morais, afetivos e sociais que norteiam as relações do grupo. Temos rixas entre grupos de meninos e meninas, temos paqueras e namoricos em esquinas, temos também a contradição entre o julgamento do adulto e a construção de regras e valores morais vivenciados entre crianças nos jogos de rua.

As crianças mexem com pessoas que passam na rua, tocam campainhas das casas e depois saem correndo. Enquanto a rua é um ambiente de infinitas gamas de desafio para elas, para os adultos o brincar na frente da casa, significa a proteção e vigia do mundo lá fora.

Mesmo diante deste espaço fascinante que a rua representa, nos relatos infantis tanto os meninos quanto meninas na sua maioria impera as ordens e recomendações das avós e mães. Um exemplo é a justificativa de Bia: *“- Brinco só aqui nessa rua, em frente da minha casa. Porque a minha mãe não deixa.”*⁷⁸ Ou

⁷⁷ Hugo algumas vezes foi catar papel com o mesmo grupo de meninos que Adaelson vai, mas foi reconhecido pela amiga de sua mãe no centro da cidade. Depois que seus pais ficaram sabendo, ele nunca mais foi.

⁷⁸ É importante ressaltar que analisando os relatos de adultos, é sobresaliente o cuidado maior referente às crianças do sexo feminino. Estas possuem espaços mais delimitados do que as crianças de sexo masculino.

como nos conta Letícia. Que quando ultrapassa o domínio estabelecido pela sua avó, com certeza já pediu permissão para brincar em outro local.

“Eu mais costume brinca é nessa rua aqui. De vez quando assim né, eu brinco assim aqui na frente da minha casa, aí aqui na frente da casa da Josiane ou ali em frente da casa da Mônica.” (Letícia - 11 anos)

Para o grupo que brinca, a rua é o local em que é possível a presença de duas pessoas ao mesmo tempo, ou seja, o “eu” e o “nós”. Eu enquanto brinco na minha rua, com meu repertório e com meus desejos. Nós, quando trocamos experiências, intercambiamos brincadeiras, nos relacionarmos no bolar estratégias de jogos, brincadeiras, ou melhor, aprendemos com os outros: “- *Eu brinco aqui, aqui e ali, porque tem mais amigos.*” (Adailton - 09 anos) Tanto Robson quanto Danilo também afirmam brincar em três ruas, uma das razões é devido Adailton e Danilo morarem próximos e Robson morar em outra rua. E é importante ressaltar também que Robson e Danilo são primos, portanto, transitam nestas ruas por sua avó morar na rua pesquisada.

4.4. Relatos de rua: o cotidiano, o grupo e os jogos e brincadeiras tradicionais infantis

Todos os dias é necessário brincar, mesmo que temos prova no outro dia, mesmo que faça chuva ou faça sol. Temos que pular, correr, fantasiar e criar. Preparar a rua para mais um dia. Lembremos bem, cada dia é sempre um novo dia. Brincamos sempre com o gosto de primeira vez.

Reunir a meninada, riscar a rua, formar os times. Preparar, apontar, fogo... está dada a largada de mais um dia de brincadeiras na rua. Os desenhos feitos na rua, marcos e riscos apontam um espaço bem delimitado, espaço que, de público, ao entardecer, torna-se privado, pelos donos da rua, com suas regras, jogos e peripécias. Crianças brincam ali.

É em comemorações marcadas pela nossa sociedade, é na invenção de carrinhos de rolimã, todo o dia é motivo para brincar. Ao subir a rua no dia dez de junho de 1996, encontrei Ander e Robson com um sorriso, pedindo carona para irem até o local da rua em que todos se encontram. Chegando na frente da casa do Adaelson, vi todos os meninos na data vazia, perto de uma árvore. Perguntei o que estava acontecendo e me responderam que iriam fazer uma fogueira.

Os meninos que sempre brincam conosco e dois de um outro grupo maior (integrantes do time de futebol), mexiam na fogueira. Bia contou que todas as noites estão fazendo fogueira, pipoca, batata doce. Ander vai buscar mais madeira, enquanto o fogo naquela árvore continua a queimar. A árvore está sendo cortada para o dia 24 de Junho, dia de S.João.

Enquanto a fogueira não ficava pronta as meninas foram pular elástico. Fiquei em volta deles conversando se iriam plantar uma árvore no lugar daquela e Cleber me respondeu: “- *Não precisa, estamos até ajudando pois, aqui é a divisa que vai fazer um muro na data então isto é até um favor. Ela teria mesmo que ser arrancada!*”⁷⁹

A árvore que estava sendo queimada, estava pendendo para o chão e mais que depressa, hora de derrubá-la. Jefferson. disse: “- *Quando ela cair, vou gritar Madeiraaaa!*” Um grupo de crianças a derrubaram e logo o grito: “*Madeira....*” E em seguida, um coletivo: “*Madeiraaaaaaaaaa!*” Seguido de risadas.

Até a fogueira pegar fogo, todos foram brincar de esconde-esconde, só que, hoje, tudo acontecia naquela data. Tudo era bem perto daquele fogo, naquele dia friozinho. Depois brincaram de “barata voadora” e pararam para ficarem em volta da fogueira. Contaram que pulam fogueira, brincam de pisar na brasa e fazem entre eles o desafio de quem consegue ficar com a mão no fogo por mais tempo.

As coisas aconteciam como brincadeiras, o céu estrelado e a grande fogueira, um cenário que parecia mágico, Bia pegou um galho bem grande com duas pontas e na frente da fogueira, cantou a música: “*Ser corno ou não ser....*” todos deram risada. Começaram, então, a dançar e pular em volta do fogo, tudo tão primitivo. Às vezes, me pergunto o que tem o fogo que nos remete ao primitivo, ao andar em círculo e a dançar? Com galhos na mãos rodavam e a dançavam. Bia

⁷⁹ Quando retornei no dia 22/06/96, a data vazia não poderia mais ser ocupada como mais um espaço para os esconderijos de brincadeiras. Ali, mais uma construção estava sendo iniciada.



também mencionou seu ato de por a mão no fogo com o filme "Pocahontas"⁸⁰ dizendo: *"- No filme tem um índio e a índia Pocahontas, põe a mão no fogo"*.

Pedaço de Bombril, que ao colocar fogo, as estrelinhas voavam. O cenário era a fogueira, o grupo e estrelas. Igualmente a experiência relatada por Oliveira (1993) que faz menção a esta brincadeira entre as crianças. Fagulhas de luz, parecidas com chuvas de estrelas.

Estrelas voando, crianças correndo para não pegar faísca no corpo e bombinhas estourando. Corríamos para a rua para salvar os cabelos do fogo e entre estas brincadeiras uma um pouco constrangedora: a de arrancar as calças dos outros. Um ato de vergonha para aqueles que ficavam sem calça. E um ato de poder para o feitor da brincadeira. Depois de choros, insultos e brigas retornamos até a fogueira.

Ander me deu uma batata crua para segurar, pedi para colocar na fogueira e ele me respondeu: *"- Agora não dá, o fogo está muito forte e "sapeco" toda a batata"*.

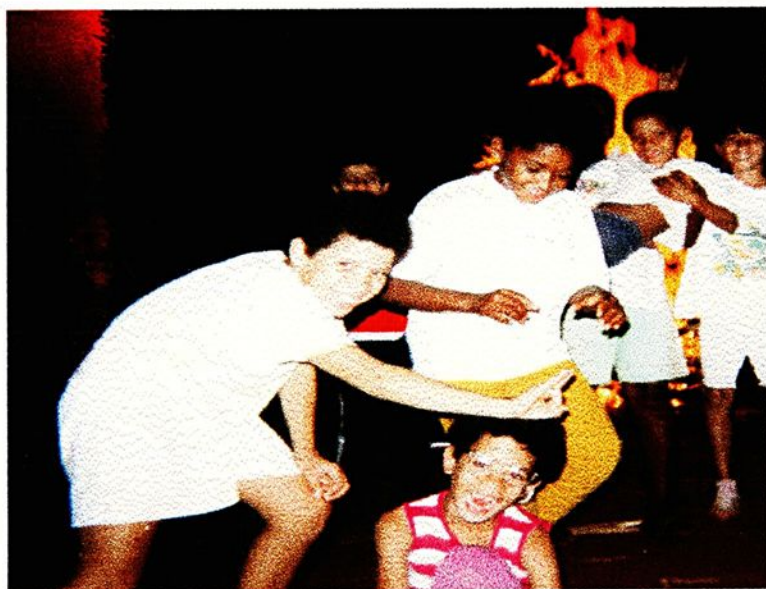
Fiquei com ela na mão esperando a hora certa. Brincamos mais um pouco e o fogo abaixou, chegando a hora da batata e de pisar na brasa. Ander espalhou a brasa e fazia tipo de um ritual, dizendo: *"- Deixo me prepará, esfregando seus pés na terra"*.

⁸⁰ Ver o filme *Pocahontas: o encontro de dois mundos*.



Festa Junina organizada pelas crianças: distribuição de pipoca.

Festa Junina organizada pelas crianças.



O time de futebol.



Lenice brincando de casinha.



Bia, Lenice e Leticia brincando.

Começaram a pegar brasa na mão e jogar de um lado para o outro, o jogo era quem conseguia ficar mais tempo com ela na mão. Depois começaram a passar descalços na brasa, desafios de “o melhor”, e insultos como: “- *Se é homem...*”

Ander dizia: “- *Prá passá vá com calma!*” E se exibia passando na brasa e cantando um Tchu, tchu, tchu... mostrando sua facilidade⁸¹. Fiquei por ali um pouco e me despedi. Ao término das brincadeiras, contaram que fariam outra fogueira e combinei que traria as batatas doces.

Minha chegada no dia onze de junho de 1996 foi um pouco mais tarde, a lenha da fogueira já estava pronta e só faltava o fogo. Apenas os meninos estavam na data vazia e vieram gritando: “- *Ó, a psora, pessoal, ela veio!*”

Fui recepcionada por um novo amigo e o Adailton que logo perguntaram junto com os outros se lembrava o nome de todos. (Acontece que cada dia que eu vou, mais uns quatro aparecem). Este novo amigo, o Juninho pediu para eu ir até a casa dele para pedir a sua avó, pois ela não queria deixar ele brincar. Fomos até a casa de Juninho e ele segurou sua cadela para eu entrar. Me convidaram para entrar, fiz o pedido ganhando o consentimento de sua avó. A única

⁸¹ Anderson assobia enquanto está passando na brasa, mostrando sua coragem, força, habilidade e o mais importante conquistando o respeito dos seus amigos enquanto líder do grupo em situações e jogos de rua.

pergunta foi como ele voltaria e respondi que todos da rua o acompanhariam de volta.

Quando estávamos voltando o grupo tinha se dividido para ir atrás de nós e descemos para o local todos juntos. Os meninos corriam na frente e as meninas, abraçadas em mim, contavam que hoje fariam vingança. Elas me contaram que eles jogam bombinhas nos pés delas e hoje elas é que iriam jogar.

Puseram fogo na fogueira e ficamos por ali esperando o momento de colocar a batata doce. Pedi para tirar algumas fotos e a festa começou... tira de mim, tira uma de mim... Poses e empurrões... todos queriam sair na foto.

Após a sessão de fotos, começou a sessão de bombinhas e as estrelinhas. Hoje Bia contou que, de manhã, Adaelson pediu um pacote de Bombril para sua tia, ela pensou que era para lavar a louça. E agora à noite Bia descobriu que ele tinha escondido para fazer estrelinhas. Sentamos num galho velho, ali uns amontoados, outros em pé, ficamos.

Hoje ia ter pipoca que Ander e Mônica deram, a Bia o óleo e D. Li iria estourar. Depois de alguns instantes começou a distribuição. Ander traz numa bacia de alumínio um monte de pipoca. Uma grande fila se formou. Os menores em outra fila foram servidos primeiro por Mônica e Ander, depois os outros. A fala de Ander era sempre a mesma: “- *Peraí que é um pouco para cada um*”. Ou, outras vezes, era: “- *Tem que dividir!*” Após a pipoca, chegou o chips trazido por Robson.

Quando o fogo da fogueira abaixou, colocamos as batatas e enquanto esperávamos assar, as crianças rodeavam, pegavam com pedaços de pau e

brincaram de um queimar o outro. O choro começou. O que antes parecia ser divertido, o colocar brasa no traseiro do outro, virou choradeira.

D. Mar. também apareceu por lá, e enquanto as crianças brincavam comentei que cada dia que passava mais crianças aumentavam e ela me respondeu: “- Sabe, eu acho que eles estão convidando crianças, eles gostam de brincar”.

Sorri e logo fui brincar de esconde-esconde.

Tiraram “reizinho”⁸² Ander foi o rei, ele falava: “- Pegou grudou, igual chiclete”. Isto significava que quem escolhesse a mão para o sorteio não poderia mais mudar. Após algumas rodadas quis saber a hora e Mônica falou: “- Não fala não senão ela vai embora”. Os meninos reclamaram, disseram que se eu fosse embora as meninas também iam. E elas mais do que depressa retrucaram: “- Nós não ficamos brincando com moleques”.

Ander e Cleber explicaram que antes elas sempre brincavam e que de uns tempos para cá começaram com essas bobearias de meninos para cá e meninas para lá.

No dia nove de agosto de 1997 cheguei para brincar e Bia contou que os meninos estavam jogando bola na quadra da escola. Resolvi ir lá com Bia, Lenice e Letícia. E ao nosso encontro vinha Adaelson, dizendo que o Ander e o

⁸² Tipo de brincadeira utilizada como fórmula de escolha para o início de uma brincadeira escolhida.

Juninho também estavam lá. Fomos até a escola de carro. A escola já estava fechando e para sair, tivemos que pular o muro.

Na quadra estavam Robson, Ander, Juninho, Nardinho (Palmerense), Rafael (Bulldog), Cleber. O mesmo grupo que também brinca na rua. Quando o futebol terminou os meninos desceram a rua da escola para brincar.

Escolhemos jogar bandeirinha. Sempre a divisão do time é menina contra menino. Após a divisão, Bia cantou o grito da torcida: “- *AAA as meninas vão ganhar, EEE as meninos vão perder...*” Como sempre a referência que “*a tia Simone e vale por duas.*”⁸³

No meio da primeira queda um garoto subiu junto com um outro. Usaram a regra da corrente em que todos dão as mãos para ajudar alguém em perigo sendo o último ligado com a mão no “pique”. Interrompendo a brincadeira. Interferi dizendo: “- *Ó, você quer brincar?*” Um clima de frieza caiu sobre o grupo. A reação das meninas em relação ao Vinícius e Anderson (conhecido como poquinho), foi de negação: “- *Se estes meninos brincarem eu não brinco, diz Bia.*”

Com algum custo começamos a brincar. Em seguida Leandro e Rosiane brincaram muito pouco e foram embora. Vinícius trazia seu irmão de aproximadamente dois anos que ficou solto na calçada.

⁸³ As crianças me com distinção a minha pessoa dando a seguinte representação: 1) uma mulher portanto vale por dois.



Chegou também Danilo com sua bicicleta pegando parte do pega-pega. Ander disse que ia ser o “reizinho”, e as meninas disseram que se fosse de pega-pega não iam e emburraram no canto. Mais uma vez a discussão de que as meninas sempre começavam com bobeira. Uma verdadeira guerra!

Fui brincar com os meninos apesar de neste dia desejar apenas observar. Fiquei a maior parte do jogo no “pique” até que eles começaram com a história “1, 2, 3 quem não sair do pique tá com ele três veis...” Não posso negar que o alvo era eu pois quando me pegaram Adaelson falou: “*deixe ela canelar*”⁸⁴ *um pouco!*” Leandro, dizia: “- *Vamos fazer ela correr um pouco.*” Toda a molecada me insultava para eu pegar. Juninho perguntava se eu tinha medo de sua velocidade... Usaram a regra da corrente em que todos dão as mãos para ajudar alguém em perigo sendo o último ligado com a mão no “pique”.

Depois que a brincadeira perdeu a graça, brincamos de Mês. Sentamos todos no meio fio e uma dupla começou. Neste jogo o importante é acertar o mês para escolher “*o que você quer da vida*”. Sempre os presentes oferecidos giram em torno de casas com piscinas de ouro, carros, motos, mansões, carros com seis bancos... Para Juninho seu desejo era, uma casa com todos os móveis dentro, com computador, vídeo cassete, TV com controle remoto, vídeo game... em uma das falas até uma piscina de dois quarteirões...

⁸⁴ Neste contexto canelar tem o significado de fazer correr, penar para pegar os outros.



Enquanto esperávamos nossa vez, Juninho que sentava ao meu lado me confidenciou: *“Sabia que se apontar o dedo para dez estrelas do céu seu dedo cai?”* Perguntei quem tinha lhe dito respondeu: *“- Minha vó.”* Depois de algumas quedas disse que ia embora e voltava outro dia. E enquanto o grupo dispersava Bia gritava para Anderson (Poquinha): seu fumeiro, fumadô de maconha...⁸⁵ E logo saiu Sr. Els dizendo para entrarem.

Logo que cheguei Bia (treze de agosto de 1996) falou: *“- Ós meninos, estão jogando futebol na quadra da escola”*. Ao mesmo tempo, encontrei Danilo e Adailton descendo na mesma bicicleta avisando onde todos estavam. Os dois estavam indo guardar a bicicleta para jogar bola na quadra da escola. Aproveitei para conversar e marcar entrevistas com algumas mães, foi quando avistei um monte de pernas para cima. Perguntei ao grupo o que eles estavam fazendo. Ander respondeu que era competição de quem ficava mais tempo de perna para cima. Brinquei, dizendo que queria saber quem iria ganhar. Adaelson falou que quem ganhasse ia ter um prêmio, o beijo da menina mais bonita da rua.

As meninas recusaram e percebi que o alvo maior, era a menina mais disputada na rua, a Rosiane. Fiquei perto delas escutando o comentário: *“Aí professora, sabe estes moleques daí são muito sem vergonha.”*

⁸⁵ Perguntei também porque Bia não gostava dele e ela respondeu que era ele que levava o Adaelson para o centro, de carroça, para roubar bonés. Várias vezes as crianças reclamavam que alguém tinha cheiro de cigarro e era perto de Vin. que com um olhar de retraído negava.

O concurso acabou, não houve prêmio e os comentários durante o desafio eram: “- *E se alguém soltar um pum aí, heim? Foi muito engraçado, um bando de moleques com as pernas para o ar....*”

Ander puxou o grupo para uma brincadeira, gritando: “- *Reizinho chiclete gruda*”. Os meninos sugeriram o pega-pega, mas as meninas disseram que não iam. Então, eu presenciei a guerra um tanto comentada “Meninas contra meninos, ” uns chamando de frescas e outros chamando de poderosas pelo menos uns dez minutos de discussão.

Provocações muito engraçadas, até que a luz do poste se apagou e um deles começou a falar de arremessar uma pedra para acender, outro falou que é só empurrar o poste e a Bia instigou: “- *Vai lá milagroso, poderoso*” (com uma entonação debochada).

Depois de tanta discussão Ander falou: “- *Bom, brinca quem quiser e foi logo meninas brincar de bandeirinha e meninos do outro lado brincar de pega-pega*”.

Sentei no meio fio e fiquei observando os dois jogos. No jogo de bandeirinha estava tudo calmo, mas, com os meninos algo um pouco mais violento. Alguns tombos, tijolos sendo jogados nos outros e choros. Eles estavam brincando de pegar, perto de uma casa em construção com lajotas e um monte de pedras. Entre cacos de tijolos, escorregões e choros sentaram e ficaram olhando o jogo das meninas.



Sentaram-se ali, pediram para entrar na brincadeira e a resposta foi um definitivamente: Não! Enquanto o jogo continuava ficaram por ali, contando suas aventuras e histórias ocorridas, muita malandragem e molecagem: “- *Alá o Nardinho no portão!*” Perguntei porque ele não veio brincar hoje e Ander começou a me contar: “- *O Nardinho deu um “burdão” nele, depois na escola o Adaelson pegou ele e deu um “burdão”* ⁸⁶. *Por isso é que ele não vem aqui, fica mexendo e se esconde perto do Nena (seu irmão maior). Por que quando ele vai embora ele xinga a gente de longe e vai pra casa*”.

Juninho escutava a conversa, Ander contou também de suas aventuras quando catava papel, falaram mal de algumas professoras da escola, dizendo que não queriam ser alunos de fulana por que ela deixa de castigo, Ander disse: “- *Outro dia mesmo ela deixou alguns moleques sem comer...*” completa Juninho: “- *Quem não faz a tarefa fica uma semana sem recreio...*”

O jogo das meninas terminou e logo estão todos juntos de novo. Bia fala: “- *Vocês querem uma brincadeira mais calma? Eu sei uma...*” Ela mostra a brincadeira do pauzinho que tem que adivinhar o segredo, mas ninguém dá muita atenção. Todos foram brincar de mês.

Continuamos a brincar de Mês, com o seguinte fala: “*O que você quer da vida?*” Os presentes sempre girando em torno das grandes riquezas, mansões, ouro, carros dos mais sofisticados tipos... e um novo elemento pedido

⁸⁶ O termo burdão significa bofetada, tapa no rosto.

pelos meninos: mulheres peladas. As ofertas sempre tentadoras como: *“um carro com oito bancos e um infinito (bem enfatizado) de mulheres peladas ou como diz Ander, mulheres “pornô.”*

No dia dezesseis de agosto de 1996 ficamos sentadas no meio fio, até alguém decidir do que iríamos brincar, pelo jeito hoje ia ser apenas o grupo de meninas. Rosiane viu Mônica na frente de sua casa e teve a idéia de pedir a bola de vôlei emprestada para ela. Bia e Letícia têm algumas restrições em relação a Mônica. Bia reage dizendo que se Mônica subisse para brincar, elas não brincariam. Mônica subiu para brincar e as duas por alguns instantes ficaram fazendo bico. Enquanto faziam “bico”, as outras três meninas, já começaram a brincar de “três corte”. Me convidaram e convidaram também as duas, Letícia foi a primeira a aceitar e Bia logo foi também. Lenice, é a menina mais nova do grupo que apenas observa. Lenice ainda é vista pelo grupo como não sabendo brincar, ela é considerada como “café com leite.”⁸⁷

Brincamos também de batata quente e quem ficasse com a bola tinha que pagar um castigo. De início ninguém pagava castigo, eu já estava ficando perplexa qual o motivo de não darem os castigos? Brincamos bastante até que uma delas lembrou e então, a partir daí, começaram valendo os castigos.

⁸⁷ A expressão café com leite tem a conotação de que a pessoa que brinca no jogo mas as suas ações para ela são consideradas como nulas. Geralmente este termo é utilizado por crianças maiores que permitem que as crianças menores participem de seus jogos.

Os castigos giravam sempre em torno de imitar músicas, como a do “Tchan”, a da “boquinha da garrafa” e Xuxa... músicas que, num grupo de meninas, mostravam o início da sexualidade em imitações e simulações de réplicas da massificação da mídia. Brincamos tanto que no final já estávamos todas cantando e dançando na rua.

Enquanto isso chegou Adaelson e Juninho vindos do futebol, e um outro grupo também juntamente com Ander que foram para casa. Ander e Juninho pediram para brincar e um não bem grande voltou voando. *“Aqui hoje é só meninas, diz Bia”*.

Antes de ir embora a Adaelson e Juninho estavam sentados no meio fio e Adaelson, muito aborrecido, fala para Bia: *“- Olha Bia, quando foi que eu não deixei vocês brincarem quando a tia Simone estava brincando heim?”* E retrucou: *“- O dia que nós vemos ela primeiro ela vai ser nossa e não vamos mais deixar vocês brincarem”*.

Todo o final de noite, é comum depois que o grupo está exausto de brincar, sentarem no meio fio para conversarem e contarem histórias. Neste dia foi sobre o comício que Ander, Adaelson, Bia, Letícia foram. Bia deu seu parecer sobre os prefeitos de Maringá. *“Estes prefeitos não prestam porque ao invés de ficar jogando papelzinho (santinhos) para a gente, eles não jogam dinheiro?”*

Adaelson conta que tinha muita mulher bonita e homens feios, contou da moça que foi lá dançar o Tchan. Fala também o tanto que conseguiu andar de graça nos brinquedos e como jogou um tijolo na cabeça das pessoas.



Hoje (Vinte um de agosto de 1996) é dia de futebol, Rosiane e Josiane com uma bola de futebol convida todos para um jogo. Riscaram o campo com tijolo e Adaelson mede o gol para marcar com tijolo. Minuciosamente, mede com cinco passos a distância lateral. Bia vai riscar o meio de campo, fazendo uma bola, sem medir risca bem perto do gol, todo mundo dá risada pois ela não fêz certo. O jogo começa e tirar par ou ímpar como diz Adaelson: “- *Par*”. O outro responde: “- *Ímpar. Eu cago e cê limpa.*”

No início do jogo combinamos que não valeria “bicuda” pois o chute dos meninos é forte. Jogamos bastante mas devido ao comício que aconteceria esta noite a rua estava muito movimentada e os carros estavam passando ali. Isto gerou uma certa irritação em todos, pois, parávamos a bola, toda hora. Gritos e xingos dizendo que se só existia aquela rua para passar, a rua era deles... devido ao movimento, resolvemos brincar de mês. Neste dia Sr. Els. assistiu um pouco da nossa “pelada”.

Durante um momento da brincadeira de mês, Ander diz que quer uma coisa que só Robson sabia. Era um segredo entre eles. Puxei Ander para o lado para ele me contar e ele disse: “- *É uma coisa muito feia, é até pecado!*”

Lenice participava das brincadeiras em momentos cortados, pois segundo o comentário, o menino que a Lenice brinca é seu namorado. Ela se retira do grupo maior para brincar com ele.

Nas conversas de fim de noite a troca de versos entre eles: “- ô, ô, ô, otário.... ô, ô, ô... oitenta e um, oitenta e dois...” “ô, ô...oi.” Ou também: “- oi é breque de boi...”. Bia faz a pergunta: “- Quanto é 9x9?” E eu respondo: “- É oitenta e um.” E ela diz: “- Dentre os burros você é mais um.” Josiane completa: “- E abre a porteira que cabe mais um”.

4.4.1. Brincando na rua: a transmissão e difusão dos jogos tradicionais infantis

Através dos relatos de rua é possível ilustrar as brincadeiras de rua e situações vividas pelo grupo selecionado. Na intenção de aprofundar as relações que ocorrem no momento em que as crianças brincam nos perguntamos: como as crianças explicam a origem da transmissão dos jogos e brincadeiras? Existe alguma diferença entre os jogos selecionados pelas meninas e pelos meninos? Existe diferença na escolha de brincadeiras quando relacionamos com a faixa etária que as pratica? Seriam estas brincadeiras inéditas ou revestidas de características de antigos jogos, como nos diz Bomtempo (1994).

Diante destes questionamentos, buscamos investigar e refletir sobre o aspecto do brincar, sua origem e difusão dos jogos tradicionais infantis. É na brincadeira predileta, no resgate do repertório do grupo, nas amizades relatadas buscamos compreender a formação desta teia de infinitas possibilidades, rica em

experiências de vida e o perpetuar, através da prática das brincadeiras e jogos tradicionais infantis a memória do brincar na sociedade.

Num primeiro momento estabelecemos com os participantes o espaço delimitado por eles para a prática dos jogos de rua. Qual seria o espaço mais ocupado pelas crianças levando em conta também os relatos de suas mães e avós com relação à vigia e permissão de se estar na rua.

Quadro 01: Onde brincam nossas crianças?

Nome	Idade	Brinca na rua		
		nesta	outras	não brinca
Andressa	05			quintal
Robson	06			
Lenice	06			quintal
Danilo	07			
Adaelson	09			
Juninho	09			
Adailton	09			
Hugo	09			
Beatriz	11			
Leticia	11			
Mônica	11			
Rosiane	11			
Anderson	12			
Cleber	12			
Josiane	13			

Analisando o quadro acima e complementando nossos dados com entrevistas individuais, afirmamos que: de quinze elementos sete deles brincam apenas na rua pesquisada, seis brincam em outras ruas e dois têm como limite

máximo o quintal da casa. Consideramos que dos participantes citados, tanto Danilo quanto Adailton moram na rua que faz fundo com a rua selecionada e, conseqüentemente, Danilo que é primo de Robson frequênta a rua da casa dele também. Juninho cita em sua entrevista que vem brincar aqui pela minha presença e Adaelson por estabelecer relações mais amplas com todo o bairro.

Os lugares escolhidos pelos participantes para brincarem vão variar de acordo com: 1) a ordem de permissão dada pelos pais para brincar na rua; 2) o limite demarcado pelos pais; 3) o contato com os outros elementos do grupo que brincam nas proximidades de sua casa; 4) do fluxo de carro que transita pela rua.

De acordo com as situações vividas com o grupo, todas as vezes que a rua está movimentada demais as crianças vão brincar na rua da casa da Mônica, uma rua sem saída, como nos conta Josiane: “- *Ah! Porque lá é gostoso. Não passa muito carro, é rua parada*”.

Quanto às duas crianças que têm como espaço principal o quintal de sua casa, buscamos suas idades e a relação com o espaço permitido pelos seus pais, entendemos como um início de construção e ampliação das relações sociais e os espaços que aos poucos conquistam. No olhar destas crianças menores o desejo de brincar na rua com os maiores, o fazer mais amigos.

Após a delimitação do espaço, partimos, então, para o resgate do repertório de jogos e brincadeiras conhecidas pelo grupo, tendo como preocupação

resgatar a relação entre os jogos praticados e o que o ambiente (a rua) proporcionava às crianças.

Os quadros abaixo foram organizados e divididos entre sexos opostos podendo, assim, não só visualizar as brincadeiras praticadas pelo grupo, como um todo, mas também, as preferências e diferenças entre sexos.

Quadro 02: Do que brincam nossos meninos?

	Adaelson	Ander	Robson	Danilo	Cleber	Juninho
Pega-pegas/Agacha						
Duro-mole						
Esconde-esconde						
Bets						
Pega-pegas						
Cirandinha						
Corrente						
Bandeirinha						
Estrela-nova-cela						
Futebol						
Voley						
Pipa						
Sinuca						
Figurinha						
Video-game						

Quadro 03: Do que brincam nossas meninas?

	Josiane	Bia	Letícia	Andressa	Lenice	Mônica	Rosiane
Esconde...							
Voley							
Futebol							
Estrela...							
Amarelinha							
Bets							
Duro-mole							
Pega-pegas							
Queima							
Anjo pilanço							
Passa anel							
Pula corda							
Cabo guerra							
Mês							
Bandeirinha							
Basquete							
Fone s/ fio							
Tubarão							
Elástico							
Casinha, maquiagem, Areia							

Analisando em primeiro plano os quadros 2 e 3, encontramos duas brincadeiras escolhidas por unanimidade pelo grupo. As brincadeiras pega-pegas e esconde-esconde, são as prediletas deste grupo. Na organização dos jogos praticados pelas crianças, um dia de brincadeiras de rua inicia-se por brincadeiras de características velozes e no decorrer do tempo chega-se às brincadeiras mais tranquilas, ou mesmo, em conversas divertidas finalizando mais um dia de rua.

Quanto às preferências entre sexos opostos, os meninos citam brincadeiras que exigem maior velocidade e agilidade, já as meninas apresentam brincadeiras que também apresentam o caráter de velocidade e agilidade, mas, na prática, exercem atividades mais calmas.

Os jogos e brincadeiras citados pelas crianças passam por duas vias: a primeira é a de que as crianças menores citam apenas as brincadeiras praticadas no presente momento e apenas os maiores de doze anos apresentam relatos percorridos desde quando eram pequenos até o repertório atual.

Pontuamos também que existe relação entre a idade de nossos entrevistados e a escolha dos jogos citados. Encontramos a ligação de crianças menores e brincadeiras de regras mais flexíveis, crianças maiores praticando jogos com regras estruturadas e ainda o início da mudança de interesse por parte das crianças maiores em substituir dos jogos tradicionais infantis por jogos de caráter mais esportivos.

Com base nas preferências e transformações de escolhas dos jogos a serem praticados procuramos resgatar, não só a transmissão e difusão dos mesmos, como entender as inter-relações existentes entre os indivíduos do grupo enquanto brincavam. Desta forma levantamos os seguintes questionamentos: como o grupo estava estruturado com relação às idades dos elementos; qual a explicação dada pelas crianças referente às origens dos jogos praticados por elas.



Quadro 04: Onde nossas crianças aprendem os Jogos Tradicionais Infantis?

Nome	Idade	Na escola	Na rua	Sozinho
Andressa	05	creche		
Robson	06			
Lenice	06	creche		
Danilo	07			
Adaelson	09			
Juninho	09			
Adailton	09			
Hugo	09			
Bia	11			
Leticia	11			
Mônica	11			
Rosiane	11			
Ander	12			
Cleber	12			
Josiane	13			

Perguntamos na entrevista qual era o ambiente em que eles aprendiam estes jogos e brincadeiras. Segundo os relatos, nove dos entrevistados apontam em primeiro lugar a rua como ambiente propiciadora da transmissão de jogos e em segundo, temos a escola apontada por quatro entrevistados como espaço possibilitador deste processo, sendo sempre a figura do professor de Educação Física ligada ao agente propagador da memória dos jogos tradicionais infantis.

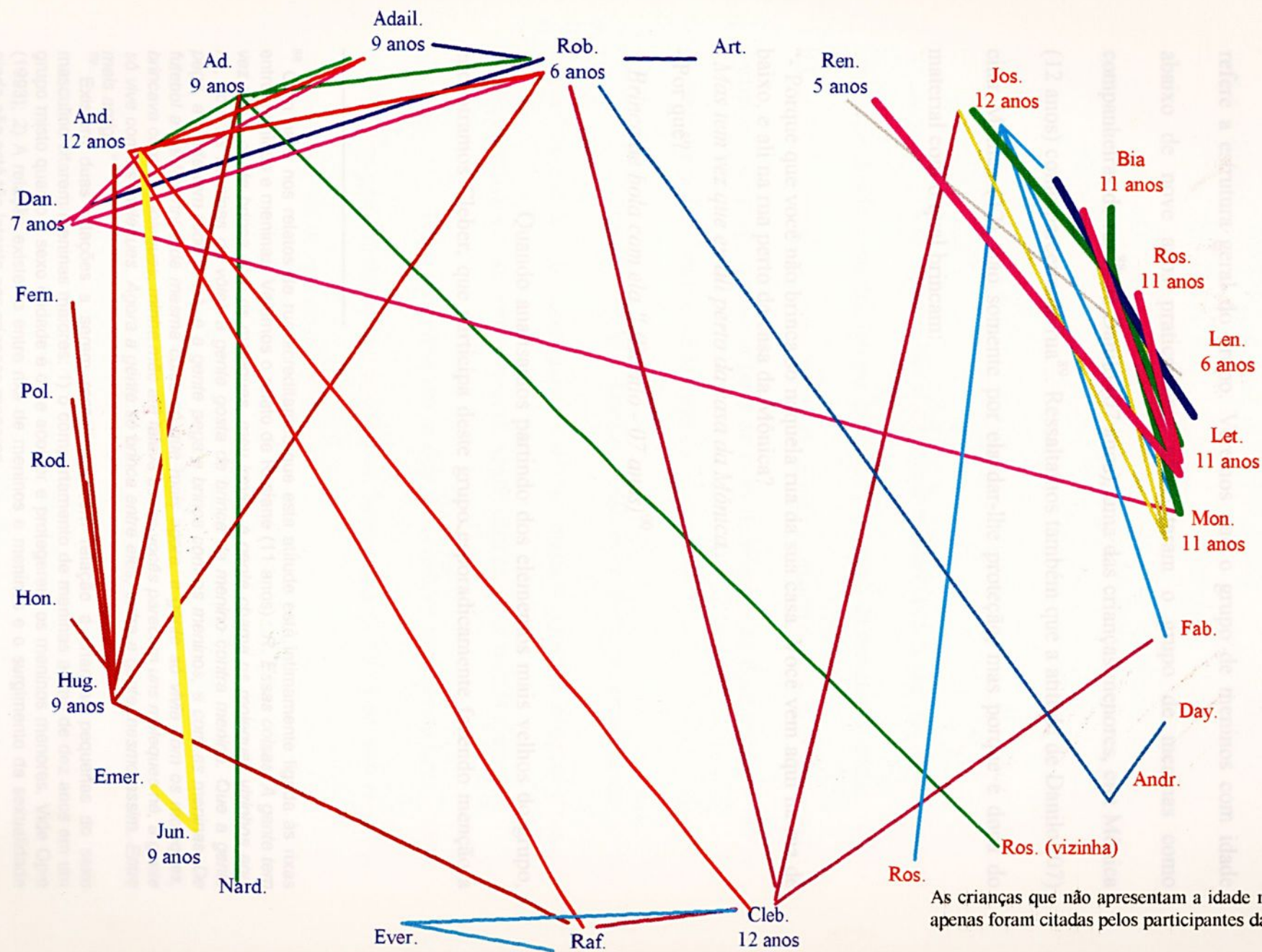
Lenice e Andressa que apesar de freqüentarem a creche período integral também participam esporadicamente do grupo na rua, aprendendo brincadeiras com irmãos e primos integrantes do nosso grupo.

Quanto as duas meninas menores, vamos considerar que por passarem a maioria do tempo na creche têm como referencial o professor e por isso muito menos o referencial de um grupo de rua. Finalmente, dois participantes afirmam ter aprendido sozinhos.

Após rastreado os ambientes de origem da transmissão e difusão dos Jogos Tradicionais Infantis, buscamos estruturar através das entrevistas a relação de cada elemento do grupo com seus companheiros de rua. Quando perguntado as crianças sobre seus amigos, todos citaram suas companhias ligadas de um forte cunho emocional, ou seja, por afinidade.

À partir destes dados iniciamos um mapeamento da estruturação e organização do grupo.





As crianças que não apresentam a idade no gráfico, apenas foram citadas pelos participantes da pesquisa

Com relação a análise do mapa o primeiro ponto a ser levantado se refere a estrutura geral do grupo. Veremos que o grupo de meninos com idade abaixo de nove anos praticamente não citaram o grupo de meninas como companheiras de rua⁸⁸. Já Danilo (07 anos), uma das crianças menores, cita Mônica (12 anos) como parceira de rua⁸⁹. Ressaltamos também que a atitude de Danilo (07) citar Mônica (12), não somente por ela dar-lhe proteção, mas porque é dona do material com o qual brincam:

“- Porque que você não brinca só naquela rua da sua casa. Você vem aqui na rua de baixo, e ali na rua perto da casa da Mônica?

- Mas tem vez que eu ali perto da casa da Mônica..

- Por quê?

- Brinca de bola com ela.” (Danilo - 07 anos)⁹⁰

Quando analisamos partindo dos elementos mais velhos do grupo, encontramos Cleber, que participa deste grupo esporadicamente fazendo menção a

⁸⁸ Com base nos relatos de rua acreditamos que esta atitude está intimamente ligada às rixas entre meninos e meninas. Vejamos o relato de Rosiane (11 anos): *R. Essas coisas. A gente tem vez que a gente brinca com os moleques, meu irmão, a gente chama os moleques vizinhos aqui né, com as meninas de vôlei, a gente gosta de brincar de menino contra menina. Que a gente pega, a gente tem rede aí né, e a gente pega e brinca com os meninos, e com as meninas. De futebol a gente brinca da mesma coisa só que mais agora, a gente só vivia com os moleques, brincava com os moleques, minha mãe até falava assim vocês parecem uns moleques né, a gente só vive com os moleques. Agora a gente só brinca entre eles, entre a gente mesmo assim. Entre mais amiga.”*

⁸⁹ Existem duas relações a serem ressaltadas com relação a crianças pequenas do sexo masculino citarem meninas maiores: 1) o comportamento de meninas acima de dez anos em um grupo misto quanto a sexo e idade é o de acolher e protegerem os meninos menores. Vide Opie (1993); 2) A relação existente entre rixa de meninos e meninas e o surgimento da sexualidade ainda não está tão latente nas crianças menores.

⁹⁰ Vide Cardoso (1994)

Josiane que também participa dos dois grupos: - de meninas menores de dez anos e maiores de doze anos.

Voltando nosso olhar apenas para o grupo masculino temos de forma bem nítida Ander como líder do grupo, pois, todos os entrevistados do sexo masculino citam o seu nome como companheiro, coincidindo com suas ações de liderança, controle e decisões com relação às brincadeiras praticadas pelo grupo.

Com relação aos companheiros citado por Ander, notamos que seus amigos se dividem em dois grupo: o primeiro o grupo de meninos menores no qual lidera e o segundo o grupo misto de crianças maiores que algumas vezes ele participa. Este grupo maior faz parte de indivíduos acima de doze anos que brincam na mesma rua, mas em local diferente.

Quanto ao trio Danilo, Adailton e Robson, estudam no mesmo horário na escola e brincam juntos todas as manhãs. Quando chegam da escola também participam das brincadeiras do grupo com todos os outros elementos.

Hugo e Juninho são os dois participantes que moram mais afastados do local em que a maioria do grupo brinca. Seus amigos citados passam mais pelos amigos da escola do que do próprio grupo.

Quando relacionamos o grupo feminino, todas as meninas citam as companheiras tanto maiores quanto menores, com exceção de Lenice que convive com o grupo em algumas ocasiões, mas, na maioria das vezes, brinca com seu amiguinho Renato (que mudou no bairro há pouco tempo), na calçada da rua ou no quintal da casa. Lenice foi citada apenas por sua irmã e sua prima.

No grupo de meninas fica claro que o poder não se centraliza apenas em um elemento. Aqui, existe uma troca mútua na escolha da brincadeira. É importante ressaltar que, das amizades citadas, Josiane é a mais velha do grupo; já amplia o rol de relações com um grupo de indivíduos mais velhos, onde a divisão meninas e meninos desaparece.

Apenas Andressa, irmã de Hugo, cita um novo traço de contato com crianças que brincam na rua. Andressa não sai para brincar na rua, mas convive com Dayane, irmã de Robson, citando-o como um amigo que, às vezes, participa de suas brincadeiras no quintal de sua casa.

Conforme dados expressos é possível analisar apenas a constituição do grupo de meninos e meninas e o processo de rede de como ocorre a transmissão e difusão dos jogos infantis entre eles.

Fazendo a ligação entre este processo e a participação de todos os elementos do grupo é possível notarmos que, dentro desta organização, encontramos no mesmo grupo várias subdivisões, como: crianças de mesma idade se relacionando em grupo restrito; crianças menores em contato com crianças maiores de sexo oposto; grupo de sexos opostos e crianças menores que iniciam o contato com o grupo de rua, através da observação do quintal ou calçada. Encontramos ali o começo de uma nova geração que, com certeza, em poucos anos assumirá a função de transmissor de jogos e brincadeiras, que um dia foi ocupado pelos seus amigos mais velhos.

Buscamos após o mapeamento das relações entre os componentes do grupo entender quem era o agente perpetuador das atividades praticadas por eles. Nas falas de nossos participantes o retrato da normalidade de que os amigos referidos como “molecada” eram os principais impulsionadores do processo de transmissão de suas brincadeiras:

“- Com quem você aprendeu essas brincadeiras?

- *Ah! Com a molecada aí da rua.*

- Foi na rua?

- *Umas com a minha irmã.” (Anderson - 12 anos)*

Seja com a molecada da rua, com as irmãs e primos, a transmissão e pratica das brincadeiras proliferam com uma grande agilidade entre crianças do bairro ou até mesmo como nos fala Hugo. Do seu aprendizado quando morava em outro local:

“- Dessas brincadeiras que você me falou, com quem você aprendeu?

- *Com meu colega!*

- De onde?

- *Da vila sete, uma brincadeira que o Robson me ensinou... (Hugo - 09 anos)*

Com relação ao agente transmissor dos jogos e brincadeiras infantis, encontramos várias vias de acesso, sendo, mais uma vez, a relação entre amigos de rua o primeiro agente citado.

Quadro 05: Com quem nossas crianças aprendem suas brincadeiras?

Nome	Idade	Prof. Ed.Física	Amigos	Irmãos	Tia	Sozinho
Andressa	05					
Robson	06					
Lenice	06					
Danilo	07					
Adaelson	09					
Juninho	09					
Adailton	09					
Hugo	09					
Bia	11					
Letícia	11					
Mônica	11					
Rosiane	11					
Ander	12					
Cleber	12					
Josiane	13					

Nove crianças apontaram os amigos como transmissores de jogos; dois apontaram primos e irmãos, podendo, assim, considerar como crianças de idades próximas, três apontaram os professores como agentes e dois afirmaram terem aprendido sozinhos.

Quanto aos dois elementos que apontaram terem aprendido sozinhos, um deles, no quadro a seguir, começa a apontar a origem da aprendizagem das outras pessoas, tendo os amigos como via de transmissão.

A troca de jogos e brincadeiras entre as crianças se dá de forma muito espontânea. Geralmente, este câmbio ocorre no próprio ambiente em que praticam, vivenciando os mesmos. Para que aconteça a transmissão e difusão destes

jogos basta existir duas ou mais pessoas dispostas a se divertir. Perguntamos as crianças se elas ensinavam brincadeiras a seus companheiros, e então, vejamos o que elas nos contam: “- Uma... aquela que eu te ensinei aquele dia no carro? Aquelas brincadeiras com a caneta. Já peguei um monte de gente.”

(Ander - 12 anos) Adaelson também demonstra em seu relato a simplicidade e facilidade que é ensinar um jogo a seus amigos: “- Quando você vai brincá, daí brinca de corrente, aí eles não sabe, aí ensino. O Ander sabe, o gordo, o Robson, o Danilo não sabe.” (Adaelson - 11 anos)

Com base nos relatos de Adaelson e Ander Vejamos com que intensidade as trocas e práticas das brincadeiras veiculam no interior do grupo estudado:

A análise do quadro acima indica que das quinze pessoas participantes, apenas cinco delas afirmam nunca terem ensinado ou transmitido algum jogo para seus amigos.

As crianças que afirmam não terem ensinado nenhuma brincadeira, e analisando as posições nas quais se encontram no grupo, apresentamos uma possível hipótese: podemos pensar que as crianças que disseram nunca terem transmitido brincadeiras aos seus colegas apresentam um grau de maior passividade no grupo? Tal suposição tem alguma evidência pois em se tratando de Robson (06 anos) e Letícia (11 anos), quando estão em grupo exercem a postura de participantes

Quadro 06: Nossas crianças transmitem as brincadeiras e jogos aos seus amigos?

Nome	Idade	Já ensinou	
		Sim	Não
Andressa	05		
Robson	06		
Lenice	06		
Danilo	07		
Adaelson	09		
Juninho	09		
Adailton	09		
Hugo	09		
Bia	11		
Letícia	11		
Mônica	11		
Rosiane	11		
Ander	12		
Cleber	12		
Josiane	13		

A análise do quadro acima indica que das quinze pessoas participantes, apenas cinco delas afirmam nunca terem ensinado ou transmitido algum jogo para seus amigos.

As crianças que afirmam não terem ensinado nenhuma brincadeira, e analisando as posições nas quais se encontram no grupo, apresentamos uma possível hipótese: podemos pensar que as crianças que disseram nunca terem transmitido brincadeiras aos seus colegas apresentam um grau de maior passividade no grupo? Tal suposição tem alguma evidência pois em se tratando de Robson (06 anos) e Letícia (11 anos), quando estão em grupo exercem a postura de participantes

passivos e aceitam todas as propostas sugeridas pelas demais crianças.

Juninho, entendemos como não participante, com frequência, deste grupo e quando nos transportamos a sua entrevista encontramos sua preferência por jogar vídeo game com um ou dois amigos, em casa.

Já sabemos que Cleber participa de um grupo misto de adolescentes na mesma rua pesquisada, mas, nas raras vezes, que brincou conosco, apenas participou passivamente, não apresentando interferência nas propostas sugeridas pela maioria do grupo.

É viável supor que os tipos de brincadeiras transmitidas estão de acordo com a faixa etária do transmissor. Isto significa que, de 06 à 09 anos, as crianças transmitem mais brincadeiras com regras menos detalhadas, jogos que, segundo Chateau (1987), são jogos que não perduram no tempo, por serem considerados como jogos de representação, os quais variam de acordo com a imaginação infantil de cada jogador.

Já, por volta dos dez anos em diante, fica nítido o aparecimento com maior intensidade dos tipos de jogos tradicionais infantis mais estruturados com relação às regras propostas pelo jogo e possibilidades criadas pelos jogadores que os praticam.

Após ter percorrido o caminho da transmissão e da difusão dos Jogos Tradicionais Infantis entre o grupo estudado, postulamos a possibilidade de resgatar através de relatos infantis a origem dos mesmos. Quando perguntado as crianças com quem os amigos, pais e professores haviam aprendido estes jogos, as

crianças buscavam raízes ligadas, ora aos próprios amigos, ora entre adultos mais velhos:

“- Ah! Eu aprendi, eu aprendi com as pessoas, eu vejo as pessoas brincando assim né, e antes quando eu mudei aqui já tinha a Jocilaine. e a Josiane que não brinca mais. Elas só viviam brincando. Eu era tímida quando eu mudei pra cá né. Eu ficava só olhando de longe, escondidinha né, no muro, nas coisas, eu só ficava olhando elas brincando né, e eu ficava olhando e depois também minha mãe me ensinou algumas e aí eu fui aprendendo com as pessoas, assim que, que tinha mais idade assim do que eu né, uns só por aí, eu era mais pequena né, a gente aqui mesmo quando eu não tinha vindo pra essa casa a gente aprendeu um monte de brincadeira com as pessoas um pouco mais grande do que a gente. Com as outras crianças mais grandes.” (Rosiane - 11 anos)

Vejamos através do quadro como os outros elementos indicam o agente transmissor e originário desta rede de difusão dos jogos tradicionais infantis.

Nome	Idade	Com quem a pessoa que citamos aprendeu					
		Prof.	Amigo	Mãe	Sobrinha	Não sabe	Outro
Isa	11						
Leide*	11						
Mônica	11						
Rosiane	11						
André	12						
Carla	12						
Jonas	13						

* com a mãe dos amigos.

Neste quadro as respostas obtidas à questão citada relacionadas à origem da transmissão de jogos e brincadeiras infantis, variaram da presença de adultos como professores e mães até a transmissão entre amigos e por crianças mais velhas. Se considerarmos a influência por parte do adulto obteremos a quantidade de seis elementos que citaram os adultos como agentes de origem propulsora dos jogos.

Observando os elementos que apontaram os amigos da rua, primos, irmãos e crianças mais velhas, temos como resposta cinco afirmações voltadas para a transmissão via meio infantil. Uma única criança, Joninho, continua afirmando que pessoas aprendem sozinhas, três elementos dizem não saber a origem da

Quadro 07: A quem nossas crianças apontam o agente perpetuador dos J.T.I.

Nome	Idade	Com quem a pessoa que ensinou aprendeu					
		Prof	Amigo	Mãe	Sozinho	Não sabia	Cçs velhas
Andressa	05						
Robson	06						
Lenice	06						
Danilo	07						
Adaelson	09						
Juninho	09						
Adailton	09			*			
Hugo	09						
Bia	11						
Leticia	11						
Mônica	11						
Rosiane	11						
Ander	12						
Cleber	12						
Josiane	13						

* com a mãe dos amigos.

Neste quadro as respostas obtidas à questão citada relacionadas à origem da transmissão de jogos e brincadeiras infantis, variaram da presença de adultos como professores e mães até a transmissão entre amigos e por crianças mais velhas. Se considerarmos a influência por parte do adulto obteremos a quantidade de seis elementos que citaram os adultos como agentes de origem propulsora dos jogos.

Observando os elementos que apontaram os amigos da rua, primos, irmãos e crianças mais velhas, temos como resposta cinco afirmações voltadas para a transmissão via meio infantil. Uma única criança, Juninho, continua afirmando que pessoas aprendem sozinhas, três elementos dizem não saber a origem da

transmissão dos jogos e brincadeiras que praticam.

Se compararmos as afirmações entre as respostas dadas pelas crianças relacionadas, onde elas aprenderam os jogos e com quem, as pessoas que ensinaram aprenderam também encontrando-se aí, uma variação muito significativa.

Veremos que, nove dos entrevistados citam a origem da transmissão como sendo a partir dos amigos de rua. Mas, quando pedimos a origem relacionada a aprendizagem de seus transmissores encontramos um equilíbrio de respostas, sendo cinco para a aprendizagem com adultos (como pais e professores) e cinco com os amigos de rua.

Com relação ao nosso olhar fica o questionamento entre: a busca do antigo na pessoa do adulto e velhos como símbolo do passado; a relação de que jogos brincados pelas crianças, são patrimônio exclusivamente infantil tendo o adulto influência mínima no campo de ação de onde as crianças praticam? Instaura-se os limites sociais entre a divisão do espaço adulto e infantil?

Buscando entender estas questões, perguntamos se os jogos praticados por eles poderiam ser alterados na sua forma de brincar ou deveria permanecer como haviam ensinado.

Das quinze crianças entrevistadas, oito delas apresentam a possibilidade de mudanças, justificando variações de uma mesma brincadeiras em que alteram-se poucas regras e/ou seus nomes. Robson e Danilo são rígidos na não possibilidade de mudanças, dois participantes afirmam não saber e Mônica, aponta

o fator “costume” para não mudança da forma de jogar. É importante retratar que ela tem consciência da existência das variações de jogos.

Quadro 08: Nossas crianças permitem a mudança de regra do jogo que aprenderam com outros transmissores mais velhos?

Nome	Idade	Pode Mudar	Não Pode Mudar
Andressa	05		
Robson	06		
Lenice	06		
Danilo	07		
Adaelson	09	Sobre o esconde-esconde. Muda o esconde-esconde para o último salva-todos. Apresentam uma variação da brincadeira/. P.S. combina com o grupo.	
Juninho	09	Diferença entre seu pega pega e o dos outros é a existência do pique. Ps. Mudança de regra. Mas na escola com os amigos não muda, eles não deixam.	
Adailton	09	Não sabe	Não sabe
Hugo	09		
Bia	11	Sobre o queima. Apresenta variações como: coluna, diferente. P.S. Meninos combinam com as meninas.	
Leticia	11		Não. Mas apresenta similaridades entre um pega-pega e duro-mole.
Môn.	11	Apresenta uma variação do elefante colorido entre cor e música.	Não muda por costume de sempre brincar do mesmo jeito.
Rosiane	11	Aponta mudanças nas variações de jogos.	
Ander	12	Sobre o futebol. Apresenta variações: linha, classe, disputa. P.S. Combinar com o grupo.	
Cleber	12		
Josiane	13	Sobre vôlei: apresenta variações do jogo como: rede, s/ campo, sacar no meio. P.S. combinado com o grupo.	

Através destes dados podemos fazer a relação entre o respeito pelo mais velho ligado a transmissão da não permissão de mudança das regras das brincadeiras? Ou busquemos Piaget (1977), sobre a construção das regras infantis pelas crianças. Constatariamos Chateau (1989), com relação ao respeito e admiração das crianças mais novas em direção as mais velhas?

Guardemos estas questões para discutir após sabermos qual o grau de influência das mães e avós do novo grupo pesquisado em participar das brincadeiras infantis.

4.4.2. Brincar e lembrar é só começar: existe influência do adulto e o brincar no grupo infantil?

Brincamos, pulamos, vibramos e descansamos. Souvenirs, retratos e lembranças. Eh, tempo bom que não volta mais! Será? O prazer de recordações que fica para uma vida. As surras, a palmatória, o cafezal, fragmentos de imagens, pensamentos e referencias que norteiam desejos não vividos, sonhos bonitos e a fantasia do querer sempre mais. Coisas da vida.

Buscando o olhar do adulto em relação as brincadeiras infantis, resgatamos relatos de memórias de infância e informações que completassem nosso quadro sobre as brincadeiras de rua. Teriam velhos e adultos a influência da transmissão oral das brincadeiras infantis num grupo de crianças? Ficaria somente a

cargo das crianças a função da propagação do repertório cultural de jogos e brincadeiras? Vejamos o que nos contam nossos adultos entrevistados. Neste relatos encontraremos memórias de infância, ou seja, como brincavam as crianças de décadas atrás:

“M. (D. Div. estava presenciando) Lembro. Então Simone, (risos) a nossa brincadeira, a nossa brincadeira de quando nós era menina, nossa brincadeira era assim: - Sumana na roça e no sábado assim as veis minha mãe deixava, ia no pomar pegá umas fruta e..... pé de fruta chama imbú, né. Aí nós tirava bastante, aí ia prá casa comê. E a brincadeira de domingo era assim: juntava umas coleguinha ia prá... que lá no Norte é... as arvorezinha são tudo grandinha assim, então a gente chegava naquelas arvorezinha, nós pegava a panelinha e punhava, ponhava fogo. Aquilo nós catava fruta da mãe e ia cuzinhá lá na... Também naquele dia ela não fazia nada pronto, que nós comia tudo na casa. “ Vem cumê! Ó cumadre vem cumê, ó cumadre! Ó cumadre amanhã é dia do batizado dos menino, que era boneca, né. Boneca, aí disse: -É.” Nós pegava um cavalo de pau marrava uma cordinha assim no pauzinho, né. (gesticulando com as mãos e os pés) e pegava a boneca enrolava bem. Era cumpadre prá, era cumadre, era tudo. Ia batizá, né? Muntava ali né, ó, então nós saía (gesticalando o trote do cavalo e dando risada). Quando chegava lá, o padre batizava tornava vortá prá tráis. Quando chegava, é cumade dali, cumade acolá, ponhava os moleque no meio... no chão, né, no chão. E com isso ia o dia todo, a tarde inteira brincando. A nossa brincadeira era assim! (D.Div. interrompe dizendo que só brincava de boneca)

D. Essa brincadeira que ela falou aí, a gente chamava de quitute.

M e D. É só as meninas.

M. Os menino, os pai da gente era muito enjoado pá brincá com os menino. Os menino as brincadeira deles era... a nossa nós sabe, agora a deles, né, eles ia brincá, ia caça de badogue É, que eu alembro é badogue. Era assim, a brincadeira dos meninos era assim. Os menino ia pró mato com estilingue brincando, brincava, né. (Neste momento D.Div. interrompe dizendo que na sua terra menino não brincava com menina não)

D. Eu acho que acontece muita coisa com menina e rapaizinho assim porque hoje tão muito junto. No nosso tempo não existia isso, né D. Mar.? Nosso criador se num tivesse brincando com muié catava nós na hora. Então nosso cantinho de brincá, era lá com as panelinha de barro.

M. É já ficava na casinha, lavava tudo, bulia tudo e brincava o dia inteiro.

D. Fazia casamento de boneca, batizava, né D. Mar.?

M. É. Eu era danada sabe? Pegava, minha filha ia pá roça como diz o otro e pegava um assim e otro assim, pegava o cavalo de pau na roça, tocava (estala com a língua para tocar o cavalo) e diz: - Vamô! Meu pai ficava brabo comigo e falô comigo. Daí assim e otro assim e meu pai veio e eu não vi e daí eu ia tocando ele na frente que nem boi. - Sabe filha, quando tú chegá em casa tú vai me pagá, nheim! Ah! aquilo prá mim acabô tudo!

D. Acabô a alegria!

M. Ah, bate. Ele batia... a gente panhava na perna. Parmatória. (Fazendo o gesto com as mãos virada para cima) dois aqui, mais dois aqui, era meia dízia. Aquilo prá mim ficava.. Vermelha! Batia que até enchava as mão. É difíciu, parmatória, parmatória..." (Vó. Mar - 65 anos e D. Div - 62 anos)

"D. Ah! Nós brincava do mesmo jeito da D. Mar, de casinha, fazê casinha, fazê casamento de boneca, fazê batizado, fazê comidinha... Era a mesma coisa. Nós vistia uma de padre, né, de roupa bem cumprida, ponhava um pano no pescoço, né. Né, D. Mar? Ponhava uma bacinha de barro em cima de um toco. Ali era a pia do padre onde molha a cabeça né, da boneca, prendia um pauzinho; ali era a vela. Ali aquela que sabe lê, rezava uns pai nosso, uma coisa assim né. Ponhava a cabeça da boneca dentro da água e molhava a cabeça da boneca. Aí depois nós enxugava e ponhava no sol e, casamento também. Nós sempre fazia casamento. Já brinquei tanto daquilo, vichi! Era a boneca. Lá eles fazem boneca de pano assim prá vendê na feira, né. A gente compra a boneca e tinha boneco também. Eles faziam, o boneco macho, né. Aí, nós vistia tudo de branquinho também, ponhava vela. Ah! Nós tinha muito que brincá. Hoje em dia as meninas não sabe brincá, né!

M - Não sabe brinca!

D- Também né aquilo era caro. Nós tinha que arrumá carne, pedaço de frango, né. O que era prá nós comê lá dentro de casa a gente trazia pra fazê, ali naquelas panelinhas. Ah! Mas como era gostoso, não era D. Mar.?

M - Era gostoso!

D- Tem tempo de colheita. Ah, meu Deus! Aquele tempo foi e não volta mais, que era bom! Vichi! Eu brinquei muito. Era a única brincadeira que a gente tinha era essa. Subi pelos paus... assim em cima de pau, vichi! Subi numa árvore era comigo mesmo." (D. Div.- 62 anos e Vó Maria - 65 anos)

"V. Óia Simone, eu ensinei eles a brincá de amerelinha, de casinha, que eu sempre falo: "Ó, tempo que o cêis que ficá pulando no meio da rua, uma hora dessa, (eu morro de medo de carro) senta num canto junta latinha fazê casinha". Eu fazia cada casinha, eu fazia cada copa, que nós falava copa, né, guarda louça nós falava. Nós fazia aqueles guarda louça de lata de óleo, nós ia longe de uma lata de óleo prá fazê pé de guarda-louça. E aqui a gente levava aquelas mala, aqueles sacão de coisa prô café. Minha mãe ia trabaiá quando, nós começava a aprontá

muito ela começava a levá nós pá roça prá castigo e nós levava as brincadeira todinha pró café. Tijolo nós levava, saco.. Mudava com a casinha. Na fazenda tem assim, os corte de café, tudo aqui, aqui fala quarterão, cada quarterão é um montão, e lá falava os “taião”⁹¹ de café. Ah, nós vivia com as nossa mudança de taião de taião de café... Nós fazia casinha (voz de lembrança bem vivida). A Bia mesmo aprendeu a brincar de casinha comigo no meio da roça, ela mais o Adaelson Eu fazia, o pai dele fazia rodinha de caminhão na hora do “armoço” pra gente fazê... eu fazia casinha com ela. Ela tinha “2 anin”.... Eu brincava com ela aí a hora que eles entretiam eu ia trabaia. Aí quando eles chorava eu vortava e mudava a casinha, pra frente. Outra hora eu pensava que tava na casinha, durmiu né, aí eu vinha vê, chegava, cadê eles? Eles já tinha se perdido dentro dos taião de café. Uma veis eu ensinei uma brincadeira que nunca vi eles brincá disso, faiz muito tempo que eu vi elas brincá. Eu ensinei elas brincá de balança caixão, passa anel... Eu ensinei elas brincá que eu brincava muito disso aí... balança caixão, passa anel, caí no poço...” Óia Simone, eu ensinei eles a brincá de amerelinha, de casinha, que eu sempre falo: “Ó, tempo que o cêis que ficá pulando no meio da rua, uma hora dessa, (eu morro de medo de carro) senta num canto junta latinha fazê casinha”. Eu fazia cada casinha, eu fazia cada copa, que nós falava copa, né, guarda louça nós falava, Nós fazia aqueles guarda louça de lata de óleo, nós ia longe de uma lata de óleo prá fazê pé de guarda-louça. E aqui a gente levava aquelas mala, aqueles sacão de coisa pró café. Minha mãe ia trabaia quando, nós começava a aprontá muito ela começava a levá nós pá roça prá castigo e nós levava as brincadeira todinha pró café. Tijolo nós levava, saco.. (D. Vil. - 30 anos)

“M - Só que a minha infância foi muito pouca. A minha infância foi muito difícil porque naquela época minha mãe foi uma mulher muito doente né, e eu bem da idade dos 7 anos eu aprendi a fazer de tudo dentro de casa, minha mãe não deixa eu brincá. Eu não tinha essa regalia de brincá, não. Minha mãe não deixava. Então quando às vezes eu terminava de... de limpa o serviço porque a gente hoje é pobre, mais naquela época a gente era mais pobre ainda. Então tinha as cadeirinhas, os banquinhos, lá a gente tinha que lava, né, e lavava os bancos, varria o quintal, limpava o fogão, fazia comida porque desde os 7 ano minha mãe ensino só a trabalha. Ia pra escola, chegava da escola, tirava a minha roupa da escola, pro outro dia ir, porque não tinha outra né, então sempre foi assim. E quando eu ia brinca um pouquinho, que às vezes minha mãe deixava, ela falava assim: - Olha você vai brincá, mas oh, você não espera dá o primeiro grito porque quando eu for

⁹¹ V. Era um tanto de pé de café, como se diz, aqui tem diz mil pés de café plantando nesse corteirão, seu fulano toca, é meheiro aqui, então ele toca. Então cada um, tinha tua roça, cada um tocava um tanto de café, cada um tinha seu “taião”, era taião 4, era 5, era 2, era taião do... (barulho de crianças não dá prá decifrar), então tinha um pedaço de café que tinha um tocando, cadê fulano? Às veis ninguém sabe aonde tava trabaiaando, passava na fazenda perguntava troncão pro fiscal né... Tilo em que taião o fulano tá trabaiaando? Se tivesse no troncão ele falava, se tivesse no pé do meio porque, a estrada vinha assim, vinha assim e tinha um “gáio” e aqui bem no meinho da estrada tinha um pé de café prantado no meio, então falava pé do meio.

busca já vai apanhá. Já vem apanhando, né. Então eu já nem esperava, às vezes eu ia brincar um pouquinho com a filha do nosso patrão, que ela chorava, sabe, pra mim que ela era sozinha, eu ia lá um pouquinho assim quando ela começava a arrumar a casinha eu já tava correndo com medo de chegar em casa e apanhar sabe. Aí ela chorava, aí você não fica lá. Eu não posso ficar. A D. Hel. sabe. A D. Hel. eu não posso ficar, porque senão quando eu chega lá minha mãe você sabe, vai me bater. E eu não ficava sabe. Então, minha brincadeira foi muito pouco. Eu brinquei muito. Agora... a única... lembro... a única coisa que depois eu peguei de 8 ano, 9 ano, 10 ano, a única coisa que a gente brincava era à noite porque minha mãe brincava com a gente. Minha mãe brincava... de dia ela não deixava brincar. Mas quando era noite e gente...minha mãe pegava na nossa mão e ia brincar de roda, eu, meus irmãos, mais uns amiguinhos assim sabia, no sítio quando era tempo de lua clara a gente ia brincar de roda, assim na frente da minha casa; a minha mãe brincava com a gente de roda e ensinava a cantá... de roda só. Isso era a brincadeira. Pra gente brincar. Mas eu não fui de brincar assim que nem hoje as meninas... eu falo pra ela." (D. Mar.- 43 anos)

Se por um lado temos lembranças, por outro temos relações pais e filhos brincando na hora de lazer. Nestes relatos a influência dos pais na transmissão de brincadeiras infantis, crianças aprendendo brincadeiras transmitidas pelos pais quando pequenas. E na rua de mão dupla filhos que ensinam brincadeiras aos seus pais.

"Só quando ela era pequenininha assim. Que nem...é... cantá, cantá assim musiquinha pra ela. A gente sempre cantava, mais brincadeira assim só quando ela era bem pequenininha, depois que ela cresceu a gente não brincou mais né, porque só trabalha né, só trabalhava mesmo. Já... já sim. Ela já... agora faz um tempinho que não. Mas até tempo atrás ela fazia eu brincar com eles assim no momento, assim no Domingo principalmente né, porque na semana eu trabalhava né, aí no domingo, ela insistia, principalmente nos dias das mães, dia das crianças, e então ela sempre inventava de fazer uma brincadeirinha pra brincar com ela no saco, brincar mesmo, numa data vazia que tinha ali, né, então de vez em quando a gente ia brincar com eles, fazê, fazia suco pra levar pra beber lá, e passa umas horinhas aí. Ia eu, a D. Li, a Joelma que inclusive não mora mais aí, que é a menina que mora sozinha, é filha dessa Joelma, né. A Joelma abandonou ela né. Até então a Joelma ia, eu ia, a D. Li ia, a Rosianeide, a mãe da Rosiane também brincava junto. Então a gente brincava com eles. (D. Mar - 43 anos)

"M - Que ela brinca? - Ah! Ela conta de tanta brincadeira que eu nem guardo na idéia, menina! - Vichiii! Se eu já ensinei? Não. Que eu me lembre não. Nunca. Nunca brinquei assim... nem... quando era mais pequinininha eu ensinava brinca de casinha, fazê a caminha, bonequinha né, mais depois que ficô mais velha já tem coleguinha né!" (D. Mar.- 40 anos)

"Ele só fala assim quando ele na escola, quando ele tava no prezinho a tia ensinava ele a cantá, né. Que nem essa daqui (Dayane): - Essa daqui agora tá no prezinho, a professora tá ensinando ela cantá. Tem dia que ela chega já sabia cantá e tudinho." (D. Euz. - 53 anos)

Conversamos com Bia que além de aprender brincadeiras com sua mãe também transmite as brincadeiras a ela. Vejamos este caminho de mão única: *"- Pra minha mãe. Minha mãe de vez em quando ela brinca. Jogo da velha." (Bia - 11 anos)*

De pais para filho, de filho para pais e no ambiente de casa, irmãos e primos ensinam brincadeiras ou para os mais novos que ainda não brincam na rua ou para se divertirem no tempo que não estão na rua.

C- Bom. A brincadeira que ele brinca a gente já conhece, né? Não. (O Danilo ensina brincadeira pra Daniele?) Pra Daniele? Ensina. Essa de bate figurinha, né. Ele já ensinou pra ela, já bate figurinha os dois juntos. (D. Cín. - 32 anos)

Se em alguns ambientes encontramos pais e filhos que trocam brincadeiras quando pequenos, em uma certa idade o foco de atenção e transmissão passa a ser não mais do território adulto para o infantil, mas apenas entre crianças.

"Acho que não heim. Nós brinca, conversa aqui dentro de casa assim, dá risada... não... Eu nem sabia que ele sabia este tanto de brincadeira. (Ela assistiu a entrevista) Eu sabia que ele jogava bola, mas estas coisas assim, o nome eu não sabe." (D. Li - 45 anos)

“L - Ah, o Hugo mesmo; a brincadeira que ele faz na rua aqui, de vez em quando vem aqui no quintal com os colegas dele, né. É aquele figurinha, de batê. É! Jogar burquinhas. Eles tem uns palavriado lá que eu nem sei o que significa. Essas coisas. Da Andressa é mais pro lado da boneca mesmo. Brinca de casinha. Brinca de conversar comigo como se fosse uma amiga dela. Amiga pra lá, amiga pra cá. E vai no mercado, logo ela volta. Essas coisas. Eu já ensinei... Será que eu já ensinei? Eu não me lembro não! Que eu me lembre não.” (D. Lur.- 31 anos)

Partindo destes relatos, pontuamos os possíveis caminhos de transmissão dos jogos infantis: 1) o primeiro é o do adulto, no ambiente de casa, como transmissor de brincadeiras para crianças quando ainda pequenas; 2) a via dupla de transmissão de filhos para pais; 3) a transmissão intensa entre crianças e jogos tradicionais infantis; 4) o desconhecimento por parte dos pais como relação as brincadeiras praticadas por seus filhos.

Neste capítulo apresentamos e ilustramos nossos dados que compõem este trabalho, ficando latente interrogações e reflexão que serão levantadas assim que com o fio de Ariadne costurarmos nossa grande colcha de retalhos.

Um pedaço de madeira vira um taco, com uma pedra se faz uma amarelinha. De quadrinho em quadrinho, um pontinho e as regras do jogo se cumprem: “- Quem pula amarelinha não pode pisar na linha!”

Rola bola, rola briga, rola chute e rola gol. Rola grito e rola dor: “- Ai a canela do jogador!” Crianças brincando na rua, um ambiente de inúmeras situações vividas através dos jogos praticados em grupo.

Voltado para o contexto da rua e os jogos tradicionais infantis, nos perguntamos, com que intensidade os pais e avós entrecruzados influenciam e contribuem para a transmissão e difusão dos mesmos.

Bosi (1987), Silva (1989), Oliveira (1986), Kishimoto (1995), apontam transformações no contexto social relacionadas ao rápido processo de transformação nos costumes e hábitos das pessoas que antes viviam em cidades para metrópole.

V. MEMÓRIA E JOGOS TRADICIONAIS INFANTIS:

lembrar e brincar é só começar

Relatos e depoimentos de cidadãos que com mudanças percebem a metamorfose dos espaços que modificaram seus referenciais de vida devido ao

5.1. Avós, pais e filhos: diferentes gerações e a arte de jogar

Lembrar, brincar, imaginar, criar e sorrir. Momentos de vida bem aproveitados que nos faz desejar eternizar. Resgate da memória, admirar fotografias, fantasiar, guardar lembranças e sabedorias.

Um pedaço de madeira vira um taco, com uma pedra se faz uma amarelinha. De quadrinho em quadrinho, um pontinho e as regras do jogo se cumprem: “- *Quem pula amarelinha não pode pisar na linha!*”

Rola bola, rola briga, rola chute e rola gol. Rola grito e rola dor: “- *Aí a canela do jogador!*” Crianças brincando na rua, um ambiente de inúmeras situações vividas através dos jogos praticados em grupo.

Voltado para o contexto da rua e os jogos tradicionais infantis, nos perguntamos, com que intensidade os pais e avós entrevistados influenciam e contribuem para a transmissão e difusão dos mesmos.

Bósi (1987), Silva (1989), Oliveira (1986), Kishimoto (1995), apontam transformações no contexto social relacionadas ao rápido processo de transformação nos costumes e hábitos das pessoas que antes viviam em cidades pacatas e serenas e hoje vivem em um ambiente que se converteu em grande metrópole.

Relatos e depoimentos de cidadãos que com mudanças percebem a metamorfose dos espaços que modificaram seus referenciais de vida devido ao surgimento de grandes indústrias e edifícios.

No bairro J.U, um local afastado do centro da cidade de Maringá, a modificação aparece em menor grau, mas já é possível notar. As datas vazias que as crianças utilizavam como espaço de brincadeiras, como: esconderijos e a festa junina agora dão lugar à construções de novas casas.

Aparecem placas, carros, muitos carros. Com o movimento da rua, as crianças buscam a rua da casa da Mônica, uma rua parada e sem saída, mas nunca uma rua morta. Os gritos, as brincadeiras e os barulhos dão vida àquele lugar.

O que poderia diferenciar uma rua de outra mesmo que em algum momento ela esteja completamente vazia? Buscando indícios voltados para jogos de rua e as crianças, encontramos peculiaridades que marcam a presenças de nosso objeto de estudo. Ali, há marcas, há sinais e há o espírito do viver.



Percorremos o bairro J.U., conhecemos o ambiente, seus moradores e as relações cotidianas deste grupo. Uma peculiaridade da vizinhança do bairro é a de que algumas famílias permaneceram unidas mesmo com a mudança do meio rural para a cidade, assim, nem todas as referências de costumes e valores se perderam, mas aos poucos se adaptaram a um novo contexto.

Transformações e mudanças que se mesclaram da saída do antigo contexto para o novo bairro. Notemos então a expansão da imensa rede de informações via oralidade, difusão de costumes e valores que aos poucos se fundem com a convivência no novo ambiente.

Aos poucos o ritmo de vida muda e os adultos em idade considerada de produção, trabalham ativamente, as pessoas com idade mais elevada começam a exercerem outras funções. Oliveira (1986), aponta em seu estudo, a função dos avós que criam ou educam seus netos ora por total ausência dos pais, ora pelos responsáveis permanecerem o período integral trabalhando.

No nosso estudo, encontramos Adaelson, Bia, Leticia, Lenice, Juninho, Robson, Dayane e Rayane nesta mesma situação. Vó Mar (65 anos) relata: “- *Tô toda hora na reta!* Cuidados indispensáveis com crianças, pois, se para alguns avós os netos significam visita e diversão, para outros alguns componentes a mais: trabalho e preocupações.

Notemos bem as funções sociais dos mais velhos sendo determinada pela classe social pertencente, isto é, para quem são os novos e

arrojados programas de terceira idade? Necessidades todos nós temos mas são criadas e vividas de acordo com os recursos e possibilidades que cada um possui.

Dos perigos e ameaças da rua, das relações entre vizinhos e do grupo de amigos, para lembranças de quando nossos participantes brincaram na rua, isto é, da observação de filhos e netos para recordações vividas. Um retorno ao passado! O que lembram, revivem e guardam nossos entrevistados?

Ressaltemos a importância do conceito de memória ativa resgatado por Frentress e Wickham (1992) e Bósi (1987), se uma das funções da memória é o de estocar informações, uma outra, a ativa, é a de trabalhar, percorrer caminhos, reconstruir, imaginar, criar, fantasiar experiências bem vividas. Um trabalho de valor inestimável que nos conduz a refletir sobre o sentido da vida, de nossas perdas, abandonos e conquistas.

Para muitos adultos, a qualidade de viver pode estar ligado a possibilidade de reversibilidade de lembrar, passear e manter sempre viva as memórias de infância. Kishimoto (1995), ressalta a relação existente entre memórias de infância e a visão do adulto com relação ao ideal de educação e concepção do que é na sociedade. São influências do contexto, experiências pessoais, fantasias e desejos mesclados, projetados e representados no imaginário.

Halbwachs (1990), afirma a permanência de nossas recordações e seu resgate quando podemos ter o grupo como suporte referencial das experiências

vividas, mesmo sendo um trabalho individual o ato de recordar nos remete aos outro. No nosso trabalho, estimulamos através de relatos de vida o *“vir a tona o que está submerso”* como nos diz Bósi (1987).

Lembramos Vó Mar. (65 anos), D. Div. (62 anos), D. Vil. (30 anos), D. Euz. (53 anos), todas conhecidas de tempos atrás, quando suas vidas se cruzaram na colônia de uma fazenda. Sabemos que a influência e experiências vividas num grupo são também suportes *“aide-memoire”* para recordarmos.

Vejamos o que os participantes nos contam de suas brincadeiras de infância. Vamos recortar, ir, vir, ler as entrelinhas de relatos carregados de costumes, valores, afeições de décadas atrás. Convido todos para um passeio itinerante pelas memórias.

Os relatos apresentados por nossos entrevistados estão inseridos no ambiente rural. Estes descrevem seu espaço de brincar que possuem: pés de cafés, muitas árvores, pomares e chão de terra. Neste contexto, aparecem as brincadeiras de faz de conta como: fazer cerimônias de batizado, casamentos e brincar de casinha.

“Nós pegava um cavalo de pau, marrava em cima uma cordinha assim um pauzinho, né.” (Vó Mar - 65 anos)

“Ponhava uma bacinha de barro em cima do toco. Ali era a pia do padre onde molha a cabeça né, da boneca, prendia um pauzinho, ali era a vela.” (D. Div - 62 anos)

É importante ressaltar que as brincadeiras citadas refletem os valores e costumes da época, onde era comum a participação das crianças em cerimônias religiosas e familiares. Isto é, expressavam através, da ação lúdica, como entendiam e viviam estes papéis em sociedade.

Avós e mães que expressavam suas lembranças revivendo as brincadeiras de faz de conta e também encontramos hoje a utilização destas brincadeira pelas nossas crianças, ilustrando, fantasiando e organizando para si o mundo que o cerca. Na verdade, a construção do processo lúdico de existir que todo o ser humano necessita para sobreviver: os mitos, os sonhos e as utopias.

Em nosso estudo encontramos Lenice (06 anos), brincando de casinha sozinha em uma caixa de esparramar cimento com vários litros e latas descartáveis fazendo comidinha, brincando de mãe e filha.

Um fator muito marcante na vida destas mães e avós era a questão de que meninos não brincavam com meninas, sendo a ordem dada por seus pais com tamanha rigidez. Só as meninas brincavam com meninas, coisas de meninas, brincar com meninos só sob o olhar de um adulto, quase sempre repressor, e se a lei fosse violada com certeza a punição.

Notemos a diferença onde contextos e valores se modificam, o brincar com meninos e meninas é permitido no caso das crianças participantes do nosso estudo. Na obra nossa rua tem um problema, Azevedo (1993), ilustra uma situação de rua em que meninas não brincam com meninos, não porque não seja permitido, mas sim por questões de que a própria passagem da descoberta do corpo

e da sexualidade levam à curiosidades e alguns retraimentos onde passa-se aos segredos e fantasias a serem compartilhadas entre grupos de mesmo sexo.

Temos Bia, Rosiane, Letícia que as vezes negam-se a brincar com a molecada como elas dizem. Opie (1993), aponta este comportamento no estudo desenvolvido nas observações dos jogos tradicionais infantis no pátio da escola no período do recreio. Em seus relatos aponta este comportamento de separação de grupo entre os sexos com atitudes que também encontramos nas crianças da nossa rua, as meninas andarem sempre juntas e abraçadas.

Quando fizemos esta comparação não estamos isentando a pressão externa de que as meninas trafegam e não têm nenhum problema em brincar com meninos, pois, em nossas entrevistas, aparece uma forte tendência em um maior cuidado voltado para elas, como: não ficarem sentadas no meio-fio ao anoitecer, não saírem sozinhas para mercearias, lanchonetes e, à medida que vão crescendo, a cobrança do pudor, em comparação aos relatos dados pelos pais e avós notam-se aos poucos mudanças de costumes e valores de gerações, como brincar na rua com os meninos.

Neste relatos, também é importante lembrar que a frequência com que nossos participantes brincavam e a forma como brincam nossas crianças hoje. Recordações arraigadas de saudade: “- *Aquele tempo foi e não volta mais que era bom! Vichi! Eu brinquei muito!*” (D.Div. - 62 anos). Quando se é permitido brincar, um pouco de tempo passa a se tornar muitas horas e dias, mesmo que a maior parte do tempo era dedicado a trabalhos na roça ou apenas nos finais de semana.



Se antes o brincar era visto como um luxo, o que importa é que brincou-se nos momentos permitidos, viveu-se e experimentou-se :- “ *Mas eu não fui de brincá assim que nem hoje as meninas... eu falo prá elas.* ” (D. Mar. - 43 anos)

Hoje brincar é permitido aponta Kishimoto (1995). Tudo ao que se refere à brinquedos e jogos é remetido a imagem da criança. Um tempo livre para as crianças, a liberdade refletida no ato de brincar.

Nos relatos de recordações, não haviam muitas opções para o brincar, senão a forte tendência de brinquedos fabricados pelas próprias crianças ou usufruírem do espaço, brincando de trepar em árvores, esconderijos e contar histórias.

É importante ressaltar que existe relação entre os materiais utilizados para brincar também remetem à opções postas socialmente, isto é, de acordo com os recursos de um época, costumes e a classe social a que pertence.

Há algumas décadas atrás, a produção industrial de brinquedos, não estava acessível a todos por um preço compensatório. Sua produção não tinha tanta força como hoje que, em cada esquina encontramos brinquedos importados por preços simbólicos: - de brinquedinhos escondidos em ovos de chocolate até os grandes e mais arrojados brinquedos eletrônicos.

Oliveira (1986), ressalta o grande “boom!” desta avassaladora produção no início dos anos oitenta que seduziu não só os consumidores em potencial (as crianças), mas também os seus pais.



É importante ressaltar que a figura do adulto nos relatos de memórias infância de nossos participantes, ora aparece como participante das brincadeiras de roda e na função de contadores de histórias, ora como observadores e espectadores das coisas infantis.

Quando perguntado aos pais e avós se conheciam e haviam ensinado brincadeiras a seus filhos e netos encontramos três caminhos de transmissão. Com relação ao conhecimento de jogos e brincadeiras apontam conhecer algumas pois, quando crianças praticaram os mesmos jogos, outras vezes demonstram estranheza alegando não jogar da mesma forma, mas conhecer algo parecido, quando não descartam a possibilidade sem interesse. Portanto, temos como marco o forte traço da transmissão dos jogos infantis via amigos de rua.

Com relação a transmissão de alguns tipos de brincadeiras, estas são ensinadas às crianças em uma fase muito tenra da vida, fase esta onde existe um maior contato e dependência com o adulto. No caso do J.U. nos diálogos dos adultos o brincar e ensinar brincadeiras são contadas como: só quando pequeninhos, onde o ambiente da criança ainda era restrito a casa; ou em outra ocasião quando pequenas já freqüentavam a creche, sendo o professor e as crianças veículos de trocas das atividades lúdicas. No nosso estudo encontramos Lenice, Andressa e Dayane, que aprendem brincadeiras na creche com seus amigos e a professora.

“Essa aqui agora tá no prezinho, a professora tá ensinando ela cantá. Tem dia que ela chega já sabe cantá e tudinho.” (D. Euz. - 53 anos)

Há também uma outra via de transmissão, esta surge da necessidade de criar opções quando a comunidade não oferece. Quando a comunidade não oferece espaços públicos próprios para que ocorra o lazer sempre existe a iniciativa de algum morador que como pudemos observar, S.Jua e D.Cín. donos de um bar, promoveram um campeonato de Truco, aumentando a populariedade e renda de seu comércio, mas também proporcionaram o lazer a comunidade.

Festejar com seu grupo as festas populares entre pais e filhos, aparece no bairro onde crianças e pais inventam um dia de lazer como: pipoca, fogueira, batata doce, mini-gincanas, corrida de saco, corrida da colher com ovo e campeonatos de futebol, na rua e em datas vazias.

“ ... Mas até tempos atrás ela fazia eu brincá com eles assim no momento, assim no Domingo principalmente né, porque na semana eu trabalhava né, aí no Domingo ela insistia, principalmente no dia das mães, dia das crianças, e então, ela sempre inventava de fazer uma brincadeirinha pra brincá com ela no saco, brincá mesmo, numa data vazia que tinha ali...” (D. Mar. - 43 anos)

“Prá minha mãe? Minha mãe de vez em quando ela brinca. Jogo da velha.” (Bia - 11 anos)

Atividades organizadas para as crianças pudemos presenciar na época de nossa pesquisa de campo, o campeonato de pipa promovido pela escola, logicamente organizado pelo professor de Educação Física. Também neste mesmo período as crianças pediram que organizássemos uma mini-gincana. De acordo com a necessidade do grupo pedimos para que eles mesmo organizassem, trocando as

atividades preferidas reforçando assim a transmissão do repertório de jogos e brincadeiras conhecidas pelo grupo.

Neste estudo estamos mostrando algumas formas de transmissão possíveis em que as brincadeiras e jogos tradicionais infantis são veiculadas. Uma outra forma é a passagem de brincadeiras entre irmãos, primos e amigos que muitas vezes ainda não participam de grupos de rua. No caso temos Hugo e Andressa, Robson e Dayane, Bia, Letícia e Lenice, Josi e Rayane. *“Ele já ensinou para ela, já bate figurinha os dois juntos.” (D.Cíntia - 32 anos)*

Foi através destas diferentes vias de transmissão que pudemos concluir o problema pesquisado pois, neste estudo de caso estamos trabalhando especificamente os jogos tradicionais infantis em uma classe social específica e com necessidades específicas. Isto significa que se fossemos abordar uma outra classe social, no caso, outras necessidades, formas de interações e formações de grupo, vias transmissão e uso de brinquedos e materiais de jogos apareceriam⁹².

Foi através dos relatos de avós e pais que pudemos chegar a detectar a existência destes diferentes caminhos traçados via oralidade e prática dos jogos infantis. A existência de transmissão entre pais e filhos neste estudo não tem um traço forte para que a perpetuação destes jogos se espalhem, mas sim, os jogos

⁹² Nos referimos à formação de grupos infantis nos ambientes: “playground”, clubes e brinquedotecas.



ensinados por alguns adultos quando as crianças são pequenas possuem outras características passando mais por brincadeiras do que por jogos segundo a diferenciação dos conceitos segundo Kishimoto (1995).

Se não encontramos nos velhos e adultos uma forte influência de transmissão via prática e oralidade a perpetuação dos jogos infantis, podemos encontrar nos velhos segundo Bósi (1987), a figura dos guardiões de memórias e experiências infantis bem guardadas, desenhadas e lapidadas. Então, quem são os verdadeiros guardiões destes tesouros infantis?

5.2. Crianças, jogos e brincadeiras: um tesouro que ecoa no tempo

Nem tesouros perdidos, nem tesouros enterrados, Tio Tootle achou suas bolinhas de gude! Uma teia! Falaremos dos guardiões dos tesouros infantis, como uma aranha que tece sua casa. Fios, que não sabemos o começo e nem o fim, mas fios que cruzam, vão, voltam, se entrelaçam, formam desenhos e fazem arte.

Pensem um pouco nas crianças! Friedmann (1996), ressalta que as transformações e formas de se jogar acontecem com o tempo, mas o prazer de brincar permanece sempre. Portanto, do que brincaram nossos entrevistados? Que recursos utilizavam? Em que o ambiente propiciava com relação ao que tanto lutamos e defendemos tanto: - o direito de brincar.



Vamos fazer arte na rua? O espaço que transitaremos passa por mais dois ambientes que completam as relações vividas pelas nossas crianças do bairro: a casa e a escola. Apesar de enfocar a rua como nosso principal ambiente das brincadeiras tradicionais infantis, conhecemos e presenciamos o início da transmissão deste repertório cultural proveniente de crianças e pais que ensinavam e brincavam juntas quando os filhos eram pequenos.

Pais que não foram permitidos brincar com mesma frequência que seus filhos brincam hoje, mas adultos que se lembram com emoção tapas, jogos e histórias contadas.

O brincar, como qualidade de vida! Se formos capazes de aceitar o brincar como necessário a nosso espírito, com certeza sorriremos mais, seremos mais compreensivos. Quando brincamos também nos descobrimos, nos desenvolvemos e também aprimoramos a capacidade de entender o outro, de ter prazer em ajudar e cooperar em situações que clamam por apoio, compaixão e respeito mútuo.

De casa para a rua, da rua para a escola, da escola e a hora do recreio, quem conta um conto aumenta um ponto. Surgem formas, regras, jeitos... aos poucos um grande novelo de nomes, regras se enrolam.

Brinca-se de um jeito, joga-se de outro, mas as crianças continuam sentindo prazer em brincar. É através de interações que a teia da oralidade é transmitida, difundida e tecida perpetuando como característica o anonimato.



As primeiras interações com jogos de caráter coletivo começam com brincadeiras entre pais, irmãos, primos no ambiente de casa e também na escola neste caso, cada vez mais cedo as crianças freqüentam este ambiente.

As crianças que freqüentam a escola e também brincam em quintais, o aprender determinadas brincadeiras e jogos coletivos se dá pela observação de crianças maiores que já percorrem o ambiente da rua. Gabriel (03 anos) é um deles, fica espiando as crianças maiores pelo portão. Sua mãe D. Ros (s/idade), as vezes chama os maiores para jogar vôlei em seu quintal, assim ela joga e seu filho tem contato com outras crianças. Dayane e Andressa também brincam com Robson que muitas vezes aparece no quintal para brincar.

A rua em que as crianças brincam a maioria das vezes, é a da frente de sua casa. Este fato se dá devido a não permissão dos pais para que seus filhos se afastem do seu olhar e também, a rua é escolhida pelas crianças de acordo com o movimento dos carros. É comum nos referirmos a rua sem movimento como rua morta, mas com as crianças lá, de morta ela não tem nada!

Para as crianças o que também conta são os amigos, a afinidade que tem com eles. As crianças que participam de grupos que não estão situados na frente da sua casa, alegam vir pelos amigos ou circulam em vários grupos por terem parentes ou amigos que pertencem a eles. Na verdade para que as brincadeiras coletivas se tornem mais gostosas, quanto maior o número de crianças participarem que melhor!

No caso das crianças que antes participavam de um antigo grupo de jogos de rua, trazem consigo seu repertório ao novo grupo e à medida que os pratica também transmite seu conhecimento. Vejamos na fala de Hugo (09 anos) quando relata com quem aprendeu algumas brincadeiras: “ – *Com meu colega, lá na Vila Sete.*

Observando as brincadeiras e jogos praticados pelas crianças notamos a existência de um ciclo de brincadeiras muito próximo aos rituais. Os tipos de brincadeiras seguem uma mesma ordem todos os dias, isto é, os jogos mais velozes são brincados no início, depois os jogos que estão de acordo com o anoitecer que exigem escuridão e penumbra para que o jogo fique mais divertido. Neste momento o esconde-esconde e a polícia e ladrão são os preferidos!

Ao cair da noite todos já estão exaustos e nada melhor que sentarem e brincarem de adivinhações, casamento atrás da porta e mês. Ali mesmo o contar piadas e façanhas acontecem. Momentos ricos de trocas e transmissões de experiências no espaço coletivo.

Existem tipos de brincadeiras que independente da idade das crianças do grupo é possível jogarem todas juntas. No caso de nosso grupo, encontramos com preferência o esconde-esconde e o pega-pega, sendo brincadeiras que possuem regras simples, flexíveis e ainda o famoso “café com leite”. Esta regra dá a possibilidade de crianças menores participarem com os maiores sem atrapalhá-los e aborrecê-los pois, passa pela questão de aumentar a quantidade de pessoas brincando e ao mesmo tempo a nulidade de intervenção das mesmas.

Chateau (1987), aborda questões com relação aos jogos tradicionais infantis sendo elas: a admiração, desejo e vontade das crianças menores em participarem dos jogos de crianças maiores; as diferentes preferências relacionadas tipos de jogos pelos dois sexos.

Opie (1993), também aponta a questão de diferentes preferências entre brincadeiras optadas por meninos e meninas, sendo caracterizadas como atividades que exigem mais paciência e tranquilidade e jogos praticados por meninos como mais violentos e ágeis.

No decorrer das observações realizadas no grupo encontramos estas características de comportamento também, mas, ressaltamos que a questão de diferenciação de tipos de jogos praticados entre os sexos também sofre a influência de valores, costumes e hábitos de cada sociedade.

O tipo de jogo praticado também está relacionado à idade no qual o grupo se encontra. Sendo então possível encontrar diversas divisões por idades e em momentos que cada subgrupo pratica brincadeiras diferentes.

Entre o espaço da rua e a escola encontramos dois ambientes de transmissão dos jogos tradicionais infantis sendo ainda a rua o espaço com maior força para este tipo de veiculação de informação do que a escola. Conseqüentemente os agente transmissores dos jogos passam primeiramente entre crianças e em segundo plano a figura do professor de Educação Física. Neste processo de veiculação da oralidade assistimos ao processo de institucionalização do patrimônio cultural infantil na luta do resgate do que está se perdendo. A busca



de uma re-animação temporária vivida nos campeonatos de pipa e futebol na quadra da escola.

Enquanto o grupo brinca encontramos no processo de interação crianças maiores ensinando as menores, estes maiores transitam tanto em outros grupos de crianças pequenas como também seu próprio grupo onde alguns jogos não são praticados por crianças de idade menores. No momento em que o grupo se encontra dividido é possível observar crianças de mesma idade ensinando seus jogos, ora grupo separado entre meninos e meninas, ora meninas de mesma idade ensinando outras, esta divisão está de acordo com a disponibilidade das crianças para brincar e também relacionada ao tipo de brincadeira e sua idade.

Encontramos também entre os diversos grupos de rua, o grupo específico da escola e seus líderes. Geralmente este coordena, sugere e determina a próxima brincadeira a ser praticada. Na seleção do próximo jogo no nosso grupo encontramos a regra: - vence a escolha da maioria, sendo o reflexo de um ambiente democrático. Uma peculiaridade do nosso estudo é que encontramos no grupo de meninas condutas mais cooperativas do que no grupo masculino.

O processo de transmissão e difusão dos jogos tradicionais infantis ocorre com muita rapidez e em um espaço de tempo de curtas gerações. No nosso estudo encontramos o início de crianças aprendendo e transmitindo os jogos a partir dos 06 anos de idade convivendo com crianças de várias idades sendo que a partir dos 09 e 10 anos brincam e lideram o grupo com forte influência na prática dos

jogos tradicionais infantis e por volta dos 12 ou 13 anos, passam a praticar jogos mais de caráter esportivo.

À medida que cresce a idade dos participantes do grupo notamos que as escolhas pelos jogos vão se modificando passando a uma outra categoria, de jogos tradicionais infantis para os jogos de caráter mais esportivo. É importante ressaltar que esta preferência recebe não só influência dos conteúdos programáticos da escola como do incentivo da mídia.

É no espaço de tempo de aproximadamente três ou quatro anos de convivência com grupo novos líderes e perpetuadores ocupam a função de transmitir a prática de jogos. Encontramos então uma alta rotatividade de perpetuadores que se formam no decorrer dos anos nos grupos de jogos de rua.

É importante ressaltar que dentro do conceito dos jogos tradicionais infantis o elemento anonimato é muito forte devido não ser possível de controle da proliferação dos inúmeros jogos e brincadeiras transmitidas ao longo dos anos em diversos grupos.

Quando perguntamos as crianças sobre a origem dos jogos e dos agentes perpetuadores a única possibilidade dada foi a de que uma pessoa ou uma criança mais velha deve ter ensinado, mas com quem estes aprenderam encontramos na maioria das vezes a resposta: “- não tenho a mínima idéia.” Podemos então afirmar que ao longo dos anos as gerações passadas vão se perdendo para dar lugar ao anonimato da oralidade no tempo. Um outro elemento importante é o da transformações de um mesmo jogos no decorrer do tempo, que as vezes de região

para região ou de poucas mudanças de regras recebem nomes diferentes ou muito próximos do antigo jogo do qual se originou.

Aos poucos as transformações interferem no ambiente de jogos das crianças, surgem novas necessidades de adaptações e formas de brincar por parte dos jogadores.

Lembremos o jogo de bolinhas de gude: antes suas birocas eram feitas e demarcadas em lugar com terra ou areia, possibilitando um jogo mais lento pelo tipo de terreno jogado e a facilidade de fazer os buracos na terra, deram lugar a perfurações no asfalto feitas com chave de fenda. Sem contar, o jogo ficou mais ágil no sentido de que o asfalto faz as bolinhas deslizarem com maior velocidade exigindo nova aquisição de destreza a ser desenvolvida.

Entre relatos de avós, pais e a participação de seus filhos no grupo que brinca na rua ressaltamos que, apesar do patrimônio infantil dos jogos de rua ser transmitido pelas próprias crianças, salvo as promoções de antigos jogos transformados em novos jogos no pacotinhos e promoções de colecionadores⁹³ de brinquedinhos nos perguntamos quem são as crianças que ainda jogam na rua.

Nesse estudo vamos encontrar crianças pertencentes a classe média e baixa, onde o espaço em que moram permitem a presença destas brincadeiras no

⁹³ No decorrer dos anos de 1995 à 1998 encontramos em alguns produtos brindes que propõem aos consumidores joguinhos lançados como novidades que na realidade são praticados há muito tempo. Citamos aqui a promoção da empresa Coca-cola com gelouco que apresenta regras próximas ao jogo Cabecinha (tipo de jogos de bolinhas de gude que são substituídos pelas peças geloucos, as a bolinhas de gude com fotografias dos jogadores da copa do mundo de 1998 e nos salgadinhos Elma Chips o jogos dos tazos que é próximo ao jogo de bater figurinhas, mas que apresenta um Master Tazô que substitui o papel da mão no antigo jogo.

ambiente da rua. Em outros casos, vamos encontrar crianças de classe média e alta ou brincando no próprio condomínio, em clubes, hotéis de turismo ou brinquedotecas particulares. Apenas apontamos diferentes espaços em que crianças de diversas classes transitam, brincam e se utilizam dos jogos tradicionais infantis.

O que fica, o que significa, é que as crianças continuam sonhando, fantasiando e perpetuando como guardiões dos jogos coletivos de nossa sociedade um tesouro não enterrado, mas sim, muito precioso que inconscientemente entram em contato. A todas as crianças, que continuem brincando, porque o brincar liberta!

Aos adultos, fica a reflexão do brincar como néctar essencial a alma, ao processo lúdico que desenvolvemos durante a experiência de estarmos vivos.

C. et alii. Qualidade e intensidade do afeto como determinantes da memória cotidiana. In: *Psicologia: teoria e pesquisa*, v.6, n.2, p.111-23, maio/agosto, 1990.

ALVES, R. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

AMONACHILI, C. Um impulso vital. In: *Correio da Unesco. Brincadeiras e jogos*. Brasil, n.7, julho, 1991, p.14-17.

ANDRÉ, M. E. D. A. & LÖDEI, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. São Paulo: Papirus, 1995.

ARIES, P. A história da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AUXILIAR. Arapucas, balões e castelos: da felicidade à nostalgia. Ano VII, n.39, p.19-23, maio/junho, 1979.

AZEVEDO, R. Nessa rua tem um problema. São Paulo: Atica, 1993.

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.



O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BÓSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.

BOUSQUET, M. Um oásis de felicidade. In: *Correio da Unesco. Brincadeiras e Jogos*. Brasil, n.7, julho, 1991, p.5-9.

BROUGÈRES, G. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1993.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1983.

BIBLIOGRAFIA

O poder do mito. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CARDOSO, S. E. *Brincadeiras Populares: memória da arte de brincar contribuindo para a construção das regras sociais e da autonomia. Um estudo de caso na praia de Iguapema-PR*. In: *Caderno de Metodologia e Técnica de Pesquisa: revista anual de pesquisa - UEM, Departamento de Fund. da Educação / Área de Melep*, n.5, p.113-23, 1994.

ADES, C. et alli. Qualidade e intensidade do afeto como determinantes da memória cotidiana. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**. v.6, n.2, p.111-23, maio/agosto, 1990.

ALVES, R. **Sobre o tempo e a eternidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

AMONACHVLI, C. Um impulso vital. In: *Correio da Unesco. Brincadeiras e jogos*. Brasil, n.7, julho, 1991, p.14-17.

ANDRÉ, M. E. D. A. & LÜDKE M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.

ARIÉS, P. **A história da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AUXILIAR. **Arapucas, balões e castelos: da felicidade à nostalgia**. Ano VII, n.39, p.19-23, maio/junho, 1979.

AZEVEDO, R. **Nossa rua tem um problema**. São Paulo: Ática, 1993.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.



- _____. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BÓSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BOUSQUET, M. Um oásis de felicidade. In: Correio da Unesco. **Brincadeiras e jogos**. Brasil, n.7, julho, 1991, p.5-9.
- BROUGÈRES, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1988.
- _____. **O poder do mito**. São Paulo: Pala Athena, 1990.
- CARDOSO, S. R. Brincadeiras Populares: memória da arte de brincar contribuindo para a construção das regras sociais e da autonomia. Um estudo de caso na praia de Ipanema-PR. In: **Caderno de Metodologia e Técnica de Pesquisa: revista anual de pesquisa - UEM**. Departamento de Fund. da Educação / Área de Metep. n.5, p.113-23, 1994.
- _____. **Brincadeiras Populares: memória da cultura na contemporaneidade**. (Mimeo).
- CARVALHO, B. Mundo será eriorilo, diz o escritor Patrick Chamoiseau. **Folha de São Paulo**, p.1-4, 13-09-1993.
- _____. História oral quer registrar vida cotidiana. **Folha de São Paulo**, p.5-3, 28-03-1994.
- CASCUDO, L. C. **Antologia do folclore brasileiro**. 3 ed., v.1. São Paulo: Martins Editora, 1965.
- CHAMOISEAU, P. **Texaco**. São Paulo: Cia de Letras, 1993.
- CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.
- CHAVALIER, J. & GHEERBRANT, A. **Dicionários de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- COMOE-KROU, B. O lúdico e o sagrado na África. In: Correio da Unesco. **Brincadeiras e jogos**. Brasil, n.7, julho, 1991, p.22-25.

CONWAY, M. A. In Defense of Everyday Memory. In: **American Psychologist**. v.46, n.1, p.19-26, january, 1991.

CORNELL, J. **Brincar e aprender com a natureza**. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Editora Senac, São Paulo, 1996.

CORREIO DA UNESCO. **Brincadeiras e jogos**. Brasil, n.7, ano 19, julho, 1991.

_____. **Memórias das ruas**. Brasil, outubro, 10, ano 17, 1989.

Dicionário de filosofia. Buenos Aires, 1958.

Dictionnaire de la philosophie. Larrousse, 1964

Ensayo de un diccionario Mitológico Universal, 1958.

ESTÉS, C. P. **O jardineiro que tinha fé**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FAZENDA, I. & SOARES, M. Metodologias não convencionais em teses acadêmicas. In: FAZENDA, I. (Org.) **Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. São Paulo: Papirus, 1995.

FAZENDA, I. (Org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. São Paulo: Papirus, 1995.

FENTRESS, J & WICKHAM, C. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1992.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: O método biográfico e a formação. NÓVOA, A & MATHIAS, F. (Org). Lisboa: **Cadernos de Formação**, 1988. p.19-34.

FERREIRA, M. & AMADO, J. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FRIEDMANN, A et al. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, ABRINQ, 1992.



- _____. **A arte de brincar.** São Paulo: Scritta, 1995.
- _____. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil.** São Paulo: Moderna, 1996.
- HALBWACHS, M. **Memória coletiva.** São Paulo: Vétice, 1990.
- HOBSBAWNN, E. & RANGER, T. A invenção das tradições. In: **A produção em massa das tradições: Europa, 1870 a 1914.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HUIZINGA, J. **Homo ludena.** São Paulo: Perspectiva, 1980.
- IANNI, O. (Org). Florestan Fernandes. In: **O folclore de uma sociedade em mudança.** São Paulo: Ática, 1991.
- Jogos Tradicionais Infantis do Brasil.** V I a VIII, LABRIMP, 1992.
- JOHNSON, G. **Nos palácios da memória.** São Paulo: Siciliano, 1994.
- KENSKI, V. M. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, I. (Org.) **Pesquisa em educação e as transformações do conhecimento.** São Paulo: Papirus, 1995.
- KISCHIMOTO, T. **Jogos tradicionais infantil.** Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- _____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 1995.
- KISCHIMOTO, T. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1994.
- LANGNESS, L. L. **História de vida na ciência antropológica.** Coleção Antropologia e Sociologia. São Paulo: Epu, 1973.
- LEBOVICI, S. & DIATKINE, R. **Significado e função do brinquedo na criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LIGHTMAN, A. **Sonhos de Einstein.** São Paulo: Campanha das Letras, 1993.
- MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia.** 3ed., São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MC COMARCK, P. D. Autobiographical Memory in Aged. In: **Canadian Journal of Psychology**. V.33, n.2, p.118-24, june/juin, 1979.

MC CULLERS, C. **A balada do café triste**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

NOVAES, et alli. O olhar. In: GONÇALVES, J. M. **Olhar e memória**. São Paulo: Cia de Letras, 1988.

OLIVEIRA, P. S. **Brinquedo e indústria cultural**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos**. v.I e II. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

OPIE, I. **The people in the playground**. New York: Oxford University Press, 1993.

PAGLIARO, M. T. Brincadeiras de Antigamente. **O Estado de São Paulo**, Suplemento Feminino, 21-02-1993.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PIMENTA, A.C. **Sonhar, brincar, criar, interpretar**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

POMPÉIA, R. **O ateneu**. São Paulo: Ática, 1981.

PSICOLOGIA, USP. **Memória**. V.4, n.1 e 2, 1993.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Editora T. A. Queiroz, 1991.

RIBEIRO, B. Literatura oral indígena: o exemplo desâna. In: **Ciência Hoje** - Revista de divulgação SBPC. v.12, n.72, p.30-7, abril/maio, 1991.

SANTOS, S. M. P. (Org.) **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCHEINES, G. As regras do jogo. In: Correio da Unesco. **Brincadeiras e jogos**. Brasil, n.7, julho, 1991, p.11-13.



SILVA, et alli. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.** São Paulo: Cortez/Cenpec, 1989.

THOMPSON, P. S. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZANLORENZI, E. **A preservação do lúdico: brinquedos e brincadeiras tradicionais.** (mimeo).

_____. Você quer brincar? In: **Comunicarte.** Campinas: IAC/PUCCAMP, 1989/90, n.13-14, p.26-34.

WINNICOTT, C, SHEPHERD, R, DAVIS, M.(Org). **Explorações Psicanalíticas D. W. Winnicott.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FILMES

História sem fim III. História de Karin Howard. Europa Carat Home Vídeo, 1995.

O menino Maluquinho. Ziraldo. Ed. Melhoramentos.

Pocahontas: o encontro de dois mundos. Abril Vídeo. Walt Disney, 1995.

A espada era a lei. História de Bill Peet. Abril Vídeo. Walt Disney, 1993.

Hook: A volta do capitão gancho. História baseada na obra de J. M. Barrie. Lk Tel Vídeo, 1992.

Forrest Gump: o contador de histórias. História de Winston Groom. Paramount Pictures, 1994.

MÚSICAS

Música de Milton Nascimento e Fernando Brant. **O menino maluquinho.** LP, A festa do menino maluquinho, 1995.

Música de Milton Nascimento e Fernando Brant. **Bola de meia, bola de gude.** Lp, Amigo, 1994.

Música de Elis Regina, Jardins de Infância, disco "**Falso Brilhante**" Polygram.

Música de Caetano Veloso, "**Sampa**", Personalidade I, Polygram.



